MARADONA OU PELÉ: QUEM É O MELHOR? E NEYMAR, TÁ NA LISTA?

EDIÇÃO 1435 / JANEIRO 2018

Abril

ESPECIAL

100 CRAQUES DAS COPAS DA PLACAR

NINGUÉM NOS CONTOU: **DE 1970 A 2014** ELEGEMOS OS MELHORES JOGADORES DOS MUNDIAIS QUE VIMOS DE PERTO

Nós vivemos o futebol de perto

Caro Leitor, você está lendo mais uma edição de Placar. Desta vez um conteúdo totalmente digital. Placar, como já contamos aqui, não é mais apenas uma revista mensal impressa. Atualizamos nossos formatos e, hoje, entregamos a vocês uma Placar multiplataformas. São revistas impressas, livros, nossos tradicionais Guias, sempre com conteúdos especiais e baseados em nossa longa história de 48 anos de jornalismo, cobrindo, acompanhando, contando e mantendo o maior acervo de futebol do país. É desse imenso acervo que disponibilizamos mês a mês, não importa em que formato, a melhor informação aos amantes do futebol. Ninguém viu mais futebol que a gente nestas últimas cinco décadas. É um privilégio para nossa equipe poder contar histórias que vivemos e que estamos vivendo. Nosso acervo fotográfico é o mais rico e organizado do Brasil. São milhões de fotografias, como as imagens coloridas da Copa de 70, nesta edição, clicadas por fotógrafos da Placar em suas muitas voltas pelo planeta, sempre mostrando a verdadeira paixão pelo futebol!

A imagem imortal da comemoração de gol de Carlos Alberto Torres, feita pelo genial Lemyr Martins, na Copa de 1970, para Placar: as cores do futebol

Um ranking que nasceu campeão

PLACAR SURGIU CAMPEÃ, JUNTO COM O BRASIL DE PELÉ E COMPANHIA. POR ISSO, ELEGEMOS OS MELHORES DE NOSSA GERAÇÃO

Quem seria o melhor das Copas de 1970 até 2014?

© LEMYR MARTINS

Listas, rankings, eleições são sempre complicados quando envolvem a maior paixão do brasileiro: o futebol. Por isso, não pretendemos e não seremos os donos da verdade, mas não podemos deixar de defender nossa opinião sobre quem são os maiores craques, do número 1 ao 100, das Copas de 1970 até 2014. E por que apenas desse período? Porque não precisamos perguntar a ninguém e sim recorrer às nossas próprias referências, nossa própria história. E porque entendemos serem estes últimos 48 anos os mais comparáveis em termos de futebol moderno.

Placar nasceu pouco antes, e por causa da Copa de 1970, disputada no México. Daquela época em diante, nossas equipes acompanharam de perto os mundiais e o futebol internacional – desde quando nem sequer o Campeonato Italiano passava na televisão. Hoje podemos observar jogos da Ucrânia, se quisermos. Foram centenas de perfis, análises, reportagens, entrevistas, fotos, áudios que recortam um período muito rico do futebol mundial. Tudo ao nosso alcance, em nossos arquivos e edições impressas e digitais.

Todo esse acúmulo de informações nos fornece dados, estatísticas, além de relatos, depoimentos, análises, como já foi dito, que balizaram nossas escolhas. Dos nomes às posições que iriam ocupar. Muitos jogadores foram e alguns ainda são craques em seus clubes, em sua vida, mas em Copas do Mundo não renderam o que era esperado. Neymar, por exemplo, disputou uma Copa, a de 2014, no Brasil. Embora fosse o grande nome da seleção, sua contusão atrapalhou sua presença no ranking que estabelecemos – sem contar o fracasso do nosso time em casa. Mas Neymar entraria em qualquer lista, muito bem colocado, se esta escolha fosse mais ampla, para os craques de todas as competições dos últimos 48 anos.

Também vamos ter nomes menos familiares ao brasileiros nesta relação, como o atacante da ex-União Soviética Blokhin ou o careca Lato, craque polonês e de pouca lembrança por aqui. Veremos uma legião de alemães, de holandeses, muitos que introduziram o que há de mais moderno no futebol desse período coberto por nossas escolhas.

Temos ainda uma disputa que parece óbvia para nós, brasileiros, sobre quem seria o número 1: Pelé ou Maradona? Nao foi fácil a escolha. Pelé disputou e venceu em 1970. Tinha nomes absurdamente incríveis ao seu lado, muitos neste ranking, mas Maradona disputou quatro mundiais, levou o título de 1986, carregando a Argentina nas costas, com gol de mão e catimba. Fracassou em 1982, claro, mas em 1990 levou sua seleção a mais uma final. Parecia fácil, a escolha; não foi. Mas ele foi mal e ainda foi pego no doping na Copa de 1994, nos Estados Unidos, um ponto negativo.

Tivemos a humildade de reconhecer nossos carrascos, sem ressentimentos. Lembrar aqueles que nos fizeram chorar, como em 1982, na Espanha, em 1998, na França. E recordar ainda aqueles que nos deram a maior de todas as bordoadas, em 2014. Divirta-se, concorde, discorde – só não fique indiferente. Conte pra gente: qual seria o ranking da sua escolha?

Do 1º ao 10º

1º PELÉ

Rei de Copas

Ele achava que não dava sorte em Copas do Mundo. Apesar de ter estreado em mundiais com apenas 17 anos – e já levantando a taça –, Pelé chegou à Suécia lesionado. Só entrou na terceira partida, ajudando o Brasil a demolir a União Soviética. Nas quartas de final, contra o País de Gales, iniciou o show que duraria quatro Copas. Deu um meio chapéu no adversário e chutou contra a sola do zagueiro galês: gol da classificação. Na semifinal contra a França, marcou os três últimos gols e, na final contra os suecos, mais dois – um deles com direito a chapéu no zagueiro e chute de sem-pulo. Nascia o Rei do Futebol!

Em 1962, já bicampeão mundial pelo Santos, chegou ao Chile como a maior estrela do futebol. Uma distensão, no entanto, só permitiu que ele jogasse até o início da segunda partida, tempo suficiente para deixar sua marca no bi com um gol contra os mexicanos. Em 1966, a Europa se uniu para barrar o Brasil, e Pelé foi caçado em campo por zagueiros búlgaros e portugueses. Ficou a imagem do Rei sendo carregado pelo massagista Mário Américo. Pensou (e disse) que ia desistir da seleção. Mas o coração falou mais alto e, em 1970, finalmente pôde disputar uma Copa do seu jeito. Ninguém segurou Sua Majestade no México. Pelé marcou, armou, lançou driblou, bateu faltas... O Rei eterno.

EDSON ARANTES DO NASCIMENTO

Nascimento
23/10/1940
Nacionalidade
brasileiro
Posição
meia-atacante

4 Copas
3 títulos ★★★
(1958/62/70)
14 jogos | 12 gols

Partidas

1958 (4 J | 6 G)
Brasil 2 x 0 Un. Soviética
Brasil 1 x 0 País de Gales
Brasil 5 x 2 França
Brasil 5 x 2 Suécia

1962 (1 J | 1 G)
Brasil 2 x 0 México
Brasil 0 x 0 Tchecoslov.

1966 (3 J | 1 G)
Brasil 2 x 0 Bulgária
Brasil 1 x 3 Portugal

1970 (6 J | 4 G)
Brasil 4 x 1 Tchecoslov.
Brasil 1 x 0 Inglaterra
Brasil 3 x 2 Romênia
Brasil 4 x 2 Peru
Brasil 3 x 1 Uruguai
Brasil 4 x 1 Itália

O gesto imortal, o maior de todos os tempos. Não tem pra ninguém: simplesmente Pelé

© LEMYR MARTINS

O gênio argentino

O planeta conheceu Maradona no Campeonato Mundial de Juniores de 1979, no Japão. Melhor jogador da competição, levou os argentinos ao título. No mesmo ano, foi artilheiro do Campeonato nacional e escolhido o melhor jogador sul-americano. Assim, chegou à Copa de 1982 cercado de grande expectativa. Decepcionou, foi expulso por uma jogada desleal na partida contra o Brasil. Consagrou sua genialidade na Copa de 1986, no México. Contra a Inglaterra, El Pibe de Oro marcou dois gols históricos. Naquele que é considerado o mais bonito de todas as Copas, pegou a bola no campo de defesa e saiu driblando todos os ingleses que apareceram no caminho, inclusive o goleiro. No outro, enfiou a mão na bola. A "mão de Deus", como ele mesmo definiu, dando um toque de arte na malandragem.

Em 1990, na Itália, fez uma Copa heroica, levando uma esfrangalhada Argentina ao vice-campeonato. Em 1994, depois de suspensões por doping de cocaína, Dieguito parecia ter voltado à melhor forma. Mas acabou flagrado no exame antidoping. Terminava ali, como um tango, a trajetória do maior jogador do mundo depois de Pelé.

Quem segurou Maradona em 1986, no México? Ninguém, muito menos estes ingleses

© RICARDO CORRÊA

DIEGO ARMANDO MARADONA

Nascimento
30/10/1960
Nacionalidade
argentino
Posição
meia

4 Copas
1 título (1986) ★
19 jogos | 8 gols

Partidas

1982 (5 J | 2 G)
Argentina 0 x 1 Bélgica
Argentina 4 x 1 Hungria
Argentina 2 x 0 El Salvador
Argentina 1 x 2 Itália
Argentina 1 x 3 Brasil

1986 (7 J | 5 G)
Argentina 3 x 1 Coreia do Sul
Argentina 1 x 1 Itália
Argentina 2 x 0 Bulgária
Argentina 1 x 0 Uruguai
Argentina 2 x 1 Inglaterra
Argentina 2 x 0 Bélgica
Argentina 3 x 2 Alemanha Ocidental

1990 (5 J | 0 G)
Argentina 0 x 1 Camarões
Argentina 2 x 0 URSS
Argentina 1 x 1 Romênia
Argentina 1 x 0 Brasil
Argentina 0 x 0 Iugoslávia (3 x 2 nos pênaltis)
Argentina 1 x 1 Itália (4 x 3 nos pênaltis)
Argentina 0 x 1 Alemanha Ocidental

1994 (2 J | 1 G)
Argentina 4 x 0 Grécia
Argentina 2 x 1 Nigéria

3º RONALDO

O Fenômeno e sua saga

Se o parâmetro para comparações incluir os títulos com a seleção, Ronaldo Luis Nazário de Lima é certamente um dos maiores jogadores da história. Comemorou duas conquistas em Copa do Mundo e outras duas em Copa América. Em 2006, no México, consagrou-se como maior artilheiro em Copas do Mundo, ao alcançar 15 gols, recorde quebrado pelo alemão Klose, em 2014.

Em 1994, embora não tenha chegado a atuar, Ronaldo tornou-se campeão mundial aos 17 anos, apenas um mês e 19 dias mais velho que Pelé em 1958. Eleito melhor do mundo em 1996 e 1997, o Fenômeno chegou à Copa de 1998 como o principal trunfo para a busca do penta. No entanto, tornou-se a principal estrela da decisão por outro motivo: horas antes do jogo, sofreu uma convulsão. Chegou a entrar em campo, mas foi apenas mais um fantasma a assistir à vitória esmagadora da França, diante de uma atuação apática dos brasileiros.

Em 2002, após três cirurgias nos joelhos, muitos o consideravam um ex-jogador. Disposto a recuperar a oportunidade desperdiçada quatro anos antes, Ronaldo fez uma Copa que poucos imaginavam. Não só comemorou o título, como marcou duas vezes na decisão contra a Alemanha, terminando o torneio como artilheiro, com oito gols.

O Fenômeno corre para comemorar o gol de biquinho de chuteira contra a Alemanha: é penta

© RICARDO CORRÊA

RONALDO LUÍS NAZÁRIO DE LIMA

Nascimento
22/9/1976
Nacionalidade
brasileiro
Posição
atacante

4 Copas
2 títulos ★★
(1994/2002)
19 jogos | 15 gols

Partidas

1994 (0 J | 0 G)

1998 (7 J | 4 G)
Brasil 2 x 1 Escócia
Brasil 1 x 2 Noruega
Brasil 3 x 0 Marrocos
Brasil 4 x 1 Chile
Brasil 3 x 2 Dinamarca
Brasil 1 x 1 Holanda
(4 x 2 nos pênaltis)
Brasil 0 x 3 França

2002 (7 J | 8 G)
Brasil 2 x 1 Turquia
Brasil 5 x 2 Costa Rica
Brasil 4 x 0 China
Brasil 2 x 0 Bélgica
Brasil 2 x 1 Inglaterra
Brasil 1 x 0 Turquia
Brasil 2 x 0 Alemanha

2006 (5 J | 3 G)
Brasil 1 x 0 Croácia
Brasil 2 x 0 Austrália
Brasil 4 x 1 Japão
Brasil 3 x 0 Gana
Brasil 0 x 1 França

4º ZIDANE

Espetáculo em campo

Zidane esbanjou talento, controle de bola e visão de jogo. Se Platini ainda é considerado o maior jogador da história do futebol francês, Zizou tem a vantagem de ter sido o principal responsável pela conquista da Copa de 1998. Mas conquistar aquele campeonato em casa não foi fácil. Depois de uma estreia nervosa, Zizou ficou fora de dois jogos devido a uma expulsão (pisou num adversário na partida contra a Arábia). Voltou com força total, infelizmente para o Brasil: o craque despertou na decisão. Em escanteios, assinalou dois gols de cabeça, selando nossa derrota ainda no primeiro tempo. Além do título inédito, levou os prêmios de melhor jogador da Copa, da Europa e do mundo.

Em 2000, maestro da conquista da Eurocopa, terminou o ano mais uma vez como melhor do mundo pela Fifa. Em 2002, quando o mundo apostava no bi francês, tudo deu errado. Lesionado, Zidane entrou no sacrifício na terceira partida da primeira fase, mas não impediu a humilhante eliminação sem nenhuma vitória. Na Copa de 2006, levou a França à final, mas protagonizou um momento bizarro, ao acertar uma cabeçada em Materazzi, após ser provocado pelo zagueirão, tornando-se símbolo daquela derrota para a Itália.

ZINEDINE YAZID ZIDANE

Nascimento
23/6/1972
Nacionalidade
francês
Posição
meia

3 Copas
1 título (1998) ★
12 jogos | 5 gols

Partidas

1998 (5 J | 2 G)
França 3 x 0 África do Sul
França 4 x 0 Arábia Saudita
França 0 x 0 Itália
França 2 x 1 Croácia
França 3 x 0 Brasil

2002 (1 J | 0 G)
França 0 x 2 Dinamarca

2006 (6 J | 3 G)
França 0 x 0 Suíça
França 1 x 1 Coreia do Sul
França 3 x 1 Espanha
França 1 x 0 Brasil
França 1 x 0 Portugal
França 1 x 1 Itália
(3 x 5 nos pênaltis)

Aquela cena que a gente cansou de ver e rever e sempre dói: Zidane matando o Brasil em 98

5º ROMÁRIO

Baixinho decisivo

Artilheiro quando vencemos o tetracampeonato mundial, em 1994, Romário é comparado por muitos a Garrincha e a Maradona pelo papel decisivo que teve na conquista de uma Copa do Mundo. Após marcar dois gols contra o Uruguai, no Maracanã, pelas Eliminatórias, garantindo a vaga do Brasil no mundial, o Baixinho prometeu que voltaria com o título. A seleção brasileira amargava um jejum de 24 anos. Romário cumpriu a promessa: em sete jogos, marcou cinco gols, e, apesar de não treinar pênaltis, na decisão contra a Itália, pediu para bater e converteu. Com um arranque rápido, muita habilidade, ótimo cabeceio e um faro de gol inigualável, Romário teve contra si a fama de baladeiro, marrento e enjoado para treinar. Mesmo assim, só não jogou mais pela seleção nacional por outras razões.

Em 1990, após participar de um jogo, assistiu do banco, lesionado, à eliminação diante da Argentina. Em 1998, acabou cortado, também por lesão, às vésperas da Copa. Já em 2001, depois de pedir licença da Copa América, alegando a realização de uma cirurgia óptica, Romário viajou com o Vasco para vários amistosos no México. O incidente irritou o técnico Luiz Felipe Scolari, que barrou sua convocação para 2002.

ROMÁRIO DE SOUZA FARIA

Nascimento
29/1/1966
Nacionalidade
brasileiro
Posição
atacante

2 Copas
1 título (1994) ★
8 jogos | 5 gols

Partidas

1990 (1 J | 0 G)
Brasil 1 x 0 Escócia

1994 (7 J | 5 G)
Brasil 2 x 0 Rússia
Brasil 1 x 1 Suécia
Brasil 3 x 0 Camarões
Brasil 1 x 0 Estados Unidos
Brasil 3 x 2 Holanda
Brasil 1 x 0 Suécia
Brasil 0 x 0 Itália
(3 x 2 nos pênaltis)

Romário cercado: foi assim, escapando do marcadores, que ele nos conduziu ao tetra

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

6º BECKENBAUER

Imperador dos mundiais

Com apenas 21 anos, Franz Beckenbauer fez três gols na Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra, e passou a ser considerado uma das maiores promessas do futebol mundial. Em 1970, voltou a se destacar pelo futebol e por ter disputado a prorrogação da semifinal contra a Itália com um braço imobilizado devido a uma luxação na clavícula. Melhor jogador da Europa em 1972 e 1976, o Kaiser (imperador) não chamava atenção apenas pelo futebol vigoroso, pela habilidade ímpar para o desarme sem faltas, pela saída de jogo com passes precisos, curtos ou longos, ou pelo chute forte de longa distância. Beckenbauer impressionava pelo porte, com a cabeça erguida e as largas passadas. Era um líder natural, capitão do Bayern desde os 22 anos e da seleção por uma década. Seu apogeu como jogador se deu com o título da Copa de 1974. Capitão, ajudou também a escalar e esquematizar o time. Depois de pendurar as chuteiras, assumiu o comando da seleção alemã e conquistou a Copa de 1990.

Momento heroico: Beckenbauer jogando com o braço preso a uma tipóia

FRANZ ANTON BECKENBAUER

Nascimento
11/9/1945
Nacionalidade
alemão
Posição
zagueiro

3 Copas
1 título (1974) ★
18 jogos | 4 gols

Partidas

1966 (6 J | 3 G)
Alemanha Ocidental 5 x 0 Suíça
Alemanha Ocidental 0 x 0 Argentina
Alemanha Ocidental 2 x 1 Espanha
Alemanha Ocidental 4 x 0 Uruguai
Alemanha Ocidental 2 x 1 União Soviética
Alemanha Ocidental 2 x 4 Inglaterra

1970 (5 J | 1 G)
Alemanha Ocidental 2 x 1 Marrocos
Alemanha Ocidental 5 x 2 Bulgária
Alemanha Ocidental 3 x 1 Peru
Alemanha Ocidental 3 x 2 Inglaterra
Alemanha Ocidental 3 x 4 Itália

1974 (7 J | 0 G)
Alemanha Ocidental 1 x 0 Chile
Alemanha Ocidental 3 x 0 Austrália
Alemanha Ocidental 0 x 1 Alemanha Oriental
Alemanha Ocidental 2 x 0 Iugoslávia
Alemanha Ocidental 4 x 2 Suécia
Alemanha Ocidental 1 x 0 Polônia
Alemanha Ocidental 2 x 1 Holanda

Craque completo

Johan Cruyff mudou o futebol. Simplesmente porque não suportava a ideia de ficar lá na frente esperando a bola chegar. Ele sabia marcar, tinha um fôlego invejável, era exímio no controle de bola em velocidade, capaz de chutes longos e certeiros, driblava com facilidade, sempre para a frente, e, pasmem: até batia lateral. E pensar que, quando criança, usava aparelhos ortopédicos que quase o impediam de andar. Sua história começou a mudar quando a mãe foi trabalhar como faxineira no Ajax e achou que o futebol daria mais força às pernas do filho. Quando Cruyff e Rinus Michels se uniram, tornaram o Ajax o maior time da Europa. Quando os dois chegaram à seleção, transformaram o futebol. O Carrossel Holandês espantou o mundo na Copa de 1974 com o chamado futebol total. Cruyff virou uma estrela de primeira grandeza... mas os alemães ficaram com o título. Frustrado e brigado com a federação holandesa, Cruyff, homem de temperamento difícil, abandonou a seleção pouco antes da Copa de 1978. Mas, então, já era um dos maiores jogadores europeus de todos os tempos.

HENDRIK JOHANNES CRUYFF

Nascimento
25/4/1947
Nacionalidade
holandês
Posição
meia

1 Copa
7 jogos | 3 gols

Partidas
1974 (7 J | 3 G)
Holanda 2 x 0 Uruguai
Holanda 0 x 0 Suécia
Holanda 4 x 1 Bulgária
Holanda 4 x 0 Argentina
Holanda 2 x 0 Alemanha Oriental
Holanda 2 x 0 Brasil
Holanda 1 x 2 Alemanha Ocidental

Johan Cruyff em ação: múltiplos talentos em campo

8º RIVALDO

O cara de 2002

O talento de Rivaldo ninguém discute. Bola de Ouro como melhor jogador europeu e apontado pela Fifa como melhor do mundo em 1999, o pernambucano de passadas largas, drible fácil e um tiro mortal de pé esquerdo, no entanto, sempre sofreu restrições pela falta de combatividade.

As críticas pioraram com a decepcionante medalha de bronze na Olimpíada de 1996, quando errou um passe no meio de campo e armou o gol da vitória da Nigéria na semifinal. Rivaldo, no entanto, calou a boca dos críticos na Copa da França. Foi o grande destaque brasileiro e fez gols decisivos, como os dois na vitória sobre a Dinamarca. Com a derrota na final, as críticas voltaram e ele teve que mostrar em campo seu valor, mais uma vez. Centro criativo do time brasileiro, Rivaldo foi o vice-artilheiro da Copa de 2002, fazendo gols em cinco jogos. Marcou a campanha do tetra, ainda, pela simulação que provocou a expulsão do zagueiro Alpay, na partida de estreia contra a Turquia, que lhe rendeu uma multa da Fifa. O fato deve ter pesado no prêmio de melhor jogador da Copa, para o qual era um dos favoritos. Terminou num injusto quarto lugar.

Bom de bola e ruim de mídia, o tímido Rivaldo tem sido reconhecido e colocado no seu devido lugar: genial!

RIVALDO VÍTOR BORBA FERREIRA

Nascimento
19/4/1972
Nacionalidade
brasileiro
Posição
meia

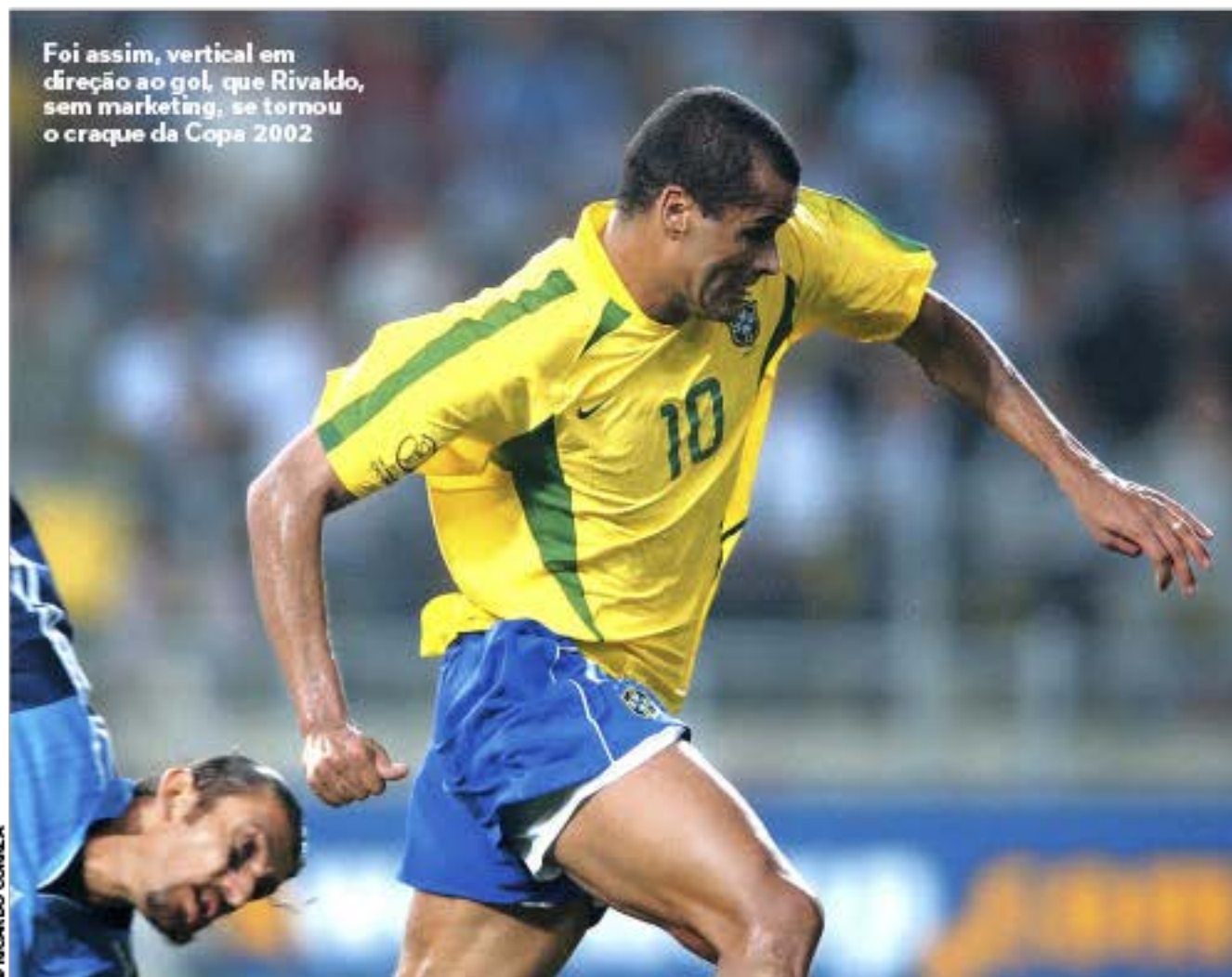
2 Copas
1 título (2002) ★
14 jogos | 8 gols

Partidas

1998 (7 J | 3 G)
Brasil 2 x 1 Escócia
Brasil 3 x 0 Marrocos
Brasil 1 x 2 Noruega
Brasil 4 x 1 Chile
Brasil 3 x 2 Dinamarca
Brasil 1 x 1 Holanda
(4 x 3 nos pênaltis)
Brasil 0 x 3 França

2002 (7 J | 5 G)
Brasil 2 x 1 Turquia
Brasil 4 x 0 China
Brasil 5 x 2 Costa Rica
Brasil 2 x 0 Bélgica
Brasil 2 x 1 Inglaterra
Brasil 1 x 0 Turquia
Brasil 2 x 0 Alemanha

Foi assim, vertical em direção ao gol, que Rivaldo, sem marketing, se tornou o craque da Copa 2002

© RICARDO CORRÊA

9º PAOLO ROSSI

Carrasco franzino

Paolo Rossi era um atacante franzino, mas dentro da grande área se transformava num gigante. Aos 21 anos disputou a Copa na Argentina, em 1978, marcando três gols. Mas a carreira do Bambino d'Oro quase sucumbiu quando ele se envolveu num escândalo de manipulação de resultados na Itália. Suspenso por dois anos, voltou pouco antes da Copa de 1982 para levar a desacreditada Azurra ao tricampeonato. Ele despachou o Brasil, repleto de craques, comandados por Telê Santana, no jogo conhecido como a tragédia do Sarriá, fazendo os três gols da vitória e tornando-se um dos maiores carrascos de nossa história. Depois, matou a Polônia na semifinal com dois gols e assinalou um na final contra a Alemanha. Artilheiro da competição, foi o homem que colocou o decadente futebol italiano novamente nos trilhos, pelo menos por algum tempo, já que a Azurra é irregular a ponto de não ter se classificado para o mundial da Rússia neste ano.

Cena chata para nós, brasileiros: Paolo Rossi comemora mais um gol contra o Brasil, em 1982, no Sarriá

© PEDRO MARTINELLI

PAOLO ROSSI

Nascimento
23/9/1956
Nacionalidade
italiano
Posição
atacante

3 Copas
1 título (1982) ★
14 jogos | 9 gols

Partidas

1978 (7 J | 3 G)
Itália 2 x 1 França
Itália 3 x 1 Hungria
Itália 1 x 0 Argentina
Itália 0 x 0 Alemanha Ocidental
Itália 1 x 0 Áustria
Itália 1 x 2 Holanda
Itália 1 x 2 Brasil

1982 (7 J | 6 G)
Itália 0 x 0 Polônia
Itália 1 x 1 Peru
Itália 1 x 1 Camarões
Itália 2 x 1 Argentina
Itália 3 x 2 Brasil
Itália 2 x 0 Polônia
Itália 3 x 1 Alemanha Ocidental

1986 (0 J | 0 G)

Jovem goleador

Com apenas 19 anos, Kempes já estreava em uma Copa do Mundo, a da Alemanha. Titular da equipe, não se destacou e foi substituído em três jogos. Contudo, na Copa seguinte, em 1978, mostrou seu valor. Rápido, de passes curtos, chutes secos e arrancadas vertiginosas rumo à área, Kempes ganhou a Copa para a Argentina quase sozinho: fez seis gols, dois na final contra a Holanda. Foi escolhido para a seleção da competição e, naquele ano, ganhou o prêmio de melhor jogador da América do Sul. Tinha um visual diferenciado, com cabelos longos e esvoaçantes, muito em moda naquele período na Argentina. Em 1982, era a aposta de um bicampeonato, ao lado de Maradona, mas fracassou com todo o time. Até hoje, "El Matador" é o mais jovem goleador de um mundial. Quando parou de jogar, iniciou uma bem-sucedida carreira de comentarista esportivo. Foi eleito pelo jornal *Marca*, da Espanha, o maior centroavante da história do Valencia.

Olha a cabeleira do Kempes. Será que ele era craque? Até demais: comeu a bola em 1978

© LEMYR MARTINS

MARIO ALBERTO KEMPES

Nascimento
15/7/1954
Nacionalidade
argentino
Posição
atacante

3 Copas
1 título (1978) ★
18 jogos | 6 gols

Partidas

1974 (6 J | 0 G)
Argentina 2 x 3 Polônia
Argentina 1 x 1 Itália
Argentina 4 x 1 Haiti
Argentina 0 x 4 Holanda
Argentina 1 x 2 Brasil
Argentina 1 x 1 Alemanha Oriental

1978 (7 J | 6 G)
Argentina 2 x 1 Hungria
Argentina 2 x 1 França
Argentina 0 x 1 Itália
Argentina 2 x 0 Polônia
Argentina 0 x 0 Brasil
Argentina 6 x 0 Peru
Argentina 3 x 1 Holanda

1982 (5 J | 0 G)
Argentina 0 x 1 Bélgica
Argentina 4 x 1 Hungria
Argentina 2 x 0 El Salvador
Argentina 1 x 2 Itália
Argentina 1 x 3 Brasil

Do 11º ao 20º

11º MATTHÄUS

Senhor eficiência

A classe, a regularidade e a liderança transformaram Lothar Matthäus num recordista: é o jogador que mais disputou partidas de Copa do Mundo e o que mais vezes vestiu a camisa da Alemanha. Reserva na Copa de 1982, em 1986 se tornou um dos principais destaques da seleção vice-campeã. A consagração veio em 1990. Na Itália, onde já era chamado de "Rei de Milão" por ser campeão com a Internazionale, Matthäus fez quatro gols e comandou a equipe que ganhou de forma incontestável o mundial. Naquele ano, ainda arrebatou os prêmios de melhor jogador europeu e de melhor do mundo. Chegou aos EUA desacreditado, mas, dessa vez como líbero, foi peça-chave na campanha até as quartas de final. Voltou à seleção aos 37 anos para uma campanha discreta na Copa de 1998. Na despedida, Matthäus disse que sua carreira simbolizou a vitória da precisão e que ele, humildemente, sempre foi "obcecado pela eficiência".

Matthäus e a mania dos alemães de levantar o troféu

© BEST PHOTO AGENCY

LOTHAR MATTHÄUS

Nascimento 21/3/1961
Nacionalidade alemão
Posição meia

5 Copas
1 título (1990) ★
25 jogos | 6 gols

Partidas

1982 (2 J | 0 G)
Alemanha Ocidental 4 x 1 Chile
Alemanha Ocidental 1 x 0 Áustria

1986 (7 J | 1 G)
Alemanha Ocidental 1 x 1 Uruguai
Alemanha Ocidental 2 x 1 Escócia
Alemanha Ocidental 0 x 2 Dinamarca
Alemanha Ocidental 1 x 0 Marrocos
Alemanha Ocidental 0 x 0 México (4 x 1 nos pênaltis)
Alemanha Ocidental 2 x 0 França
Alemanha Ocidental 2 x 3 Argentina

1990 (7 J | 4 G)
Alemanha Ocidental 4 x 1 Iugoslávia
Alemanha Ocidental 5 x 1 Emirados Árabes
Alemanha Ocidental 1 x 1 Colômbia
Alemanha Ocidental 2 x 1 Holanda
Alemanha Ocidental 1 x 0 Tchecoslováquia
Alemanha Ocidental 1 x 1 Inglaterra (4 x 3 nos pênaltis)
Alemanha Ocidental 1 x 0 Argentina

1994 (5 J | 1 G)
Alemanha 1 x 0 Bolívia
Alemanha 1 x 1 Espanha
Alemanha 3 x 2 Coreia do Sul
Alemanha 3 x 2 Bélgica
Alemanha 1 x 2 Bulgária

1998 (4 J | 0 G)
Alemanha 2 x 2 Iugoslávia
Alemanha 2 x 0 Irã
Alemanha 2 x 1 México
Alemanha 0 x 3 Croácia

O capitão do penta

Reserva em 1994, Cafu entrou discretamente no decorrer de duas partidas. Assistiria à final no banco se Jorginho, o titular absoluto, não tivesse se machucado logo no início do jogo. Foi por anos o melhor lateral direito do planeta por causa de sua regularidade, eficiência na marcação, solidez no apoio e o fôlego impressionante. Ídolo na Roma, ganhou o apelido de Pendolino – o trem-bala italiano – pela velocidade com que chegava à linha de fundo. Na Copa de 1998, quando ficou fora da semifinal contra a Holanda, por causa de uma rara suspensão por cartões amarelos, a seleção sentiu sua falta. Cada vez que o reserva Zé Carlos se aproximava da bola, a torcida brasileira fechava os olhos. Além disso, Cafu foi um dos poucos que se salvaram na dura derrota diante da França. Quatro anos depois, chegou ao ápice da carreira. Antes da competição, o técnico Luiz Felipe Scolari havia justificado seu esquema tático dizendo que Cafu não sabia mais marcar. Pois o lateral defendeu e jogou como nunca. Elevado à condição de capitão, tornou-se o primeiro atleta a jogar três finais de Copa consecutivas, ganhando duas. Recordista de jogos com a camisa da seleção brasileira, Cafu disputou sua quarta Copa do Mundo, em 2006, na Alemanha.

Aí, Jardim Irene! Esta foi para vocês e para todos nós

© RICARDO CORRÊA

MARCOS EVANGELISTA DE MORAES

Nascimento
7/6/1970
Nacionalidade
brasileiro
Posição
lateral direito

4 Copas
2 títulos ★★
(1994 e 2002)
20 jogos | 0 gol

Partidas

1994 (3 J | 0 G)
Brasil 1 x 0 Estados Unidos
Brasil 3 x 2 Holanda
Brasil 0 x 0 Itália (3 x 2 nos pênaltis)

1998 (6 J | 0 G)
Brasil 2 x 1 Escócia
Brasil 3 x 0 Marrocos
Brasil 1 x 2 Noruega
Brasil 4 x 1 Chile
Brasil 3 x 2 Dinamarca
Brasil 0 x 3 França

2002 (7 J | 0 G)
Brasil 2 x 1 Turquia
Brasil 4 x 0 China
Brasil 5 x 2 Costa Rica
Brasil 2 x 0 Bélgica
Brasil 2 x 1 Inglaterra
Brasil 1 x 0 Turquia
Brasil 2 x 0 Alemanha

2006 (4 J | 0 G)
Brasil 1 x 0 Croácia
Brasil 2 x 0 Austrália
Brasil 3 x 0 Gana
Brasil 0 x 1 França

Melhor que Zidane

Michel Platini foi um craque genial, gentil e sorridente dentro e fora das quatro linhas, simbolizando o futebol bem jogado e elegante. Fazia muitos gols, era um exímio batedor de faltas e estrela maior de uma geração de craques que não conseguiu vencer uma Copa do Mundo.

Em 1978, em um grupo dificílimo, os franceses caíram após derrotas injustas para Itália e Argentina. Em 1982 jogavam, depois do Brasil, o futebol mais bonito da competição, mas perderam a batalha épica na semifinal contra a Alemanha. A decepção acabou compensada dois anos mais tarde com a conquista da Eurocopa, quando Platini foi o artilheiro e o melhor jogador da competição. Ele voltou a brilhar na Copa do México e fez o gol da França no empate contra o Brasil nas quartas de final. Mas de novo os alemães calaram a festa francesa na semifinal.

Considerado o maior jogador francês da história, maior mesmo que Zidane, Platini é o único jogador a receber três vezes consecutivamente o prêmio de melhor jogador da Europa (1983/1984/1985). Tornou-se dirigente da Uefa e parece ter esquecido os valores de um craque ao se envolver com escândalos de corrupção, que culminaram com seu banimento do futebol, pela Fifa, por oito anos, pena que, em 2016, foi reduzida para seis anos.

Craque em campo, ninguém discute, mas uma vergonha como dirigente

MICHEL FRANÇOIS PLATINI

Nascimento
21/6/1955
Nacionalidade
francês
Posição
meia

3 Copas
15 jogos | 5 gols

Partidas

1978 (3 J | 1 G)
França 1 x 2 Itália
França 1 x 2 Argentina
França 3 x 1 Hungria

1982 (6 J | 2 G)
França 1 x 3 Inglaterra
França 4 x 1 Kuwait
França 1 x 1 Tchecoslováquia
França 4 x 1 Irlanda do Norte
França 3 x 3 Alemanha Ocidental (4 x 5 nos pênaltis)
França 2 x 3 Polônia

1986 (6 J | 2 G)
França 1 x 0 Canadá
França 1 x 1 União Soviética
França 3 x 0 Hungria
França 2 x 0 Itália
França 1 x 1 Brasil (4 x 3 nos pênaltis)
França 0 x 2 Alemanha Ocidental

Jogador valente

O atacante Karl Rummenigge se consagrou no Bayern de Munique ao lado do volante Paul Breitner, a tal ponto que a torcida chamava o time de "Breitnigge". Centroavante técnico, inteligente e com grande espírito de liderança, "Kalle", como era conhecido, foi o grande nome da conquista da Eurocopa de 1980, além de ser eleito o melhor jogador da Europa em 1980 e 1981. Iluminava o pobre time alemão da Copa de 1978. Em 1982, fez uma partida inesquecível e três gols contra o Chile. Era o melhor atacante da competição até se machucar. Entrou no sacrifício na prorrogação contra a França e marcou, mas não impediu o título italiano na finalíssima. Era o capitão em 1986, mas passou a Copa sofrendo com dores no joelho. Mesmo com uma perna quase imprestável, entrou na final, quando os alemães já perdiam por 2 x 0, e comandou a reação que chegou ao empate. Mas o título escapou de novo.

Rummenigge era centroavante "trator": passava por cima e marcava

© BEST PHOTO AGENCY

KARL-HEINZ RUMMENIGGE

Nascimento 25/9/1955
Nacionalidade alemão
Posição atacante

3 Copas
19 jogos | 9 gols

Partidas

1978 (5 J | 3 G)
Alemanha Ocidental 6 x 0 México
Alemanha Ocidental 0 x 0 Tunísia
Alemanha Ocidental 0 x 0 Itália
Alemanha Ocidental 2 x 2 Holanda
Alemanha Ocidental 2 x 3 Áustria

1982 (7 J | 5 G)
Alemanha Ocidental 1 x 2 Argélia
Alemanha Ocidental 4 x 1 Chile
Alemanha Ocidental 1 x 0 Áustria
Alemanha Ocidental 0 x 0 Inglaterra
Alemanha Ocidental 2 x 1 Espanha
Alemanha Ocidental 3 x 3 França (5 x 4 nos pênaltis)
Alemanha Ocidental 1 x 3 Itália

1986 (7 J | 1 G)
Alemanha Ocidental 1 x 1 Uruguai
Alemanha Ocidental 2 x 1 Escócia
Alemanha Ocidental 0 x 2 Dinamarca
Alemanha Ocidental 1 x 0 Marrocos
Alemanha Ocidental 0 x 0 México (4 x 1 nos pênaltis)
Alemanha Ocidental 2 x 0 França
Alemanha Ocidental 2 x 3 Argentina

15º RIVELLINO

Genial e genioso

Rivellino tinha a perna esquerda mais temida do mundo nos anos 1970. A "Patada Atômica" ignorava distância, barreiras e goleiros. Mas ele não era só força: lançava longo, driblava curto e popularizou o drible elástico, até hoje um requinte para poucos. Ganhou uma vaga na seleção de 70 pouco antes da Copa e virou um de seus principais jogadores, não só pelo talento, mas também pela movimentação constante e as arrancadas pela esquerda. No mundial do México, marcou três vezes – contra Tchecoslováquia, Peru e Uruguai –, todas em pancadas de canhota. Genial e genioso, Rivellino fazia de suas comemorações verdadeiras explosões de raiva, que marcaram época.

Em 1974, era o principal jogador do Brasil e não decepcionou, assumindo a 10 que era de Pelé e marcando três vezes – todos gols fundamentais: contra o Zaire, dando a classificação no saldo de gols, o da vitória sobre a Alemanha Oriental e um contra a Argentina. Insuficiente, no entanto, para fazer o confuso time brasileiro brigar pelo título. Em 1978, em recuperação de uma lesão, saiu do banco para ser um dos melhores jogadores na virada sobre a Itália que garantiu o terceiro lugar.

ROBERTO RIVELLINO

Nascimento
1/1/1946
Nacionalidade
brasileiro
Posição
meia

3 Copas
1 título (1970) ★
15 jogos | 6 gols

Partidas

1970 (5 J | 3 G)
Brasil 4 x 1 Tchecoslováquia
Brasil 1 x 0 Inglaterra
Brasil 4 x 2 Peru
Brasil 3 x 1 Uruguai
Brasil 4 x 1 Itália

1974 (7 J | 3 G)
Brasil 0 x 0 Iugoslávia
Brasil 0 x 0 Escócia
Brasil 3 x 0 Zaire
Brasil 1 x 0 Alemanha Oriental
Brasil 2 x 1 Argentina
Brasil 0 x 2 Holanda

1978 (3 J | 0 G)
Brasil 1 x 1 Suécia
Brasil 3 x 1 Polônia
Brasil 2 x 1 Itália

Rivellino: patada atômica

16º GERD MÜLLER

Pequeno grande artilheiro

Quem diria que um jogador considerado baixinho para os padrões alemães (tinha 1,74 m), atarracado, de pernas curtas e grossas e pouca habilidade pudesse ser um artilheiro fantástico? Gerd Müller, o "Der Bomber", ídolo do Bayern Munique, foi sete vezes goleador do Campeonato Alemão e maior artilheiro da Europa de 1970 a 1974. Na temporada 1971-1972, por exemplo, marcou 40 gols na Bundesliga, seu recorde. Fez 10 gols na Copa de 1970, todos no estilo oportunista, explorando o chute forte depois de movimentos rápidos em pequenos espaços. Em 1974, foram "só" quatro, o que o coloca na terceira posição entre os maiores artilheiros de Copas, com 14 gols, atrás apenas de Klose (16 gols) e Ronaldo Fenômeno (15 gols). Um desses gols foi na vitória contra a Polônia, na semifinal, e outro o do título sobre a Holanda. Precisava mais?

Gerd Müller: o improvável artilheiro alemão

© SERGIO SADE

GERHARD MÜLLER

Nascimento
3/11/1945
Nacionalidade
alemão
Posição
atacante

2 Copas
1 título (1974) ★
13 jogos | 14 gols

Partidas

1970 (6 J | 10 G)
Alemanha Ocidental 2 x 1 Marrocos
Alemanha Ocidental 5 x 2 Bulgária
Alemanha Ocidental 3 x 1 Peru
Alemanha Ocidental 3 x 2 Inglaterra
Alemanha Ocidental 3 x 4 Itália
Alemanha Ocidental 1 x 0 Uruguai

1974 (7 J | 4 G)
Alemanha Ocidental 1 x 0 Chile
Alemanha Ocidental 3 x 0 Austrália
Alemanha Ocidental 0 x 1 Alemanha Oriental
Alemanha Ocidental 2 x 0 Iugoslávia
Alemanha Ocidental 4 x 2 Suécia
Alemanha Ocidental 1 x 0 Polônia
Alemanha Ocidental 2 x 1 Holanda

Furacão no México

Aos 22 anos, Jairzinho disputou os três jogos da seleção na Copa do Mundo de 1966, sendo um dos poucos que se salvaram do fiasco no torneio disputado na Inglaterra. Mais experiente, arrasou na Copa de 1970. Era um exemplo de condicionamento físico e explosão muscular, que aliava dribles em velocidade a chutes fulminantes. O apelido que ganhou resume tudo: "Furacão da Copa". Nunca antes, nem depois, um jogador do time campeão marcou gols em todos os jogos. E que gols! Dois contra a Tchecoslováquia – um deles driblando toda a zaga –, um foguete no gol da vitória sobre a Inglaterra, um sobre a Romênia, um passando pelo goleiro do Peru, o da virada sobre o Uruguai e o terceiro da final contra a Itália. Chegou à Copa da Alemanha, em 1974, como um astro, mas, apesar de marcar contra o Zaire e a Argentina, não conseguiu fazer o selecionado decolar. O Brasil acabou amargando um quarto lugar. Fora dos campos, ainda leva o crédito de ter descoberto Ronaldo, o Fenômeno.

JAIR VENTURA FILHO

Nascimento
25/12/1944
Nacionalidade
brasileiro
Posição
atacante

2 Copas
1 título (1970) ★
15 jogos | 9 gols

Partidas

1966 (3 J | 0 G)
Brasil 2 x 0 Bulgária
Brasil 1 x 3 Hungria
Brasil 1 x 3 Portugal

1970 (6 J | 7 G)
Brasil 4 x 1 Tchecoslováquia
Brasil 1 x 0 Inglaterra
Brasil 3 x 2 Romênia
Brasil 4 x 2 Peru
Brasil 3 x 1 Uruguai
Brasil 4 x 1 Itália

1974 (6 J | 2 G)
Brasil 0 x 0 Iugoslávia
Brasil 0 x 0 Escócia
Brasil 3 x 0 Zaire
Brasil 1 x 0 Alemanha Oriental
Brasil 2 x 1 Argentina
Brasil 0 x 2 Holanda

O Furacão Jairzinho: gols em todos os jogos que disputou na Copa de 1970

© LEMYR MARTINS

Querido e recordista

Chamado para defender a seleção italiana pela primeira vez aos 19 anos, em 1997, Buffon teve depois mais 20 anos pela frente como estrela da Azzurra. Goleiro mais caro da história do futebol – foi comprado pela Juventus do Parma por 52 milhões de euros em 2001 –, Buffon acabou sendo convocado para cinco mundiais, tornando-se recordista ao lado do alemão Lothar Matthäus e do goleiro mexicano Antonio Carbajal. Reserva de Pagliuca em 1998 (quando não disputou nenhum jogo), Buffon jogou depois em 2002, 2006, 2010 e 2014, totalizando 14 partidas em Copas.

Em 2006, ganhou o prêmio Lev Yashin, da Fifa, por ter sido o melhor goleiro do mundial. Na Alemanha, Buffon levou apenas dois gols: um contra, na vitória sobre os Estados Unidos por 4 x 1, e outro de Zidane, na final. Na decisão, aliás, defendeu uma cabeçada a queima-roupa do craque francês na prorrogação, levando a disputa para os pênaltis. Neles, não defendeu nenhuma cobrança, mas viu o chute de Trezeguet bater no travessão para poder comemorar o tetra italiano. Em 2017, após a eliminação para a Suécia nas Eliminatórias, Gigi anunciou sua aposentaria da seleção após o recorde de 175 partidas disputadas.

GIANLUIGI BUFFON MASOCCO

Nascimento
28/1/1978
Nacionalidade
italiano
Posição
goleiro

5 Copas
1 título (2006) ★
14 jogos | -10 gols

Partidas

1998 (0 J | 0 G)

2002 (4 J | -5 G)
Itália 2 x 0 Equador
Itália 1 x 2 Croácia
Itália 1 x 1 México
Itália 2 x 1 Coreia do Sul

2006 (7 J | -2 G)
Itália 2 x 0 Gana
Itália 1 x 1 Estados Unidos
Itália 2 x 0 República Tcheca
Itália 1 x 0 Austrália
Itália 3 x 0 Ucrânia
Itália 2 x 0 Alemanha
Itália 1 x 1 França
(5 x 3 nos pênaltis)

2010 (1 J | -1 G)
Itália 1 x 1 Paraguai

2014 (2 J | -2 G)
Itália 0 x 1 Costa Rica
Itália 0 x 1 Uruguai

Buffon, o grande ídolo: despedida triste da seleção, desclassificada da Copa da Rússia

19º BREHME

Lateral decisivo

Andreas Brehme, ídolo da Internazionale de Milão, onde foi campeão italiano, em 1989, e da Copa da Uefa, em 1981, era um lateral técnico e com grande facilidade para bater na bola com o pé direito, apesar de jogar na esquerda. Foi grande cobrador de faltas. Versátil, jogou várias partidas da Copa de 86 na lateral direita e foi líbero nas Eliminatórias para a Copa de 1994. A grande Copa de Brehme foi a de 1990, na Itália. A Alemanha era o melhor time da competição e seu lado esquerdo desequilibrava com o talento de Matthäus e os avanços de Brehme. Além das ótimas atuações, ele fez três gols decisivos: o da vitória sobre a Holanda nas oitavas, o do empate contra a Inglaterra na semifinal e o do título contra a Argentina, primeira conquista da Alemanha unificada depois da queda do Muro de Berlim.

Na carreira, disputou 608 partidas e marcou 75 gols. Recentemente, Brehme passou por dificuldades financeiras severas e foi ajudado por antigos companheiros e entidades do futebol alemão.

Brehme: lateral técnico, eficiente e marcador de gols

© BEST PHOTO AGENCY

ANDREAS BREHME

Nascimento
9/11/1960
Nacionalidade
alemão
Posição
lateral esquerdo

3 Copas
1 título (1990) ★
16 jogos | 4 gols

Partidas

1986 (5 J | 1 G)
Alemanha Ocidental 1 x 1 Uruguai
Alemanha Ocidental 0 x 2 Dinamarca
Alemanha Ocidental 0 x 0 México (4 x 1 nos pênaltis)
Alemanha Ocidental 2 x 0 França
Alemanha Ocidental 2 x 3 Argentina

1990 (6 J | 3 G)
Alemanha Ocidental 4 x 1 Iugoslávia
Alemanha Ocidental 5 x 1 Arábia Saudita
Alemanha Ocidental 2 x 1 Holanda
Alemanha Ocidental 1 x 0 Tchecoslováquia
Alemanha Ocidental 1 x 1 Inglaterra (4 x 3 nos pênaltis)
Alemanha Ocidental 1 x 0 Argentina

1994 (5 J | 0 G)
Alemanha 1 x 0 Bolívia
Alemanha 1 x 1 Espanha
Alemanha 3 x 2 Coreia do Sul
Alemanha 3 x 2 Bélgica
Alemanha 1 x 2 Bulgária

20º PASSARELLA

O caudilho da grande área

Daniel Passarella era um zagueiro pouco convencional. Baixo para a posição (1,74 m), tinha como ponto forte justamente o jogo aéreo. Além de tal qualidade, era ótimo marcador e perito em armar contra-ataques com lançamentos longos e precisos. Como se não bastasse, fazia muitos gols: foram 24 na seleção e 188 em toda a carreira, algo raro para um zagueiro. "El Caudillo" teve sua história ligada ao River Plate, time em que jogou de 1974 a 1982 e onde encerrou as atividades, em 1989. Foi o primeiro argentino a levantar a Copa do Mundo, em 1978, jogando um futebol que aliava raça e categoria. Também foi ídolo na Fiorentina, na Itália (1982-1986). Em 1982, ainda conseguiu se destacar no mundial da Espanha, mas a Argentina caiu na segunda fase. Antagonista de Maradona, com quem brigou, foi barrado do time a pedido de Dieguito, e viu a conquista da Copa de 1986 do banco de reservas. No Brasil, ficou marcado por sua passagem conturbada como treinador do Corinthians, quando comandava um trio argentino em campo, com Mascherano, Tevez e Sebá.

O grande momento de Passarella no futebol: campeão mundial em casa, em 1978

© JB SCALCO

DANIEL ALBERTO PASSARELA

Nascimento
25/5/1953
Nacionalidade
argentino
Posição
zagueiro

3 Copas
2 títulos ★★
(1978 e 1986)
12 jogos | 3 gols

Partidas

1978 (7 J | 1 G)
Argentina 2 x 1 Hungria
Argentina 2 x 1 França
Argentina 0 x 1 Itália
Argentina 2 x 0 Polônia
Argentina 0 x 0 Brasil
Argentina 6 x 0 Peru
Argentina 3 x 1 Holanda

1982 (5 J | 2 G)
Argentina 0 x 1 Bélgica
Argentina 4 x 1 Hungria
Argentina 2 x 0 El Salvador
Argentina 1 x 2 Itália
Argentina 1 x 3 Brasil

1986 (0 J | 0 G)

Do 21º ao 30º

Galo de ouro

Um dos maiores meias-atacantes de todos os tempos, maior jogador brasileiro depois da era Pelé, eleito melhor jogador sul-americano em 1977, 1981 e 1982 e, em 1981, apontado como melhor do mundo pelas revistas *Guerin Sportivo*, da Itália, e *Don Balón*, da Espanha. Apesar de tais reconhecimentos e das três Copas que disputou, Zico teve o destino cruel de jamais ter sido campeão do mundo pela seleção. Na prática, o Galinho de Quintino só disputou mesmo uma Copa, a da Espanha. Em 1978, na Argentina, estava machucado e jogou apenas uma partida completa, a de estreia. Contra a Polônia, chegou a ser substituído aos 7 minutos de jogo. Em 1986, vetado pelos médicos, foi para o México por insistência do técnico Telê Santana e dos jogadores. Acabou errando uma penalidade máxima logo depois de entrar no jogo contra a França, o que levou a partida para os pênaltis. Dessa vez, ele converteu, mas o Brasil acabou eliminado. A grande Copa de Zico foi mesmo a de 1982. Nela, exibiu as características que fizeram dele a maior estrela de uma geração de craques como Sócrates, Falcão e Júnior: suas cobranças de falta, suas arrancadas driblando pelo meio dos zagueiros e seu domínio de bola invejável.

ARTHUR ANTUNES COIMBRA

Nascimento
3/3/1953
Nacionalidade
brasileiro
Posição
meia

3 Copas
14 jogos | 5 gols

Partidas

1978 (6 J | 1 G)
Brasil 1 x 1 Suécia
Brasil 0 x 0 Espanha
Brasil 1 x 0 Áustria
Brasil 3 x 0 Peru
Brasil 0 x 0 Argentina
Brasil 3 x 1 Polônia

1982 (5 J | 4 G)
Brasil 2 x 1 União Soviética
Brasil 4 x 1 Escócia
Brasil 4 x 0 Nova Zelândia
Brasil 3 x 1 Argentina
Brasil 2 x 3 Itália

1986 (3 J | 0 G)
Brasil 3 x 0 Irlanda do Norte
Brasil 4 x 0 Polônia
Brasil 1 x 1 França
(3 x 4 nos pênaltis)

Zico, o melhor depois de Pelé, não levou sorte em Copas do Mundo

22º TAFFAREL

Pegador de pênaltis

Goleiro frio, arrojado, de reflexos apurados, sempre bem colocado, Taffarel transformava chutes difíceis em defesas aparentemente fáceis. Medalha de prata na Olimpíada de 1988, em Seul, na Coreia do Sul, já mostrava ali uma de suas maiores virtudes: defender pênaltis. Pegou duas cobranças na semifinal contra a Alemanha. Apesar do vexame brasileiro na Copa de 1990, tornou-se o primeiro goleiro brasileiro a jogar no milionário futebol italiano, atuando pelo Parma, de 1990 a 1993. Em 1994, quando atuava pelo Reggiana, emprestado pelo Parma, deu segurança à equipe tetracampeã mundial. Foi importante, também, para puxar contra-ataques, graças a suas reposições rápidas e precisas, verdadeiros lançamentos. Acabou desempenhando um papel fundamental na conquista ao defender o pênalti de Massaro na final. Na Copa da França, voltou a dar show na semifinal contra a Holanda, quando pegou dois pênaltis. Na decisão, no entanto, nada pode fazer contra a artilharia de Zidane e companhia.

Vai que é tua, Taffarel: goleiro com carreira brilhante e pegador de pênaltis

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

CLÁUDIO ANDRÉ MERGEN TAFFAREL

Nascimento
8/5/1966
Nacionalidade
brasileiro
Posição
goleiro

3 Copas
1 título (1994)★
18 jogos | -15 gols

Partidas

1990 (4 J | -2 G)
Brasil 2 x 1 Suécia
Brasil 1 x 0 Costa Rica
Brasil 1 x 0 Escócia
Brasil 0 x 1 Argentina

1994 (7 J | -3 G)
Brasil 2 x 0 Rússia
Brasil 3 x 0 Camarões
Brasil 1 x 1 Suécia
Brasil 1 x 0 Estados Unidos
Brasil 3 x 2 Holanda
Brasil 1 x 0 Suécia
Brasil 0 x 0 Itália (3 x 2 nos pênaltis)

1998 (7 J | -10 G)
Brasil 2 x 1 Escócia
Brasil 3 x 0 Marrocos
Brasil 1 x 2 Noruega
Brasil 4 x 1 Chile
Brasil 3 x 2 Dinamarca
Brasil 1 x 1 Holanda
Brasil 0 x 3 França

O maior artilheiro

Nascido na Polônia, o centroavante Klose obteve a nacionalidade germânica cedo, ainda na juventude. Bom para a seleção alemã, que pôde contar durante 13 anos (2001 a 2014) com seu futebol e, principalmente, seus gols – 71, que o tornaram o maior goleador da seleção na história. Mesmo sem ter tanta habilidade e altura (1,82 m), Klose compensava na área com técnica apurada em finalizações e cabeceios. E assim foi também nos mundiais, nos quais se tornou o maior artilheiro, com 16 gols (superou Ronaldo em 2014) e o segundo jogador com mais partidas disputadas (24), atrás apenas do compatriota Lothar Matthäus, que fez 25 jogos.

Em 2002, com cinco gols anotados, foi vice-artilheiro, atrás de Ronaldo, e levou a Alemanha à final. Em seu primeiro jogo naquela Copa, marcou logo três na goleada por 8 x 0 sobre a Arábia Saudita. Em 2006, em casa, repetiu a dose e marcou mais cinco gols, sendo o artilheiro isolado da competição. Em 2010, na África do Sul, foram outros quatro gols, sendo um na Inglaterra e dois na Argentina. Já em 2014, aos 36 anos, chegou como reserva, mas virou titular e ajudou a equipe a levar o título sobre a Argentina, além de ser um dos carrascos na vitória sobre o Brasil por 7 x 1, quando anotou seu 16º gol em Copas.

Gênio ele não é, mas bem que sabe fazer gols – especialmente no Brasil

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

MIROSLAW MARIAN JOSEF KLOSE

Nascimento 9/6/1978
Nacionalidade alemão
Posição atacante

4 Copas
1 título (2014) ★
24 jogos | 16 gols

Partidas

2002 (7 J | 5 G)
Alemanha 8 x 0 Arábia Saudita
Alemanha 1 x 1 Irlanda
Alemanha 2 x 0 Camarões
Alemanha 1 x 0 Paraguai
Alemanha 1 x 0 Estados Unidos
Alemanha 1 x 0 Coreia do Sul
Alemanha 0 x 2 Brasil

2006 (7 J | 5 G)
Alemanha 4 x 2 Costa Rica
Alemanha 1 x 0 Polônia
Alemanha 3 x 0 Equador
Alemanha 2 x 0 Suécia
Alemanha 1 x 1 Argentina (4 x 2 nos pênaltis)
Alemanha 0 x 2 Itália
Alemanha 3 x 1 Portugal

2010 (5 J | 4 G)
Alemanha 4 x 0 Austrália
Alemanha 0 x 1 Sérvia
Alemanha 4 x 1 Inglaterra
Alemanha 4 x 0 Argentina
Alemanha 0 x 1 Espanha

2014 (5 J | 2 G)
Alemanha 2 x 2 Gana
Alemanha 1 x 0 Estados Unidos
Alemanha 1 x 0 França
Alemanha 7 x 1 Brasil
Alemanha 1 x 0 Argentina

Doutor da bola

Sócrates fez quatro gols em Copas: um golaço na estreia de 1982 contra a União Soviética; um toque de categoria para fazer o primeiro contra a Itália, no fatídico jogo do Estádio Sarriá; o gol da vitória na estreia de 1986 contra a Espanha; e o que abriu caminho para a goleada contra a Polônia, nas oitavas de final. Mas o destino lhe pregou uma peça. Batedor oficial de pênaltis, errou a cobrança nas quartas de final contra a França, em 1986. O diploma de médico e a elevada inteligência não o ajudaram a encontrar uma receita para ser campeão do mundo. Mas o "Doutor" encantou plateias com seu domínio de bola, seus chutes, passes, lançamentos perfeitos e o calcanhar, sua marca registrada. Também ficou famoso por suas convicções políticas e liberdade de expressão. Em 1986, no México, confrontava as normas da Fifa, que não permitia manifestações políticas, usando a cada jogo faixas na cabeça com uma mensagem de apoio ao México, que havia sofrido no ano anterior com um terrível terremoto, sem contar as que combatiam a fome, as guerras, o imperialismo e o racismo.

SÓCRATES BRASILEIRO SAMPAIO DE SOUZA VIEIRA DE OLIVEIRA

Nascimento
19/2/1954
Falecimento
4/12/2011
Nacionalidade
brasileiro
Posição
meia

2 Copas
10 jogos | 4 gols

Partidas

1982 (5 J | 2 G)
Brasil 2 x 1 União Soviética
Brasil 4 x 1 Escócia
Brasil 4 x 0 Nova Zelândia
Brasil 3 x 1 Argentina
Brasil 2 x 3 Itália

1986 (5 J | 2 G)
Brasil 1 x 0 Espanha
Brasil 2 x 1 Argélia
Brasil 3 x 0 Irlanda do Norte
Brasil 4 x 0 Polônia
Brasil 1 x 1 França
(3 x 4 nos pênaltis)

O Doutor em ação: muito além do brilho em campo, uma cabeça pensante

25º DUNGA

Raivoso e vencedor

O futebol brasileiro teve muitos jogadores raçudos e com grande capacidade de liderança. Nenhum deles se consagrou tanto como Dunga. Quando foi eleito pelo técnico Sebastião Lazaroni para simbolizar a seleção de 1990, o fracasso da equipe quase sepultou a carreira do volante com a camisa amarela. A era Dunga, como foi chamado aquele período, simbolizava a mediocridade do nosso futebol, insosso e perdedor. Mas Dunga nunca foi de desistir e voltou triunfalmente em 1994, no mundial dos Estados Unidos: deu passes e lançamentos precisos, marcou com perfeição – roubou bolas e acertou seu pênalti na decisão contra a Itália. A imagem de Dunga levantando a taça com raiva e despejando palavrões contra seus críticos está marcada na história. Mas nada como o tempo para garantir a Dunga um novo fracasso em Copas. Escolhido treinador para o mundial de 2010, na África do Sul, repetiu as idiossincrasias que marcaram sua carreira. Marcou inimigos, como a imprensa, para antagonizar seu caminho, apostando no hexa. Falhou: o Brasil saiu mal, eliminado pela Holanda nas quartas de final. Nem assim Dunga foi esquecido. Após o fracasso de Felipão, em 2014, foi novamente convocado para treinar o time canarinho. Na iminência de um vexame nas Eliminatórias para a Rússia, foi substituído por Tite.

Dunga, em vez de comemorar o penta, gritava palavrões contra a imprensa

© PAULO JARES

CARLOS CAETANO BLEDORN VERRI

Nascimento
31/10/1963
Nacionalidade
brasileiro
Posição
volante

3 Copas
1 título (1994) ★
18 jogos | 0 gol

Partidas

1994 (4 J | 0 G)
Brasil 2 x 1 Suécia
Brasil 1 x 0 Costa Rica
Brasil 1 x 0 Escócia
Brasil 0 x 1 Argentina

1994 (7 J | 0 G)
Brasil 2 x 0 Rússia
Brasil 3 x 0 Camarões
Brasil 1 x 1 Suécia
Brasil 1 x 0 Estados Unidos
Brasil 3 x 2 Holanda
Brasil 1 x 0 Suécia
Brasil 0 x 0 Itália
(3 x 2 nos pênaltis)

1998 (7 J | 0 G)
Brasil 2 x 1 Escócia
Brasil 3 x 0 Marrocos
Brasil 1 x 2 Noruega
Brasil 4 x 1 Chile
Brasil 3 x 2 Dinamarca
Brasil 1 x 1 Holanda
(4 x 3 nos pênaltis)
Brasil 0 x 3 França

26º THURAM

Santo lateral

Jogando pelo Parma, Lilian Thuram foi eleito melhor zagueiro estrangeiro do Campeonato Italiano. Como a seleção francesa de 1998 tinha Desailly de titular absoluto, o versátil Thuram foi deslocado para a lateral, onde pôde explorar sua velocidade e seus cruzamentos perfeitos. Só fez dois gols com a camisa da seleção francesa, mas eles foram fundamentais. Na semifinal de 1998, uma falha de posicionamento de Thuram permitiu que o croata Suker marcasse o gol que, naquele momento, desclassificava os franceses, famosos por amarelar nos momentos de decisão. Rápido, Thuram partiu para o ataque e fez os dois gols da virada da França, num dos mais emblemáticos episódios de recuperação de um jogador numa mesma partida. Nada mau para o menino pobre nascido na colônia francesa de Guadalupe e que sonhava em seguir carreira religiosa. Em 2008, quando se preparava para atuar pelo PSG, da França, foi diagnosticado com problemas cardíacos, o que o impediu de prosseguir com a carreira.

RUDDY LILIAN THURAM-ULIEN

Nascimento
1/1/1972
Nacionalidade
francês
Posição
lateral direito/zagueiro

3 Copas
1 título (1998) ★
15 jogos | 4 gols

Partidas

1998 (5 J | 2 G)
França 3 x 0 África do Sul
França 4 x 0 Arábia Saudita
França 1 x 0 Paraguai
França 2 x 1 Croácia
França 3 x 0 Brasil

2002 (3 J | 2 G)
França 0 x 1 Senegal
França 0 x 0 Uruguai
França 0 x 2 Dinamarca

2006 (7 J | 0 G)
França 0 x 0 Suíça
França 1 x 1 Coreia do Sul
França 2 x 0 Togo
França 3 x 1 Espanha
França 1 x 0 Brasil
França 1 x 0 Portugal
França 1 x 1 Itália
(3 x 5 nos pênaltis)

Thuram e o choro do campeão

27º SEPP MAIER

Gato de luvas

O goleiro alemão Sepp Maier parecia ter mais do que seu 1,83 m de altura. Grandalhão, pernas arqueadas e cabelo vermelho, sua figura causava impacto. Jogou somente no Bayern Munique (623 jogos) e na seleção alemã (95 jogos). Tinha reflexos impressionantes, se colocava bem e saía do gol com precisão e arrojo. Depois de assistir à Copa de 1966 do banco, Maier virou titular em 1970. Em 1972 foi campeão da Eurocopa. Ganhou destaque, mas o melhor estava por vir. Em 1974 foi perfeito, e a atuação na final contra a Holanda, memorável. Em 1976 segurou o Cruzeiro na final do Mundial Interclubes, com 2 x 0 para o Bayern no jogo de ida e um 0 x 0 no jogo de volta, no Mineirão, sagrando-se campeão. Die Katze (o gato) ainda estava em grande forma na Copa de 1978, mas, no ano seguinte, teve de abandonar a carreira devido a um acidente de automóvel em que sofreu inúmeras fraturas nas costelas, na clavícula e no braço, além de lesões no fígado e pulmões. Tentou voltar, mas nunca mais recuperou a forma, abandonando a carreira meses depois.

O cabelo não ajudava o look, mas que pegava todas, pegava

© LEMYR MARTINS

JOSEF DIETER MAIER

Nascimento 28/2/1944
Nacionalidade alemão
Posição goleiro

4 Copas
1 título (1974) ★
18 jogos | -19 gols

Partidas

1966 (0 J | 0 G)

1970 (5 J | -10 G)
Alemanha Ocidental 2 x 1 Marrocos
Alemanha Ocidental 5 x 2 Bulgária
Alemanha Ocidental 3 x 1 Peru
Alemanha Ocidental 3 x 2 Inglaterra
Alemanha Ocidental 3 x 4 Itália

1974 (7 J | -4 G)
Alemanha Ocidental 1 x 0 Chile
Alemanha Ocidental 3 x 0 Austrália
Alemanha Ocidental 0 x 1 Alemanha Oriental
Alemanha Ocidental 2 x 0 Iugoslávia
Alemanha Ocidental 4 x 2 Suécia
Alemanha Ocidental 1 x 0 Polônia
Alemanha Ocidental 2 x 1 Holanda

1978 (6 J | -5 G)
Alemanha Ocidental 0 x 0 Polônia
Alemanha Ocidental 6 x 0 México
Alemanha Ocidental 0 x 0 Tunísia
Alemanha Ocidental 0 x 0 Itália
Alemanha Ocidental 2 x 2 Holanda
Alemanha Ocidental 2 x 3 Áustria

Um senhor zagueiro

Pensou em líbero? Pensou em Gaetano Scirea. O italiano marcou o futebol como um dos maiores defensores do futebol mundial, com uma carreira impecável: é o terceiro maior vencedor de campeonatos italianos da história. Formado nas divisões de base do Atalanta, iniciou sua jornada como lateral direito e depois foi levado ao miolo de zaga. Venceu todos os títulos possíveis com a Juventus, onde tem o mesmo status de ídolo de Platini, e foi campeão do mundo com a Itália, na Copa de 82. Um cavalheiro dentro e fora de campo, jamais foi suspenso, quer por cartões amarelos, quer por vermelhos. Jogador técnico, sua capacidade de antever as jogadas era excepcional: foi o rei das antecipações, como bem sabem os brasileiros, derrotados pela Itália de Scirea em 1982. Grande nome da Azzurra naquele mundial, na final contra a Alemanha não perdeu nenhum dos lances que disputou e ainda deu o passe para o gol de Tardelli. Também disputou as Copas de 1978 e 1986. Morreu tragicamente, ao 36 anos, em um acidente de carro, em setembro de 1989, na Polônia.

Scirea: o grande líbero da história italiana em Copas

© RONALDO KOTSCHO

GAETANO SCIREA

Nascimento
25/5/1953
Falecimento
3/9/1989
Nacionalidade
italiano
Posição
zagueiro

3 Copas
1 título (1982) ★
18 jogos I 0 gol

Partidas

1978 (7 J | 0 G)
Itália 2 x 1 França
Itália 3 x 1 Hungria
Itália 1 x 0 Argentina
Itália 0 x 0 Alemanha Ocidental
Itália 1 x 0 Áustria
Itália 1 x 2 Holanda
Itália 1 x 2 Brasil

1982 (7 J | 0 G)
Itália 0 x 0 Polônia
Itália 1 x 1 Peru
Itália 1 x 1 Camarões
Itália 2 x 1 Argentina
Itália 3 x 2 Brasil
Itália 2 x 0 Polônia
Itália 3 x 1 Alemanha Ocidental

1986 (4 J | 0 G)
Itália 1 x 1 Bulgária
Itália 1 x 1 Argentina
Itália 3 x 2 Coreia do Sul
Itália 0 x 2 França

29º VALDANO

O filósofo argentino

O apelido que recebeu dos argentinos diz muito sobre a personalidade de Valdano: El Filósofo. O atacante de 1,88 m sempre chamou atenção pelo comportamento sóbrio dentro e fora de campo. Jogador de muita mobilidade, bom cabeceador e ambidestro, Valdano foi um duro adversário para zagueiros e jornalistas pela inteligência, o raciocínio rápido e a contundência.

Fez quatro gols em mundiais. O mais importante deles foi o segundo da Argentina na final da Copa de 1986 contra a Alemanha, na partida que garantiu o bi mundial para os argentinos. Disputou uma Copa antes, a de 1982, mas se contundiu na segunda partida, contra a Hungria, e perdeu o restante do torneio. Depois de encerrada a carreira, lançou quatro livros sobre futebol, foi técnico bem-sucedido das divisões de base do Real Madrid e do time principal em duas temporadas (1994-1996), além de diretor esportivo do clube madrilenho. Atualmente é comentarista esportivo na TV Azteca, do México, e de um canal espanhol.

JORGE ALBERTO FRANCISCO VALDANO CASTELLANO

Nascimento
4/10/1955
Nacionalidade
argentino
Posição
atacante

2 Copas
1 título (1986) ★
9 jogos | 3 gols

Partidas

1982 (2 J | 0 G)
Argentina 4 x 1 Hungria
Argentina 0 x 1 Bélgica

1986 (7 J | 3 G)
Argentina 3 x 1 Coreia do Sul
Argentina 1 x 1 Itália
Argentina 2 x 0 Bulgária
Argentina 1 x 0 Uruguai
Argentina 2 x 1 Inglaterra
Argentina 2 x 0 Bélgica
Argentina 3 x 2 Alemanha

Craque cabeça e bom de bola: assim era Valdano

O jovem capitão

Lateral de muito vigor físico, determinação tática e disciplina, Philipp Lahm foi um dos melhores jogadores na história recente da seleção alemã. Não era um craque, de fazer brilhar os olhos, mas era extremamente eficiente. Principalmente na marcação, nos passes e nos cruzamentos. Autor do primeiro gol da Copa de 2006, sobre a Costa Rica, na própria Alemanha, Lahm fez sua estreia em mundiais como lateral esquerdo – e foi eleito pela Fifa como o melhor da posição na competição. Em 2010, com 26 anos, ganhou a braçadeira de capitão após a aposentadoria do meia Michael Ballack. Na África do Sul, atuou como lateral direito e foi também um dos destaques da Alemanha, que novamente chegou à semifinal. Já no Brasil, em 2014, fez as primeiras quatro partidas como volante, mas se destacou mesmo nas últimas três – contra França, Brasil e Argentina – na lateral direita, posição que o consagrou no Bayern Munique. Contra a seleção brasileira, no fatídico 7 x 1 da semifinal, no Mineirão, deu ainda duas assistências. Pouco depois, na final contra a Argentina, no Maracanã, Lahm ergueu o troféu de campeão, sendo o quarto campeão da Alemanha como capitão, repetindo os feitos das lendas Fritz Walter (1954), Beckenbauer (1974) e Matthäus (1990).

Lahm em ação na Copa de 2014: a gente prefere esquecer

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

PHILIPP LAHM

Nascimento
11/11/1983
Nacionalidade
alemão
Posição
lateral direito

3 Copas
1 título (2014) ★
20 jogos I 1 gol

Partidas

2006 (7 J | 1 G)
Alemanha 4 x 2 Costa Rica
Alemanha 1 x 0 Polônia
Alemanha 3 x 0 Equador
Alemanha 2 x 0 Suécia
Alemanha 1 x 1 Argentina (4 x 2 nos pênaltis)
Alemanha 0 x 2 Itália
Alemanha 3 x 1 Portugal

2010 (6 J | 0 G)
Alemanha 4 x 0 Austrália
Alemanha 0 x 1 Sérvia
Alemanha 1 x 0 Gana
Alemanha 4 x 1 Inglaterra
Alemanha 4 x 0 Argentina
Alemanha 0 x 1 Espanha

2014 (7 J | 0 G)
Alemanha 4 x 0 Portugal
Alemanha 2 x 2 Gana
Alemanha 1 x 0 Estados Unidos
Alemanha 2 x 1 Argélia
Alemanha 1 x 0 França
Alemanha 7 x 1 Brasil
Alemanha 1 x 0 Argentina

Do 31º ao 40º

31º BREITNER

Homem-bomba

Explosivo, Breitner adorava uma confusão. Jogador veloz, hábil e com uma bomba no pé direito, o craque desempenhou um papel importante na conquista da Copa de 1974. Os chilenos ainda se lembram do seu chute violento de 30 metros que deu a vitória aos alemães, assim como os holandeses preferem esquecer a cobrança de pênalti na qual o jogador assinalou o primeiro gol da final para a Alemanha.

Encrenqueiro, após a conquista do título, com apenas 23 anos, chamou o técnico Helmult Schön de senil, o auxiliar técnico Jupp Derwall de idiota e seus colegas de seleção de burros. Punido, ficou sete anos fora da seleção, nunca por falta de futebol. Após um fiasco dos alemães no Mundialito de 1980, quando a Alemanha Ocidental perdeu os dois jogos que disputou, o ex-ofendido Derwall, então promovido a treinador, pediu pessoalmente seu retorno. Breitner mostrou que a decisão foi acertada, na Copa de 82. Jogando no meio, foi o grande articulador da equipe que chegou à final contra a Itália. Ele fez o seu, mas o tri ficou com os italianos.

PAUL BREITNER

Nascimento
5/9/1951
Nacionalidade
alemão
Posição
lat. direito/meia

2 Copas
1 títulos (1974) ★
14 jogos | 4 gols

Partidas

1974 (7 J | 3 G)
Alemanha Ocidental 1 x 0 Chile
Alemanha Ocidental 3 x 0 Austrália
Alemanha Ocidental 0 x 1 Alemanha Oriental
Alemanha Ocidental 2 x 0 Iugoslávia
Alemanha Ocidental 4 x 2 Suécia
Alemanha Ocidental 1 x 0 Polônia
Alemanha Ocidental 2 x 1 Holanda

1982 (7 J | 1 G)
Alemanha Ocidental 1 x 2 Argélia
Alemanha Ocidental 4 x 1 Chile
Alemanha Ocidental 1 x 0 Áustria
Alemanha Ocidental 0 x 0 Inglaterra
Alemanha Ocidental 2 x 1 Espanha
Alemanha Ocidental 3 x 3 França
Alemanha Ocidental 1 x 3 Itália

Marrento e craque: Breitner não servia para os chatos que preferem jogadores bonzinhos

Libertador da Fúria

Autor do gol na final da Copa de 2010, aos 12 minutos do segundo tempo da prorrogação, o meia Iniesta entrou não só para a história da seleção espanhola como também escreveu seu nome no principal torneio do mundo, sendo um dos poucos a conseguir tal proeza num jogo decisivo. Maior craque da geração da Fúria, que conquistou também dois anos antes e dois anos depois a Euro (2008 e 2012), Iniesta foi o iluminado na decisão contra a Holanda, na África do Sul. Sua participação na jogada do gol do título mostrou resumidamente suas principais características. Depois de aproveitar uma sobra no meio de campo, tocou de calcanhar para Fábregas. Na sequência, correu para a área e, após uma troca de passes da seleção de Vicente del Bosque, recebeu do próprio Fábregas para arrematar um sem-pulo de primeira, sem chances para Stekelenburg. Jogador de muita habilidade, de técnica refinada e passes precisos e inesperados, Iniesta é capaz de dominar a bola como poucos, conduzindo-a de maneira quase que inigualável. Eleito para a seleção da Copa de 2010, o meia do Barcelona disputou ainda outras duas Copas. Primeiro em 2006, na Alemanha, quando jogou apenas uma partida. Depois, em 2014, quando participou do vexame espanhol no Brasil.

ANDRÉS INIESTA LUJÁN

Nascimento
11/5/1984
Nacionalidade
espanhol
Posição
meia

3 Copas
1 título (2010) ★
10 jogos | 2 gols

Partidas

2006 (1 J | 0 G)
Espanha 1 x 0 Arábia Saudita

2010 (6 J | 2 G)
Espanha 0 x 1 Suíça
Espanha 2 x 1 Chile
Espanha 1 x 0 Portugal
Espanha 1 x 0 Paraguai
Espanha 1 x 0 Alemanha
Espanha 1 x 0 Holanda

2014 (3 J | 0 G)
Espanha 1 x 5 Holanda
Espanha 0 x 2 Chile
Espanha 3 x 0 Austrália

Iniesta: ele parece ter nascido com a bola grudada no pé

33º BARTHEZ

Carismático e vencedor

Com apenas 1,82 m, o francês Fabien Barthez não tinha pinta de goleiro. Nem o número 1 ou 12 ele carregava nas costas pela seleção (era o 16). Mas isso pouco importava, principalmente para os torcedores franceses que viram o carequinha brilhar nos mundiais. Primeiro em 1998, em casa, quando levou o prêmio Yashin, da Fifa, como o melhor goleiro da competição. Seguro e em grande fase, Barthez levou apenas dois gols em sete jogos e foi muito bem na decisão contra o Brasil – e ainda participou de uma jogada histórica, na trombada com Ronaldo ainda no primeiro tempo. Depois disso, ajudou a França a ganhar a Euro de 2000, ano em que se transferiu do Monaco para o Manchester United. Em 2002 Barthez disputou a Copa, mas não conseguiu evitar o fiasco da seleção francesa, eliminada na primeira fase. Já em 2006, aos 35 anos, superou a disputa com o goleiro Coupet e foi titular da França na Copa da Alemanha. Novamente em grande fase, foi um dos responsáveis pela ida do time de Raymond Domenech à final. Principalmente após a grande atuação contra Portugal, na semifinal. No total, disputou 17 jogos em Copas, sendo o recordista de participações pela seleção francesa em mundiais ao lado de Thierry Henry.

Uma piscadinha para nossa câmera, antes de despachar o Brasil na final da Copa de 98

© RICARDO CORRÊA

FABIEN BARTHEZ

Nascimento
28/6/1971
Nacionalidade
francês
Posição
goleiro

3 Copas
1 título (1998) ★
15 jogos I -8 gols

Partidas

1998 (7 J | -2 G)
França 3 x 0 África do Sul
França 4 x 0 Arábia Saudita
França 2 x 1 Dinamarca
França 1 x 0 Paraguai
França 1 x 0 Itália
França 2 x 1 Croácia
França 3 x 0 Brasil

2002 (3 J | -3 G)
França 0 x 1 Senegal
França 0 x 0 Uruguai
França 0 x 2 Dinamarca

2006 (7 J | -3 G)
França 0 x 0 Suíça
França 1 x 1 Coreia do Sul
França 2 x 0 Togo
França 3 x 1 Espanha
França 1 x 0 Brasil
França 1 x 0 Portugal
França 1 x 1 Itália
(3 x 4 nos pênaltis)

34º SCHWEINSTEIGER

O motor do tetra alemão

Uma das maiores revelações do Bayern Munique, o meia Bastian Schweinsteiger conseguiu em pouco tempo cavar seu lugar na seleção alemã. Em 2004, com apenas 20 anos, jogou a Euro em Portugal. Dois anos depois, na Alemanha, foi titular nos sete jogos na Copa do Mundo, quando marcou dois gols (contra Portugal, na disputa do terceiro lugar). Atuando como meia, aberto pela ponta, Schweinsteiger disputou também a Euro de 2008, mas acabou sendo criticado após uma expulsão contra a Croácia, levando inclusive um pito da chanceler Angela Merkel. No ano seguinte, mais ajuizado, o jogador foi recuado à posição de segundo volante pelo técnico holandês Louis van Gaal, no Bayern, e reencontrou seu bom futebol – pode-se dizer até que melhorou. Assim, na Copa de 2010, foi eleito um dos melhores jogadores da Copa pela Fifa, sendo considerado por ninguém menos que Beckenbauer como melhor jogador do mundial. Apontado pelo técnico Joachim Löw como cérebro e motor do time da Alemanha na Copa do Mundo de 2014, Schweinsteiger foi um dos grandes responsáveis pela conquista do tetra. Após o mundial, herdou a braçadeira de capitão de Philip Lahm. Mas, com as seguidas contusões, acabou defendendo a seleção alemã por mais dois anos apenas, encerrando sua participação na equipe em 2016, após 121 jogos e 24 gols.

BASTIAN SCHWEINSTEIGER

Nascimento
1/8/1984
Nacionalidade
alemão
Posição
volante

3 Copas
1 título (2014) ★
20 jogos | 2 gols

Partidas

2006 (7 J | 2 G)
Alemanha 4 x 2 Costa Rica
Alemanha 1 x 0 Polônia
Alemanha 3 x 0 Equador
Alemanha 2 x 0 Suécia
Alemanha 1 x 1 Argentina (4 x 2 nos pênaltis)
Alemanha 0 x 2 Itália
Alemanha 3 x 1 Portugal

2010 (7 J | 0 G)
Alemanha 4 x 0 Austrália
Alemanha 0 x 1 Sérvia
Alemanha 1 x 0 Gana
Alemanha 4 x 1 Inglaterra
Alemanha 4 x 0 Argentina
Alemanha 0 x 1 Espanha
Alemanha 3 x 2 Uruguai

2014 (6 J | 0 G)
Alemanha 2 x 2 Gana
Alemanha 1 x 0 Estados Unidos
Alemanha 2 x 1 Argélia
Alemanha 1 x 0 França
Alemanha 7 x 1 Brasil
Alemanha 1 x 0 Argentina

Schweinsteiger: o que tem de difícil no nome, tem de facilidade na bola

35º PIRLO

O maestro da Azzurra

Revelado pelo Brescia, Pirlo foi contratado em 1998 pela Internazionale de Milão, com 19 anos, para jogar ao lado de Ronaldo. Não vingou. Atuando como segundo atacante, o promissor jogador foi emprestado depois para o Reggina e para o Brescia. Em 2001, acabou vendido ao Milan e lá mudou muito seu estilo graças ao técnico Carlo Ancelotti, que o colocou para jogador como armador e até segundo volante. Exímio cobrador de falta e ótimo nos passes, Pirlo foi o grande nome da seleção italiana na conquista do tetra na Copa do Mundo de 2006, na Alemanha. Sob o comando de Marcelo Lippi, Pirlo foi eleito pela Fifa como o melhor jogador nas partidas contra Gana (onde marcou o gol da vitória na primeira fase), Alemanha (na semifinal) e França (na final). Além disso, levou a chuteira de bronze como o terceiro melhor jogador daquela Copa, atrás de Zidane e Cannavaro. Jogador de ótimo posicionamento e visão de jogo, Pirlo foi considerado o maestro na campanha do título na Alemanha. Em 2010, lesionado, participou de apenas um jogo na África do Sul, quando a campeã Itália caiu logo na primeira fase. No Brasil, já com 35 anos, não evitou também a queda precoce da Azzurra na fase de grupos. Um ano depois, aposentou-se da seleção após 116 jogos disputados e 13 gols feitos.

ANDREA PIRLO

Nascimento
19/5/1979
Nacionalidade
italiano
Posição
meia

3 Copas
1 título (2006) ★
11 jogos | 1 gol

Partidas

2006 (7 J | 1 G)
Itália 2 x 0 Gana
Itália 1 x 1 Estados Unidos
Itália 2 x 0 República Tcheca
Itália 1 x 0 Austrália
Itália 3 x 0 Ucrânia
Itália 2 x 0 Alemanha
Itália 1 x 1 França (5 x 3 nos pênaltis)

2010 (1 J | 0 G)
Itália 2 x 3 Eslováquia

2014 (3 J | 0 G)
Itália 2 x 1 Inglaterra
Itália 0 x 1 Costa Rica
Itália 0 x 1 Uruguai

Quem assistiu aos jogos da Itália lembra que "Piiiirlooo" era o nome mais pronunciado na narração

Guri malabarista

A estreia de Ronaldinho Gaúcho na seleção brasileira foi inesquecível: ele entrou no segundo tempo da partida contra a Venezuela, pela Copa América de 1999, e em seu primeiro lance saiu distribuindo dribles e chapéus na defesa venezuelana para fazer o gol mais bonito da competição. Logo depois, no mesmo ano, foi escolhido pela Fifa o melhor jogador da Copa das Confederações,
da qual foi goleador.

Com apenas 22 anos, chegou à Copa do Mundo como titular e um dos maiores destaques do Brasil na Copa do Japão e Coreia. Um malabarista com a bola, Ronaldinho não costumava dar dribles inconsequentes (deixou isso mais para hoje, nos jogos de exibição): os movimentos eram sempre para ganhar terreno, em direção ao gol. Exímio cobrador de faltas, decidiu a classificação para o Brasil nas quartas de final da Copa de 2002, contra a Inglaterra, com uma bola parada. Fez também a jogada para o gol de Rivaldo e era o melhor brasileiro em campo quando acabou expulso por causa de uma solada.

Suas atuações no Barcelona lhe valeram o título da Fifa de melhor jogador do Mundo em 2004. Disputou a Copa de 2006, mas foi muito criticado por suas atuações apagadas. Para os fãs, o esquema tático de Parreira não favorecia seu futebol. Em 2010, embora houvesse expectativa de uma convocação, ficou fora da lista de convocados por Dunga. Sua última atuação na seleção brasileira ocorreu em setembro de 2011.

RONALDO DE ASSIS MOREIRA

Nascimento
21/3/1980
Nacionalidade
brasileiro
Posição
meia

2 Copas
1 título (2002) ★
10 jogos | 2 gols

Partidas

2002 (5 J | 2 G)
Brasil 2 x 1 Turquia
Brasil 4 x 0 China
Brasil 2 x 0 Bélgica
Brasil 2 x 1 Inglaterra
Brasil 2 x 0 Alemanha

2006 (5 J | 0 G)
Brasil 1 x 0 Croácia
Brasil 2 x 0 Austrália
Brasil 4 x 1 Japão
Brasil 3 x 0 Gana
Brasil 0 x 1 França

A pedalada em 2002 que deslocou os ingleses e deixou Rivaldo livre para chutar

O falso frágil

Um senhor zagueiro, Ardiles foi um armador que dava gosto de ver atuar. Jogador de estilo clássico, sua aparência frágil escondia uma capacidade física que lhe permitia aparecer em qualquer lugar do campo durante os 90 minutos. Não errava passes, curtos ou longos, e fazia os lances mais difíceis parecerem pueris. Era o cérebro do modesto time do Huracán, campeão argentino de 1974 com o técnico César Menotti. Quando Menotti assumiu a seleção, Ardiles virou titular absoluto da Argentina. Depois do título mundial em 1978 jogou no Tottenham, consagrando-se como o primeiro sul-americano a se tornar ídolo no futebol inglês. Em 1981, o jogador trabalhou como ator no filme *Fuga para a Vitória*, protagonizado pelos craques Pelé e Bobby Moore, além dos atores Sylvester Stallone e Michael Caine. Disputou também a Copa de 1982, na Espanha, mas a Argentina caiu para Itália e Brasil na segunda fase do Mundial. Após a aposentadoria, iniciou uma carreira de treinador na Inglaterra e dirigiu inúmeros times no Japão e ao redor do mundo.

OSVALDO CARLOS ARDILES

Nascimento
3/8/1952
Nacionalidade
argentino
Posição
meia

2 Copas
1 título (1978) ★
11 jogos l 1 gol

Partidas

1978 (6 J | 0 G)
Argentina 2 x 1 Hungria
Argentina 2 x 1 França
Argentina 0 x 1 Itália
Argentina 2 x 0 Polônia
Argentina 0 x 0 Brasil
Argentina 3 x 1 Holanda

1982 (5 J | 1 G)
Argentina 0 x 1 Bélgica
Argentina 4 x 1 Hungria
Argentina 2 x 0 El Salvador
Argentina 1 x 2 Itália
Argentina 1 x 3 Brasil

Caso raro no futebol argentino: ele adorava o futebol inglês, onde é ídolo

A muralha de 82

Dino Zoff foi um dos melhores goleiros da história e detém um recorde internacional. De setembro de 1972 a junho de 1974 não tomou nenhum gol com a Azzurra (uma invencibilidade de 1 142 minutos). Titular na conquista da Eurocopa de 1968, Zoff assistiu ao vice-campeonato italiano em 1970 do banco de reservas (o titular foi Enrico Albertosi). Jogou todas as partidas em 1974 e 1978, mas escreveu definitivamente seu nome na história em 1982. Veteraníssimo, aos 40 anos, ajudou o desacreditado time italiano a conquistar o mundial, depois de um jejum de mais de quatro décadas. Capitão da Azzurra, tornou-se o jogador mais velho a levantar a Copa do Mundo. No ano seguinte, em 1983, finalmente deixou os gramados, mas não o futebol, assumindo o cargo treinador de goleiros da Juventus. Em 1986, assumiu o comando da seleção olímpica italiana, classificando o time para a Olimpíada de Seul, no mesmo ano, e ficou no cargo até 1990, quando se tornou treinador da equipe principal juventina.

DINO ZOFF

Nascimento
28/2/1942
Nacionalidade
italiano
Posição
goleiro

4 Copas
1 título (1982) ★
17 jogos | -16 gols

Partidas

1970 (0 J | 0 G)

1974 (3 J | -4 G)
Itália 3 x 1 Haiti
Itália 1 x 1 Argentina
Itália 1 x 2 Polônia

1978 (7 J | -6 G)
Itália 2 x 1 França
Itália 3 x 1 Hungria
Itália 1 x 0 Argentina
Itália 0 x 0 Alemanha Ocidental
Itália 1 x 0 Áustria
Itália 1 x 2 Holanda
Itália 1 x 2 Brasil

1982 (7 J | -6 G)
Itália 0 x 0 Polônia
Itália 1 x 1 Peru
Itália 1 x 1 Camarões
Itália 2 x 1 Argentina
Itália 3 x 2 Brasil
Itália 2 x 0 Polônia
Itália 3 x 1 Alemanha Ocidental

O veteraníssimo Dino Zoff ergue a Taça Fifa para uma Itália até então desacreditada,

39º BEBETO

No embalo do tetra

Campeão mundial de juniores em 1983, Bebeto despontou cedo como um atacante talentoso nas categorias de base do Vitória da Bahia. A tímida compleição física atrapalhava, mas seu instinto de goleador, os dribles curtos, a movimentação inteligente, os voleios espetaculares e a precisão nas cobranças de falta eram indiscutíveis. Foi no Flamengo que o franzino craque ganhou corpo. A exemplo da transformação física que fizeram com Zico, cresceu sem perder a ternura e a agilidade. Goleador da Copa América de 1989, foi para o mundial da Itália, em 1990, como reserva. Quatro anos depois, fez uma grande Copa nos Estados Unidos. Tinha um entrosamento perfeito com Romário. Marcou gols decisivos, como o das quartas de final contra os donos da casa. Consagrou uma das comemorações mais imitadas em todos os tempos, com os braços semiestendidos, como se embalasse um bebê, em homenagem ao nascimento de seu filho, Matheus. Foi para sua terceira Copa, em 1998, muito contestado, mas mesmo assim marcou três vezes, registrando boas atuações.

JOSÉ ROBERTO GAMA DE OLIVEIRA

Nascimento
16/2/1964
Nacionalidade
brasileiro
Posição
atacante

3 Copas
1 título (1994) ★
14 jogos | 6 gols

Partidas

1990 (0 J | 0 G)

1994 (7 J | 3 G)
Brasil 2 x 0 Rússia
Brasil 3 x 0 Camarões
Brasil 1 x 1 Suécia
Brasil 1 x 0 Estados Unidos
Brasil 3 x 2 Holanda
Brasil 1 x 0 Suécia
Brasil 0 x 0 Itália (3 x 2 nos pênaltis)

1998 (7 J | 3 G)
Brasil 2 x 1 Escócia
Brasil 3 x 0 Marrocos
Brasil 1 x 2 Noruega
Brasil 4 x 1 Chile
Brasil 3 x 2 Dinamarca
Brasil 1 x 1 Holanda (4 x 2 os pênaltis)
Brasil 0 x 3 França

Bebeto e a consagrada comemoração em homenagem ao nascimento do filho

40º KLINSMANN

Artista moderno

Klinsmann representou a chegada da modernidade ao futebol alemão. Ao contrário dos avantes tradicionais do país, trombadores e peritos em operações de guerrilha na grande área, ele era um artista que gostava dos grandes espaços, saía da área, driblava e tabelava.

Consagrou-se com a conquista do título na Copa da Itália, em 1990, quando marcou três gols, incluindo contra a Holanda, numa vingança da derrota sofrida para os holandeses na Euro de 1988. Seu melhor desempenho aconteceu nos Estados Unidos, já com 30 anos, quando chegou à vice-artilharia da competição, com cinco gols. Despediu-se na Copa da França, em 1998, em grande estilo, ao anotar um golaço contra os Estados Unidos, com direito a matada no peito e voleio. Em 2006, voltou a um mundial, dessa vez como treinador da própria Alemanha. Chegou ao terceiro lugar, depois de muita turbulência e críticas pré-Copa, que no final acabaram em reconhecimento e um pedido de continuidade no cargo, o que não ocorreu. De 2011 a 2016 foi treinador da seleção dos Estados Unidos. Em 2014, na Copa do Mundo do Brasil, caiu nas oitavas derrotado pela Bélgica por 2 x 1.

© PEDRO MARTINELLI

Centroavante moderno e goleador, além de bom técnico

JURGEN KLINSMANN

Nascimento
30/7/1964
Nacionalidade
alemão
Posição
atacante

3 Copas
1 título (1990)★
17 jogos | 11 gols

Partidas

1990 (7 J | 3 G)
Alemanha Ocidental 4 x 1 Iugoslávia
Alemanha Ocidental 5 x 1 Emirados Árabes
Alemanha Ocidental 1 x 1 Colômbia
Alemanha Ocidental 2 x 1 Holanda
Alemanha Ocidental 1 x 0 Tchecoslováquia
Alemanha Ocidental 1 x 1 Inglaterra (4 x 3 nos pênaltis)
Alemanha Ocidental 1 x 0 Argentina

1994 (5 J | 5 G)
Alemanha 1 x 0 Bolívia
Alemanha 1 x 1 Espanha
Alemanha 3 x 2 Coreia do Sul
Alemanha 3 x 2 Bélgica
Alemanha 1 x 2 Bulgária

1998 (5 J | 3 G)
Alemanha 2 x 0 Estados Unidos
Alemanha 2 x 2 Iugoslávia
Alemanha 2 x 0 Irã
Alemanha 2 x 1 México
Alemanha 0 x 3 Croácia

Do 41º ao 50º

41º TOSTÃO

Craque, médico e escritor

Escolha qual Tostão você quer conhecer melhor, se um só ou todos eles juntos, não importa. Um cracaço de bola, genial mesmo, excelente médico e ótimo cronista/escritor, leitura obrigatória para quem gosta de futebol. A carreira nos gramados, precocemente encerrada aos 26 anos, por causa de uma lesão no olho, pareceu uma ironia do destino, uma vez que, dentro de campo, Tostão tinha uma visão de jogo espetacular. Meia cerebral e de extrema habilidade, foi convocado para a Copa de 1966 com apenas 19 anos. Sobreviveu ao fiasco do time, inclusive marcando um gol. O apelido Tostão, que fazia referência a sua baixa estatura (1,67 m), contrastava com seu imenso talento. Em 1969, o artilheiro da seleção nas Eliminatórias teve de ser operado por causa de um descolamento da retina, resultado de uma bolada no rosto. A torcida ficou apreensiva, mas ele voltou a tempo de brilhar no México, só que jogando como centroavante e organizando toda a movimentação ofensiva do Brasil. Após o fim da carreira, optou pelo silêncio e pela medicina. Foi aqui na Placar, após anos de reclusão, que deu sua primeira entrevista. Para nossa sorte, nunca mais deixou de falar o que pensa sobre o futebol, e hoje pode ser lido na coluna que escreve todas as quartas-feiras e domingos na *Folha de S.Paulo* e em muitos outros jornais pelo Brasil.

Tostão, um pequeno gigante na grande área

EDUARDO GONÇALVES DE ANDRADE

Nascimento
25/1/1947
Nacionalidade
brasileiro
Posição
meia/atacante

2 Copas
1 título (1970) ★
7 jogos | 3 gols

Partidas

1966 (1 J | 1 G)
Brasil 1 x 3 Hungria

1970 (6 J | 2 G)
Brasil 4 x 1 Tchecoslováquia
Brasil 1 x 0 Inglaterra
Brasil 3 x 2 Romênia
Brasil 4 x 2 Peru
Brasil 3 x 1 Uruguai
Brasil 4 x 1 Itália

Pato no gol

"El Pato" Fillol era ágil, tinha reflexos afiados, exibia firmeza quando saía do gol ou fazia defesas por baixo. Sua especialidade, no entanto, eram os pênaltis: o recorde de sete defesas num Campeonato Argentino, em 1972, perdura até hoje, além de ser o recordista em defesas de pênaltis no tempo normal na Argentina, 26, igualando-se a Hugo Gatti, seu rival para ocupar o gol na Copa de 1978, em casa. Na Copa de 1974, jogou apenas uma partida, mas em 1978 chegou ao ápice da carreira. Eleito melhor goleiro da Copa, pegou um pênalti decisivo na vitória sobre a Polônia e fez uma exibição de luxo na final contra a Holanda. Se não salvou a Argentina em 1982, não contribuiu para o desastre. É o goleiro com maior número de partidas pela seleção argentina, com 55 jogos, não levando gols em 20 deles. Seus rivais portenhos costumavam dizer que Fillol só jogava debaixo das traves, corrigindo os próprios erros, e que não saía para buscar a bola. Chegou a disputar as Eliminatórias como um dos remanescentes da era Menotti na seleção argentina, aos 36 anos, mas não integrou o grupo que disputou a Copa de 1986, no México.

Aclamado no Brasil, o argentino Fillol era contestado em seu país

© JB SCALCO

UBALDO MATILDO FILLOL

Nascimento
21/7/1950
Nacionalidade
argentino
Posição
goleiro

3 Copas
1 título (1978)★
13 jogos I -12 gols

Partidas

1974 (1 J | -1 G)
Argentina 1 x 1 Alemanha Oriental

1978 (7 J | -4 G)
Argentina 2 x 1 Hungria
Argentina 2 x 1 França
Argentina 0 x 1 Itália
Argentina 2 x 0 Polônia
Argentina 0 x 0 Brasil
Argentina 6 x 0 Peru
Argentina 3 x 1 Holanda

1982 (5 J | -7 G)
Argentina 0 x 1 Bélgica
Argentina 4 x 1 Hungria
Argentina 2 x 0 El Salvador
Argentina 1 x 2 Itália
Argentina 1 x 3 Brasil

Míssil na esquerda

Roberto Carlos ganhou fama mundial pela facilidade em bater na bola. Passes curtos, longos ou longuíssimos eram sempre precisos e o chute de pé esquerdo, um verdadeiro míssil. Não só pela força: os franceses precisaram da explicação de físicos japoneses para entender a curva da bola chutada por ele no gol contra a França num amistoso em 1997. Naquele mesmo ano recebeu o reconhecimento da Fifa de segundo melhor jogador do mundo, um feito para jogadores de defesa. Apesar de ter chegado à Copa de 1998 com status de astro de primeira grandeza, decepcionou. Acusado de enfeitar desnecessariamente vários lances, foi um dos piores em campo na fatídica final contra a França.

Homem de personalidade forte, Roberto não se deixou abater e a virada veio em 2002. Um dos líderes do grupo, marcou um belo gol de falta contra a China, fez lançamentos geniais em vários jogos e manteve sempre um desempenho de alto nível. No fim do ano, foi eleito melhor jogador do mundo pela revista francesa *L'Equipe*. Roberto Carlos chegou à Copa da Alemanha como titular e um dos jogadores que mais vestiram a camisa da seleção em todos os tempos, mas fracassou com a equipe: na derrota para a França, no gol de de Thierry Henry, que eliminou o Brasil nas oitavas, ficou famosa sua cena com as mãos no joelho, vendo a jogada, enquanto o francês escapava por trás da defesa para marcar.

ROBERTO CARLOS DA SILVA

Nascimento
10/4/1973
Nacionalidade
brasileiro
Posição
lateral esquerdo

3 Copas
1 título (2002) ★
17 jogos | 1 gol

Partidas

1998 (7 J | 0 G)
Brasil 2 x 1 Escócia
Brasil 3 x 0 Marrocos
Brasil 1 x 2 Noruega
Brasil 4 x 1 Chile
Brasil 3 x 2 Dinamarca
Brasil 1 x 1 Holanda
(4 x 2 nos pênaltis)
Brasil 0 x 3 França

2002 (6 J | 1 G)
Brasil 2 x 1 Turquia
Brasil 4 x 0 China
Brasil 2 x 0 Bélgica
Brasil 2 x 1 Inglaterra
Brasil 1 x 0 Turquia
Brasil 2 x 0 Alemanha

2006 (4 J | 0 G)
Brasil 1 x 0 Croácia
Brasil 2 x 0 Austrália
Brasil 3 x 0 Gana
Brasil 0 x 1 França

Roberto Carlos e o momento pré-paulada: potência de chute e força física

O eterno "Capita"

Carlos Alberto Torres era um jogador elegante, técnico e com um físico privilegiado. Com 1,82 m de altura, tinha passadas largas e fôlego para atacar e defender com a mesma desenvoltura, coisa raríssima em sua época. Foi um dos mais completos laterais direitos do Brasil em todos os tempos e tem duas imagens gravadas na memória do esporte brasileiro: seu gol contra a Itália, o último da goleada de 4 x 1 na final da Copa de 1970, e a cena em que ergue a Taça Jules Rimet, conquistada em definitivo pelo Brasil depois daquela vitória.

Além das qualidades físicas e técnicas, era um líder nato. Começou a jogar entre os profissionais aos 17 anos e, aos 22, já era o capitão do Santos de Pelé, o maior time do país na época. A braçadeira na seleção foi uma consequência natural. O apelido de "Capita" vai acompanhar para sempre o capitão do tricampeonato mundial. Tendo disputado apenas uma Copa do Mundo, Carlos Alberto recebeu da Fifa, em 2000, o título de melhor lateral direito do século 20. Foi técnico de futebol e disputou as Eliminatórias de 2002 e 2006, mas nem Omã nem Azerbaijão conseguiram levar o capitão do tri para mais uma Copa do Mundo. Morreu em outubro de 2016, vítima de um infarto fulminante.

CARLOS ALBERTO TORRES

Nascimento
17/7/1944
Falecimento
25/10/2016
Nacionalidade
brasileiro
Posição
lateral direito

1 Copa
1 título (1970) ★
6 jogos | 1 gol

Partidas
1970 (6 J | 1 G)
Brasil 4 x 1 Tchecoslováquia
Brasil 1 x 0 Inglaterra
Brasil 3 x 2 Romênia
Brasil 4 x 1 Peru
Brasil 3 x 1 Uruguai
Brasil 4 x 1 Itália

Carlos Alberto e a consagração de uma das maiores seleções de todos os tempos

45º XAVI

Rei dos passes

Jogador que mais vezes defendeu o Barcelona na história (767 jogos) e o terceiro que mais atuou pela seleção espanhola (133 jogos, atrás de Casillas e Sergio Ramos), o volante Xavi foi símbolo de uma era vitoriosa. Primeiro pelo Barcelona, onde ganhou 25 títulos e foi a maior referência no famoso tiki-taka da equipe comandada por Pep Guardiola. Inteligente e sempre muito bem posicionado, Xavi marcou época com seus passes precisos. Ótimo na marcação, o jogador sabia como poucos como sair jogando e dar início às jogadas de ataque. E foi assim também na seleção espanhola, quando a Fúria atingiu o auge na conquista das Eurocopas de 2008 (quando foi eleito o melhor jogador) e 2012 e da Copa do Mundo de 2010. Companheiro de Iniesta (tanto no Barça quanto na seleção), Xavi é considerado por muitos como o maior jogador da seleção em todos os tempos. Titular nas Copas de 2002 e 2006, o volante brilhou no mundial da África do Sul, quando entrou para a seleção da Copa na votação da Fifa. Em 2014, foi convencido pelo técnico Vicente del Bosque a ir para o Brasil. Longe da forma ideal, acabou jogando apenas uma partida, mas nada que tirasse o brilho do que fez no Mundial de 2010, quando foi o motor da Fúria na inédita conquista.

Xavi, o rei dos passes, caiu como uma luva no Barça

© GETTY IMAGES

XAVIER HERNÁNDEZ CREUS

Nascimento
25/1/1980
Nacionalidade
espanhola
Posição
volante

4 Copas
1 título (2010) ★
15 jogos | 0 gol

Partidas

2002 (3 J | 0 G)
Espanha 3 x 1 Paraguai
Espanha 3 x 2 África do Sul
Espanha 0 x 0 Coreia do Sul
(3 x 5 nos pênaltis)

2006 (4 J | 0 G)
Espanha 4 x 0 Ucrânia
Espanha 3 x 1 Tunísia
Espanha 1 x 0 Arábia Saudita
Espanha 1 x 3 França

2010 (7 J | 0 G)
Espanha 0 x 1 Suíça
Espanha 2 x 0 Honduras
Espanha 2 x 1 Chile
Espanha 1 x 0 Portugal
Espanha 1 x 0 Paraguai
Espanha 1 x 0 Alemanha
Espanha 1 x 0 Holanda

2014 (1 J | 0 G)
Espanha 1 x 5 Holanda

46º THOMAS MÜLLER

Candidato a recordista

Jogador do Bayern Munique desde 2008, o atacante Thomas Müller já passou por bons e maus momentos na equipe, onde já foi titular indiscutível e reserva de luxo. Na seleção alemã, o alto jogador (1,86 m), de passadas largas e muito oportunismo, nem sempre é apontado como craque, mas sua eficiência chega a ser invejável. Em apenas duas Copas, disputou 13 jogos (ficou fora de apenas um) e marcou incríveis 10 gols. No mundial de 2010, com apenas 22 anos, Müller foi um dos artilheiros da competição com cinco gols ao lado de Sneijder, Forlán e David Villa, e ganhou dois prêmios da Fifa: a chuteira de ouro (superou os rivais por ter dado ainda três assistências) e o de melhor jogador jovem. Na África do Sul, marcou gol contra a Austrália, em sua estreia, dois na goleada sobre a Inglaterra, mais um sobre a Argentina e outro sobre o Uruguai. Quatro anos depois, no Brasil, Müller voltou a manter o faro de goleador e balançou as redes mais cinco vezes. Três só na estreia, na goleada sobre Portugal de Cristiano Ronaldo por 4 x 0. Depois, marcou o gol da vitória sobre os Estados Unidos e um na goleada de 7 x 1 sobre o Brasil. Com 29 anos, e com a possibilidade de jogar também na Copa de 2022, Müller é forte candidato a alcançar a marca de Klose, o maior artilheiro dos mundiais com 16 gols.

THOMAS MÜLLER

Nascimento
13/9/1989
Nacionalidade
alemão
Posição
atacante

2 Copas
1 título (2014) ★
13 jogos | 10 gols

Partidas

2010 (6 J | 5 G)
Alemanha 4 x 0 Austrália
Alemanha 0 x 1 Sérvia
Alemanha 1 x 0 Gana
Alemanha 4 x 1 Inglaterra
Alemanha 4 x 0 Argentina
Alemanha 3 x 2 Uruguai

2014 (7 J | 5 G)
Alemanha 4 x 0 Portugal
Alemanha 2 x 2 Gana
Alemanha 1 x 0 Estados Unidos
Alemanha 2 x 1 Argélia
Alemanha 1 x 0 França
Alemanha 7 x 1 Brasil
Alemanha 1 x 0 Argentina

Müller, artilheiro de triste lembrança: gooool da Alemanha

© GETTY IMAGES

O Zico da Itália

Roberto Baggio tinha uma enorme facilidade para driblar e concluir a gol com o pé direito, além de cobrar faltas com maestria. O "Codino Divino" (Rabo de Cavalo Divino) ainda não era destaque na Copa de 1990, mas fez o gol que garantiu o terceiro lugar na competição. Em 1993, um ano antes do mundial dos Estados Unidos, foi eleito o melhor jogador do mundo. Na Copa, apesar do mau começo italiano, Baggio não decepcionou. Carregou a Azzurra com talento e raça: fez os dois gols da vitória sobre a Nigéria nas oitavas de final, o gol da vitória sobre a Espanha nas quartas de final e os dois da vitória sobre a Bulgária, na semifinal. Disputou a final no sacrifício, com uma lesão na coxa direita, e acabou errando o pênalti que deu o tetra para o Brasil. Fã confesso de Zico, diz que nunca teve raiva do Brasil, pelo contrário, mas ficou marcado pela derrota em 94. Um injustiça com o brilhante futebol praticado em nome da Azzurra.

Baggio contra o Brasil: jogou muito na Copa de 94, mas errou um pênalti, ajudando em nosso tetra

ROBERTO BAGGIO

Nascimento
18/2/1967
Nacionalidade
italiano
Posição
meia

3 Copas
16 jogos | 9 gols

Partidas

1990 (5 J | 2 G)
Itália 2 x 0 Tchecoslováquia
Itália 2 x 0 Uruguai
Itália 1 x 0 Irlanda
Itália 1 x 1 Argentina (nos pênaltis 3 x 4)
Itália 2 x 1 Inglaterra

1994 (7 J | 5 G)
Itália 0 x 1 Irlanda
Itália 1 x 0 Noruega
Itália 1 x 1 México
Itália 2 x 1 Nigéria
Itália 2 x 1 Espanha
Itália 2 x 1 Bulgária
Itália 0 x 0 Brasil (nos pênaltis 2 x 3)

1998 (4 J | 2 G)
Itália 2 x 2 Chile
Itália 3 x 0 Camarões
Itália 2 x 1 Áustria
Itália 0 x 0 França (nos pênaltis 3 x 4)

O capitão perfeito

Depois de estrear no Real Madrid com apenas 16 anos, Casillas tornou-se titular de um dos maiores clubes do mundo com apenas 18 anos. Na seleção espanhola, a trajetória do goleiro foi parecida. Depois de estrear em 2000 com 19 anos, Casillas foi titular na Copa do Mundo de 2002 com apenas 21 anos. E não decepcionou. Nas oitavas de final, contra a Irlanda, defendeu duas cobranças na disputa por pênaltis, levando a Espanha às quartas. Na Copa seguinte, na Alemanha, em 2006, foi novamente titular. Mas sua melhor fase viria logo em seguida. Após a despedida de Raúl, Casillas virou capitão da seleção e em 2008 ergueu o troféu. Dois anos depois, na Copa do Mundo de 2010, na África do Sul, o goleiro foi um dos heróis da inédita conquista da Fúria. Em sete jogos, levou somente dois gols, sendo eleito o melhor goleiro da Copa pela Fifa. Além disso, tornou-se o terceiro goleiro capitão a levantar o troféu, repetindo os italianos Gianpiero Combi (1934) e Buffon (2006). Em 2014, veio ao Brasil, mas não pode evitar a desclassificação precoce na primeira fase. Com 167 partidas, a última delas em 2016, Casillas é o recordista de jogos pela seleção espanhola, onde é chamado de San Iker.

Casillas: craque precoce e ídolo espanhol

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

IKER CASILLAS FERNÁNDEZ

Nascimento
20/5/1981
Nacionalidade
espanhol
Posição
goleiro

4 Copas
1 título (2010) ★
17 jogos | -18 gols

Partidas

2002 (5 J | -5 G)
Espanha 3 x 1 Eslovênia
Espanha 3 x 1 Paraguai
Espanha 3 x 2 África do Sul
Espanha 1 x 1 Irlanda (3 x 2 nos pênaltis)
Espanha 0 x 0 Coreia do Sul (3 x 5 nos pênaltis)

2006 (3 J | -4 G)
Espanha 4 x 0 Ucrânia
Espanha 3 x 1 Tunísia
Espanha 1 x 3 França

2010 (7 J | -2 G)
Espanha 0 x 1 Suíça
Espanha 2 x 0 Honduras
Espanha 2 x 1 Chile
Espanha 1 x 0 Portugal
Espanha 1 x 0 Paraguai
Espanha 1 x 0 Alemanha
Espanha 1 x 0 Holanda

2014 (2 J | -7 G)
Espanha 1 x 5 Holanda
Espanha 0 x 2 Chile

O Muro de Berlim

Gandula na cidade de Nápoles, durante a Copa do Mundo de 1990, o zagueiro Fabio Cannavaro jogava nas categorias de base do Napoli. Naquela época, viu sua Itália ser eliminada na semifinal, nos pênaltis, pela Argentina, do seu ídolo Maradona. Apenas oito anos depois, o talentoso jogador fez sua estreia em Copas. Zagueiro seguro e de boa impulsão (que supria a baixa estatura, 1,75 m), Cannavaro foi titular da Azzurra na Copa de 1998. Quatro anos depois, voltou a ser o titular no mundial de 2002. Mas foi em 2006, na Alemanha que seu futebol encantou o mundo. Com atuações brilhantes, Cannavaro foi um dos responsáveis diretos pelo quarto título da Itália em Copas e, como capitão, ergueu o troféu da seleção após 24 anos, repetindo o gesto de Dino Zoff, de 1982. Contra a Alemanha, na semifinal, e depois, contra a França de Zidane, na finalíssima, o zagueiro parou os ataques rivais. Eleito o segundo melhor jogador da Copa, atrás de Zidane, Cannavaro foi coroado no mesmo ano como o melhor jogador do mundo pela Fifa, sendo o único zagueiro a conquistar tal feito. Titular depois em 2010, Cannavaro totalizou 18 jogos em Copas pela Itália, sendo o segundo jogador com mais partidas disputadas na competição, atrás de Maldini (23).

Canavarro: de gandula a campeão mundial

FABIO CANNAVARO

Nascimento
13/9/1973
Nacionalidade
italiano
Posição
zagueiro

4 Copas
1 título (2006) ★
18 jogos | 0 gol

Partidas

1998 (5 J | 0 G)
Itália 2 x 2 Chile
Itália 3 x 0 Camarões
Itália 2 x 1 Áustria
Itália 1 x 0 Noruega
Itália 0 x 1 França

2002 (3 J | 0 G)
Itália 2 x 0 Equador
Itália 1 x 2 Croácia
Itália 1 x 1 México

2006 (7 J | 0 G)
Itália 2 x 0 Gana
Itália 1 x 1 Estados Unidos
Itália 2 x 0 República Tcheca
Itália 1 x 0 Austrália
Itália 3 x 0 Ucrânia
Itália 2 x 0 Alemanha
Itália 1 x 1 França (5 x 3 nos pênaltis)

2010 (3 J | 0 G)
Itália 1 x 1 Paraguai
Itália 1 x 1 Nova Zelândia
Itália 2 x 3 Eslováquia

O alemão voador

Atacante de muita velocidade e busca incansável pelo gol, Rudi Völler foi um dos melhores da posição na Alemanha na década de 1980. Depois de estrear pela seleção em 1982, após o vice da Copa da Espanha, Völler fez uma ótima temporada, quando foi eleito o melhor jogador da Bundesliga em 1983, atuando pelo Werder Bremen. Autor de três gols na Euro de 1984, o atacante foi ganhando espaço na seleção. Dois anos depois, foi para a Copa do Mundo do México como titular e na primeira fase marcou contra a Escócia. Depois, nas partidas finais, virou reserva, mas mesmo assim foi importantíssimo. Contra a França, na semifinal, marcou o segundo gol, na vitória por 2 x 0. Já na final, contra a Argentina, no segundo tempo, deu o passe para o gol de Rummenigge aos 29 e depois empatou o jogo aos 35, levando a decisão para a prorrogação, vencida pelo time de Maradona. Já em 1990, na Itália, marcou três gols e na decisão contra a Argentina sofreu o pênalti decisivo (convertido por Brehme), que deu o título aos alemães no estádio Olímpico, sede de seu clube na época, a Roma.
Em 1994, voltou ao mundial, mas como reserva. Nas oitavas, porém, foi titular e marcou dois gols na Bélgica. Em 2002, Völler, como técnico, levou o limitado time alemão ao vice da Copa do Mundo.

Völler, atacante muito eficiente na década de 90 para a Alemanha

© BEST PHOTO AGENCY

RUDOLF VÖLLER

Nascimento
13/4/1960
Nacionalidade
alemão
Posição
atacante

3 Copas
1 título (1990) ★
15 jogos | 8 gols

Partidas

1986 (6 J | 3 G)
Alemanha Ocidental 1 x 1 Uruguai
Alemanha Ocidental 2 x 1 Escócia
Alemanha Ocidental 0 x 2 Dinamarca
Alemanha Ocidental 1 x 0 Marrocos
Alemanha Ocidental 2 x 0 França
Alemanha Ocidental 2 x 3 Argentina

1990 (6 J | 3 G)
Alemanha Ocidental 4 x 1 Iugoslávia
Alemanha Ocidental 5 x 1 Emirados Árabes
Alemanha Ocidental 1 x 1 Colômbia
Alemanha Ocidental 2 x 1 Holanda
Alemanha Ocidental 1 x 1 Inglaterra (4 x 3 nos pênaltis)
Alemanha Ocidental 1 x 0 Argentina

1994 (3 J | 2 G)
Alemanha 1 x 1 Espanha
Alemanha 3 x 2 Bélgica
Alemanha 1 x 2 Bulgária

Do 51º ao 60º

O goleador da Fúria

Em 2005, o centroavante David Villa ganhou destaque pelo Zaragoza, fez sua estreia pela seleção espanhola e foi contratado pelo Valencia. E em menos de um ano foi disputar sua primeira Copa do Mundo, na Alemanha, em 2006, como titular da Fúria. E não decepcionou. Além dos dois gols na estreia, sobre a Ucrânia, marcou mais um contra a França, nas oitavas de final. Goleador nato, de muita força física e firme na disputa, Villa se encaixou perfeitamente na geração mais vitoriosa da Espanha. Artilheiro e campeão da Euro em 2008, o atacante marcou cinco gols na Copa do Mundo de 2010 e foi novamente campeão e artilheiro. Assim, repetiu o feito de apenas outros quatro jogadores na história dos mundiais: o italiano Schiavo (1934), o argentino Kempes (1978), o italiano Paolo Rossi (1998) e o brasileiro Ronaldo (2002), que também levantaram a taça sendo artilheiros da Copa. Na África do Sul, Villa marcou os dois gols na vitória contra Honduras e outro na vitória sobre o Chile. Depois, nas oitavas e nas quartas, fez os gols das vitórias da Espanha por 1 x 0 sobre Portugal e Paraguai. Maior artilheiro da história da seleção, com 59 gols, David Villa é também o maior goleador da Espanha em Copas, com a marca de nove gols.

David Villa foi artilheiro e campeão no mesmo mundial

© GETTY IMAGES

DAVID VILLA SÁNCHEZ

Nascimento
3/12/1981
Nacionalidade
espanhol
Posição
atacante

3 Copas
1 título (2010) ★
12 jogos | 9 gols

Partidas

2006 (4 J | 3 G)
Espanha 4 x 0 Ucrânia
Espanha 3 x 1 Tunísia
Espanha 1 x 0 Arábia Saudita
Espanha 1 x 3 França

2010 (7 J | 5 G)
Espanha 0 x 1 Suíça
Espanha 2 x 0 Honduras
Espanha 2 x 1 Chile
Espanha 1 x 0 Portugal
Espanha 1 x 0 Paraguai
Espanha 1 x 0 Alemanha
Espanha 1 x 0 Holanda

2014 (1 J | 1 G)
Espanha 3 x 0 Austrália

O goleiro líbero

Mantendo a tradição alemã de grandes goleiros em Copas, como Sepp Maier, Schumacher e Ilgner, Manuel Neuer também escreveu seu nome na história dos mundiais. Em 2010, ainda jovem, com 24 anos, o goleiro, que era a terceira opção um ano antes, foi bancado pelo técnico Joachim Löw e ganhou a posição. Ágil, frio e muito bom com os pés, Neuer brilhou na África do Sul, ajudando a levar a Alemanha à semifinal. Corajoso e ousado, o goleiro do Bayern Munique, além das grandes defesas, se mostrou ótimo nos passes e também nas interceptações na intermediária, lembrando a função de líbero. Em 2014, mesmo chegando lesionado às vésperas do mundial, o goleiro voltou a ganhar a confiança do técnico Löw e outra vez correspondeu. Apesar de não ter tanto trabalho na primeira fase, Neuer brilhou nos mata-matas. No duro jogo contra a surpreendente Argélia, fez sua parte. Nas quartas, contra a França, salvou o gol de empate nos acréscimos, num chute de Benzema. Na semifinal, no massacre do Mineirão (7 x 1), travou praticamente todas as investidas da seleção brasileira. Já na final, contra a Argentina, também segurou Messi, Higuaín e companhia, para buscar o tetra para a Alemanha. Eleito com justiça o melhor goleiro da Copa pela Fifa, Neuer foi apontado por muitos germânicos como o melhor do mundial.

MANUEL PETER NEUER

Nascimento
27/3/1986
Nacionalidade
alemão
Posição
goleiro

2 Copas
1 título (2014) ★
13 jogos | -7 gols

Partidas

2010 (6 J | -3 G)
Alemanha 4 x 0 Austrália
Alemanha 0 x 1 Sérvia
Alemanha 1 x 0 Gana
Alemanha 4 x 1 Inglaterra
Alemanha 4 x 0 Argentina
Alemanha 0 x 1 Espanha

2014 (7 J | -4 G)
Alemanha 4 x 0 Portugal
Alemanha 2 x 2 Gana
Alemanha 1 x 0 Estados Unidos
Alemanha 2 x 1 Argélia
Alemanha 1 x 0 França
Alemanha 7 x 1 Brasil
Alemanha 1 x 0 Argentina

Neuer: tão bom com as mãos quanto com os pés

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

O camisa 10 do tetra

Maior jogador, artilheiro e ídolo da Roma, o atacante Totti não teve uma carreira tão brilhante assim pela seleção italiana. Muito por causa das lesões, é verdade. Mas, no curto período em que defendeu a Azzura (de 1998 a 2006), o jogador deixou sua marca. Craque prodígio, Totti estreou cedo pela Roma e aos 22 anos, em 1998, já era o capitão da equipe, quando herdou a braçadeira do zagueiro brasileiro Aldair. Apesar de apontado como uma das maiores revelações do futebol italiano, o jogador acabou preterido pelo técnico Cesare Maldini, que não o levou para a Copa da França. Quatro anos depois, porém, Totti disputou seu primeiro mundial – e como titular. Em 2002, vinha tendo boas atuações, até ser expulso nas oitavas de final, no polêmico jogo contra Coreia do Sul, na prorrogação, pelo árbitro equatoriano Byron Moreno. Em 2006, porém, o camisa 10 não decepcionou. Presente nos sete jogos da Azzurra, o atacante foi o líder em assistências da equipe de Marcelo Lippi (quatro) e herói da classificação na partida contra a Austrália, nas oitavas de final, quando marcou o gol da vitória por 1 x 0 aos 45 minutos do segundo tempo, de pênalti. Na comemoração, fez sua clássica comemoração, chupando o dedo, em homenagem ao filho. Eleito um melhores jogadores da Copa pela Fifa, Totti decidiu se aposentar da seleção depois do mundial por causa da sua condição física – e para dedicar-se somente à Roma, onde se aposentou em 2017.

FRANCESCO TOTTI

Nascimento
27/9/1976
Nacionalidade
italiano
Posição
atacante

2 Copas
1 título (2006) ★
11 jogos | 1 gol

Partidas

2002 (4 J | 0 G)
Itália 2 x 0 Equador
Itália 1 x 2 Croácia
Itália 1 x 1 México
Itália 1 x 2 Coreia do Sul

2006 (7 J | 1 G)
Itália 2 x 0 Gana
Itália 1 x 1 Estados Unidos
Itália 2 x 0 República Tcheca
Itália 1 x 0 Austrália
Itália 3 x 0 Ucrânia
Itália 2 x 0 Alemanha
Itália 1 x 1 França (5 x 3 nos pênaltis)

Totti, mito na Roma, e sua comemoração em homenagem ao filho

54º LITTIBARSKI

Ponta de sucesso

Jogador franzino, mas de muita velocidade e habilidade, Pierre Littbarski foi um dos principais atacantes do futebol alemão nos anos 1980. Ponta-direita, jogou quase toda sua carreira no Colônia e, pela seleção alemã, conseguiu a proeza de chegar a três finais seguidas de Copa. Em 1982, com apenas 22 anos, foi um dos destaques da equipe do técnico Jupp Derwall. Titular, fez dois importantes gols, contra a Espanha, na segunda fase, e contra a França, na semifinal, no histórico 3 x 3 de Sevilha. Na disputa por pênaltis, o baixinho atacante de 1,68 m também anotou sua cobrança. Quatro anos depois, no México, Littbarski já não atravessava grande fase. Foi reserva, mas ajudou a equipe alemã, dirigida por Beckenbauer, a chegar a mais uma final de Copa. Já em 1990, novamente sob o comando do Kaiser, Littbarski começou como reserva na primeira fase, mas ganhou a titularidade no último jogo, quando marcou um golaço no empate contra a Colômbia de Rincón. Dali em diante, virou titular e foi peça fundamental na conquista do tetra. Camisa 7 nas três Copas que disputou, Littbarski aposentou-se da seleção após o título de 1990, com 19 gols em 78 partidas realizadas.

Littbarski: fruto de uma geração de atacantes alemães habilidosos

© PEDRO MARTINELLI

PIERRE MICHAEL LITTBARSKI

Nascimento 16/4/1960
Nacionalidade alemão
Posição atacante

3 Copas
1 título (1990) ★
18 jogos | 3 gols

Partidas

1982 (7 J | 2 G)
Alemanha Ocidental 1 x 2 Argélia
Alemanha Ocidental 4 x 1 Chile
Alemanha Ocidental 1 x 0 Áustria
Alemanha Ocidental 0 x 0 Inglaterra
Alemanha Ocidental 2 x 1 Espanha
Alemanha Ocidental 3 x 3 França
Alemanha Ocidental 1 x 3 Itália

1986 (5 J | 0 G)
Alemanha Ocidental 1 x 1 Uruguai
Alemanha Ocidental 2 x 1 Escócia
Alemanha Ocidental 0 x 2 Dinamarca
Alemanha Ocidental 1 x 0 Marrocos
Alemanha Ocidental 0 x 0 México (4 x 1 nos pênaltis)

1990 (6 J | 1 G)
Alemanha Ocidental 4 x 1 Iugoslávia
Alemanha Ocidental 5 x 1 Emirados Árabes
Alemanha Ocidental 1 x 1 Colômbia
Alemanha Ocidental 2 x 1 Holanda
Alemanha Ocidental 1 x 0 Tchecoslováquia
Alemanha Ocidental 1 x 0 Argentina

55º DEL PIERO

Craque à moda antiga

Considerado um dos maiores jogadores do futebol italiano de todos os tempos, o meia-atacante Alessandro Del Piero foi o sucessor do talento de Roberto Baggio, seu ídolo, tanto na Juventus quando na seleção italiana. Jogador de muita técnica e exímio cobrador de faltas, Del Piero foi também um grande goleador, tornando-se o maior artilheiro da história da poderosa Juventus, com 290 gols marcados. Pela Azzurra, o craque anotou 27 gols em 91 jogos. Disputou três Copas do Mundo e, apesar de não ter sido titular em todos os 12 jogos que fez, acabou sendo um dos principais nomes da história recente da seleção italiana – principalmente do time campeão de 2006. Em 1998, na Copa da França, Del Piero começou a competição na reserva, mas virou titular no terceiro jogo, contra a Áustria. No entanto, não evitou a queda diante da França, nas quartas de final. Em 2002, fez um gol contra o México, na primeira fase, e depois caiu com o time diante da Coreia do Sul nas oitavas de final. Na Alemanha, em 2006, virou um reserva de luxo de Marcelo Lippi. Na semifinal contra os donos da casa, incendiou o jogo na prorrogação e ainda marcou o segundo gol, no último minuto, selando a classificação para a final, onde fez um dos gols na disputa por pênaltis (o penúltimo), contra a França.

ALESSANDRO DEL PIERO

Nascimento
9/11/1974
Nacionalidade
italiano
Posição
meia-atacante

3 Copas
1 título (2006) ★
12 jogos | 2 gols

Partidas

1998 (4 J | 0 G)
Itália 3 x 0 Camarões
Itália 2 x 1 Áustria
Itália 1 x 0 Noruega
Itália 0 x 0 França
(3 x 4 nos pênaltis)

2002 (3 J | 1 G)
Itália 2 x 0 Equador
Itália 1 x 1 México
Itália 1 x 2 Coreia do Sul

2006 (5 J | 1 G)
Itália 2 x 0 Gana
Itália 1 x 1 Estados Unidos
Itália 1 x 0 Austrália
Itália 2 x 0 Alemanha
Itália 1 x 1 França
(5 x 3 nos pênaltis)

Del Piero: herdeiro da técnica de Baggio, mas com uma Copa vencida em 2006

Pulmão laranja

Não fosse a contemporaneidade com Cruyff, a estrela de Neeskens teria brilhado ainda mais. Era ótimo marcador e famoso ladrão de bola. Jogador fisicamente privilegiado, quando saía para o ataque, mostrava habilidade e rapidez. Era o pulmão do time que revolucionou o futebol em 1974, com o consagrado "Carrossel holandês", que atacava e defendia em bloco, sem que os jogadores guardassem posição fixa. O time também ficou também conhecido, nesse período, como a Laranja Mecânica, em alusão a um famoso filme da época. Neeskens personificou a inovação tática aplicada pelo treinador Rinus Michels. Fez uma Copa fantástica na Alemanha, assinalando cinco gols, sendo um deles contra o Brasil e outro na final. Na Copa da Argentina, ficou dois jogos fora por lesão e, se não correu como antes, mostrou a enorme categoria que o fez ídolo no Ajax e no Barcelona. O título, mais uma vez, escapou.

JOHAN NEESKENS

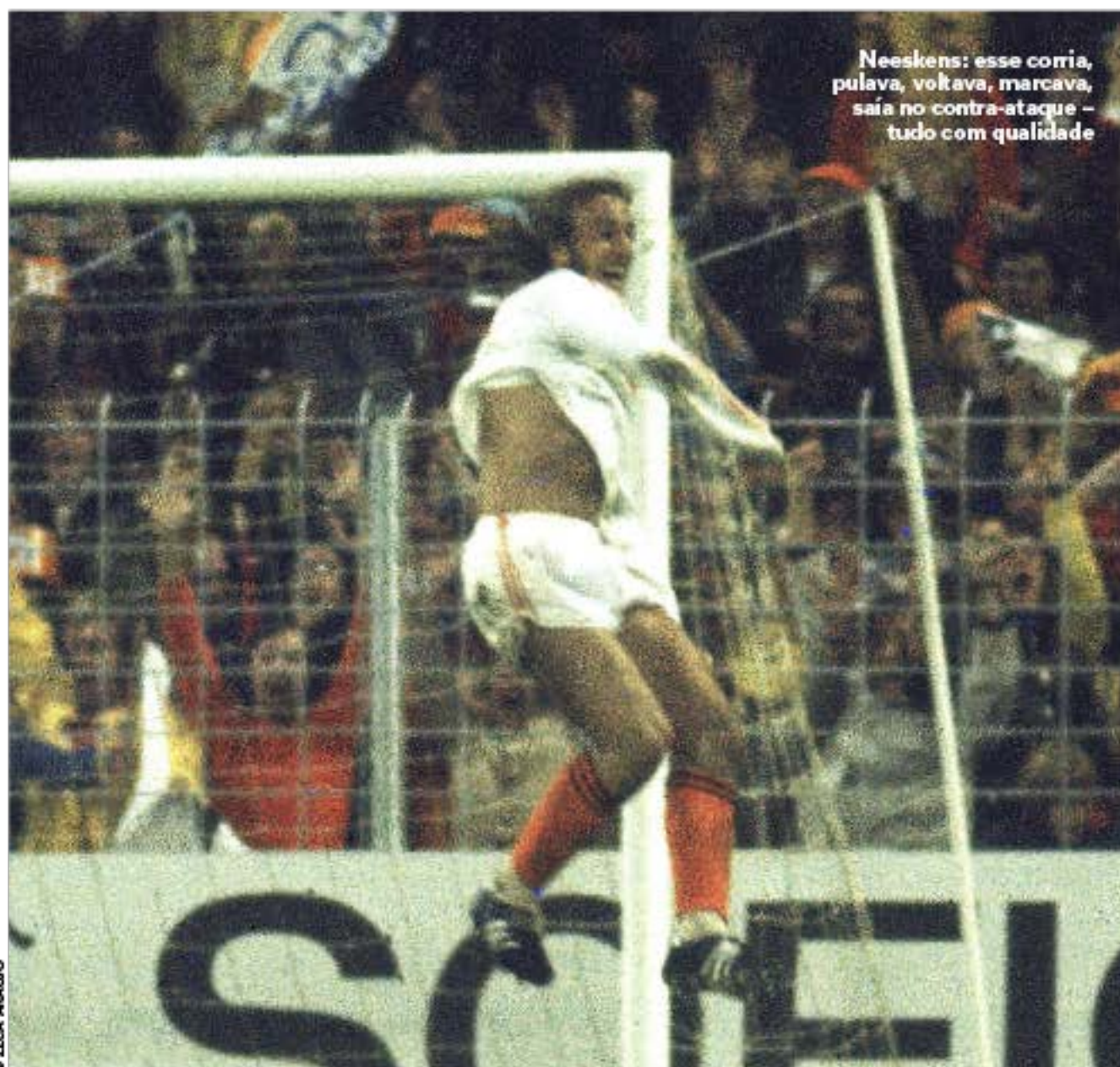
Nascimento
5/9/1951
Nacionalidade
holandês
Posição
meia

2 Copas
12 jogos I 5 gols

Partidas

1974 (7 J | 5 G)
Holanda 2 x 0 Uruguai
Holanda 0 x 0 Suécia
Holanda 4 x 1 Bulgária
Holanda 4 x 0 Argentina
Holanda 2 x 0 Alemanha Oriental
Holanda 2 x 0 Brasil
Holanda 1 x 2 Alemanha Ocidental

1978 (5 J | 0 G)
Holanda 3 x 0 Irã
Holanda 0 x 0 Peru
Holanda 2 x 3 Escócia
Holanda 2 x 1 Itália
Holanda 1 x 3 Argentina

Neeskens: esse corria, pulava, voltava, marcava, saía no contra-ataque – tudo com qualidade

Herói na defesa

Franco Baresi foi o capitão da Itália em 31 partidas. Mas a liderança nem era seu maior predicado. Jogador técnico, exímio marcador, tinha um senso de colocação extraordinário e, apesar da camisa eternamente para fora do calção, era elegante. Foi um dos maiores ídolos em todos os tempos do Milan, clube que eternizou sua camisa 6 para a história. Pelo "Rosso Nero" italiano, venceu nada menos que três Ligas dos Campeões da Europa, seis Campeonatos Italianos e três Supercopas Europeias. Jogou uma Copa de 1990 impecável e conseguiu fazer os italianos esquecerem Scirea, o maior líbero da Itália até então, por um tempo. Baresi assumiu como capitão da Azurra na Copa de 1994 disposto a tudo – a ponto de cometer o ato heroico de operar o joelho durante a competição e voltar a tempo de jogar a final. Foi perfeito na marcação a Romário, mas na hora da decisão por pênaltis, exausto pela prorrogação, errou sua cobrança.

FRANCESCHINI BARESI

Nascimento
8/5/1960
Nacionalidade
italiano
Posição
zagueiro

3 Copas
1 título (1982)★
10 jogos | 0 gol

Partidas
1982 (0 J | 0 G)

1990 (7 J | 0 G
Itália 1 x 0 Áustria
Itália 1 x 0 Estados Unidos
Itália 2 x 0 Tchecoslováquia
Itália 2 x 0 Uruguai
Itália 1 x 0 Irlanda
Itália 1 x 1 Argentina (3 x 4 nos pênaltis)
Itália 2 x 1 Inglaterra

1994 (3 J | 0 G
Itália 0 x 1 Irlanda
Itália 1 x 0 Noruega
Itália 0 x 0 Brasil

Ele operou o joelho durante a Copa e voltou para jogar a final: tá bom pra você?

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

Quase perfeito

Maior jogador e maior artilheiro da história do Barcelona, o atacante Messi vem disputando e dividindo com o português Cristiano Ronaldo desde 2008 o posto de melhor de jogador do mundo. Eleito pela Fifa o craque do ano cinco vezes (2009, 2010, 2011, 2012 e 2015), o campeoníssimo Messi é ainda o maior artilheiro da seleção argentina, com 61 gols. Números e fatos que poderiam facilmente coroá-lo como um jogador completo. Mas a falta de títulos pela Argentina e principalmente uma Copa do Mundo espetacular, como a de Maradona, em 1986, ainda pesam contra o baixinho jogador de 1,70 m. Gênio com a bola nos pés, Messi, porém, quase chegou lá. No Brasil, carregou a Argentina à final depois de 24 anos e foi eleito pela Fifa como o craque do mundial – embora nem ele mesmo tenha ficado satisfeito com a escolha, como mostrou sua reação após a premiação e a perda do título para a Alemanha. Reserva em 2006, quando tinha ainda 19 anos, Messi decepcionou em 2010, na África do Sul, quando não marcou um golzinho nos cinco jogos que fez (e ainda viu seu time ser eliminado pela Alemanha com um sonoro 4 x 0). Aos 30 anos e em ótima fase, Messi, porém, ainda tem a chance de se redimir na Rússia.

LIONEL ANDRÉS MESSI CUCCITINI

Nascimento
24/8/1987
Nacionalidade
argentino
Posição
atacante

3 Copas
15 jogos | 5 gols

Partidas

2006 (3 J | 1 G)
Argentina 6 x 0 Sérvia e Montenegro
Argentina 0 x 0 Holanda
Argentina 2 x 1 México

2010 (5 J | 0 G)
Argentina 1 x 0 Nigéria
Argentina 4 x 1 Coreia do Sul
Argentina 2 x 0 Grécia
Argentina 3 x 1 México
Argentina 0 x 4 Alemanha

2014 (7 J | 4 G)
Argentina 2 x 1 Bósnia e Herzegovina
Argentina 1 x 0 Irã
Argentina 3 x 2 Nigéria
Argentina 1 x 0 Suíça
Argentina 1 x 0 Bélgica
Argentina 0 x 0 Holanda (4 x 2 nos pênaltis)
Argentina 0 x 1 Alemanha

Tem coisa mais improdutiva que duvidar da capacidade de Lionel Messi?

Cérebro polonês

Um dos melhores jogadores da Polônia de todos os tempos, Boniek era um meia-direita de dribles simples, muita rapidez e grande visão de jogo. Despontou na Copa de 1978, marcando dois gols – ambos na vitória de 3 x 1 sobre o México. Mas era um garoto, com 22 anos, em um time de veteranos. Ele só veio a fazer a diferença em 1982. Além de marcar quatro vezes, sendo três na vitória de 3 x 0 sobre a Bélgica, na segunda fase, Boniek assumiu o papel de cérebro do time que acabou a Copa do Mundo no terceiro lugar, como em 1978. Suas atuações garantiram a vaga na seleção do mundial da Espanha e uma milionária transferência para a poderosa Juventus, além do terceiro lugar na Bola de Ouro europeia da revista *France Football*. Em 1986, aos 30 anos, os joelhos já não acompanhavam seus desejos. Fez uma Copa discreta, um ano antes da aposentadoria precoce. Nos anos 1990, virou técnico e treinou pequenas equipes da Itália. Em 2002, assumiu brevemente a direção da seleção polonesa. Depois disso, virou cartola e em 2012 tornou-se presidente da Federação Polonesa de Futebol, onde ainda mantém o cargo. Curiosamente, acabou homenageado pelos pais do jogador hondurenho Oscar Boniek García, que jogou a Copa do Mundo de 2014.

A Polônia não nos deu apenas João Paulo II. Havia lá outro craque: Boniek

ZBIGNIEW BONIEK

Nascimento
3/3/1956
Nacionalidade
polonês
Posição
meia

3 Copas
15 jogos | 6 gols

Partidas

1978 (6 J | 2 G)
Polônia 0 x 0 Alemanha Ocidental
Polônia 1 x 0 Tunísia
Polônia 3 x 1 México
Polônia 0 x 2 Argentina
Polônia 1 x 0 Peru
Polônia 1 x 3 Brasil

1982 (6 J | 4 G)
Polônia 0 x 0 Itália
Polônia 0 x 0 Camarões
Polônia 5 x 1 Peru
Polônia 3 x 0 Bélgica
Polônia 0 x 0 União Soviética
Polônia 0 x 2 Itália

1986 (3 J | 0 G)
Polônia 1 x 0 Portugal
Polônia 0 x 3 Inglaterra
Polônia 0 x 4 Brasil

O Rei entre estrelas

Falcão era um extraclasse. Magro, de passadas largas e cabeça sempre erguida, ele driblava, passava e lançava com precisão. Depois de cansar de ganhar títulos no Internacional da década de 1970, aperfeiçoou o chute na Itália no início da década de 1980, onde foi aclamado Rei de Roma. A carreira fantástica nos clubes, no entanto, não se estendeu à seleção brasileira. Falcão é o único jogador brasileiro famoso por não ter ido a uma Copa do Mundo. Foi em 1978, quando discutiu com Cláudio Coutinho e acabou vendo o Mundial pela TV. Em 1986, aos 33 anos, às voltas com uma lesão no joelho, pouco fez no México. Mas em 1982 estava no auge e foi um dos melhores jogadores de um time cheio de craques, como Zico, Sócrates e Júnior. Fez três belos gols: contra Escócia e Nova Zelândia e um que rendeu uma imagem inesquecível: depois de marcar o golaço que empatou pela segunda vez o jogo contra a Itália, ele corre de braços abertos em direção à câmera, rosto crispado, soltando um grito. Volante de extrema classe, Falcão foi eleito o segundo melhor jogador da Copa do Mundo, atrás apenas do artilheiro e campeão Paolo Rossi. E olhe que o Brasil nem chegou à semifinal. Em 1990, Falcão assumiu a seleção brasileira como técnico, após o fiasco da Copa na Itália. Mas durou apenas um ano, sendo substituído por Carlos Alberto Parreira.

PAULO ROBERTO FALCÃO

Nascimento
16/10/1953
Nacionalidade
brasileiro
Posição
volante

3 Copas
7 jogos | 3 gols

Partidas

1982 (5 J | 3 G)
Brasil 2 x 1 União Soviética
Brasil 4 x 1 Escócia
Brasil 4 x 0 Nova Zelândia
Brasil 3 x 1 Argentina
Brasil 2 x 3 Itália

1986 (2 J | 0 G)
Brasil 1 x 0 Espanha
Brasil 1 x 0 Argélia

Falcão e sua comemoração de gol mais famosa: "minha foto mais bonita"

© JB SCALCO

Do 61º ao 70º

61º LAUDRUP

O coração da "Dinamáquina"

Ídolo em equipes como Ajax, Barcelona, Real Madrid e Juventus, Michael Laudrup conseguiu, ao lado do irmão, Brian, mostrar ao mundo o futebol dinamarquês. Era uma família de boleiros. Além do irmão, o pai e um tio foram jogadores em seu país. Era muito habilidoso, mostrou seu valor especialmente no Barcelona e na Juventus, onde teve a missão de substituir o ídolo polonês da equipe, Boniek. Pela seleção, não foi diferente. Depois de uma campanha surpreendente nas Eliminatórias de 1986, a "Dinamáquina" não decepcionou no Mundial: bateu a Alemanha e aplicou uma goleada histórica no Uruguai, por 6 x 1, sempre com atuações destacadas de "Miki". Mas o fiasco contra a Espanha, quando levaram um chocolate de 5 x 1, ficou sem explicação, já que a expectativa era imensa sobre os dinamarqueses. Laudrup só voltou a uma Copa em 1998. Era o motor da equipe que acabou batida pelo Brasil, em um jogo proibido para cardíacos.

MICHAEL LAUDRUP

Nascimento
15/6/1964
Nacionalidade
dinamarquês
Posição
meia

2 Copas
9 jogos | 2 gols

Partidas

1986 (4 J | 1 G)
Dinamarca 1 x 0 Escócia
Dinamarca 6 x 1 Uruguai
Dinamarca 2 x 0 Alemanha Ocidental
Dinamarca 1 x 5 Espanha

1998 (5 J | 1 G)
Dinamarca 1 x 0 Arábia Saudita
Dinamarca 1 x 1 África do Sul
Dinamarca 1 x 2 França
Dinamarca 4 x 1 Nigéria
Dinamarca 2 x 3 Brasil

Laudrup é considerado o mais talentoso dinamarquês de todos os tempos

© JB SCALCO

Leão indomável

Atacante forte, rápido e habilidoso, Roger Milla era o capitão de Camarões na estreia do país em Copas do Mundo, em 1982. Os camaroneses foram eliminados na primeira fase sem perder nenhuma partida. Mas em 1990 fizeram história. Na estreia, bateram a Argentina, campeã do mundo. Depois, Milla se tornou o primeiro atleta de uma equipe africana a fazer dois gols num jogo de Copa, na vitória sobre os romenos. Nas oitavas de final, ele repetiu a dose contra os colombianos. Nas quartas, contra os ingleses, dois pênaltis na prorrogação vitimaram os leões indomáveis. O camaronês já tinha abandonado o futebol, mas calçou as chuteiras novamente para disputar a Copa de 1994 e se tornar o jogador mais velho, 42 anos, a fazer um gol em mundiais. Roger Milla foi eleito o melhor jogador africano do século 20. A imagem de Milla dançando junto à bandeirinha de escanteio após os gols na Copa da Itália ficou marcada na história do futebol.

Roger Milla: habilidade e dancinha famosa

© PEDRO MARTINELLI

ALBERT-ROGER MILLA

Nascimento
20/5/1952
Nacionalidade
camaronês
Posição
atacante

3 Copas
10 jogos I 5 gols

Partidas

1982 (3 J | 0 G)
Camarões 0 x 0 Peru
Camarões 0 x 0 Polônia
Camarões 1 x 1 Itália

1990 (5 J | 4 G)
Camarões 1 x 0 Argentina
Camarões 2 x 1 Romênia
Camarões 0 x 4 União Soviética
Camarões 2 x 1 Colômbia
Camarões 2 x 3 Inglaterra

1994 (2 J | 1 G)
Camarões 0 x 3 Brasil
Camarões 1 x 6 Rússia

Batigol merecia mais

Principal atacante da Argentina nos anos 1990, o centroavante Batistuta foi um dos melhores não só do país vizinho, como também do mundo no período. Ex-jogador de basquete na adolescência, Batistuta era alto (1,85 m), ótimo cabeceador e muito bom finalizador. Raçudo e apaixonado pela seleção, o atacante parecia dar o sangue por seu país quando entrava em campo. Campeão da Copa América em 1991 e 1993 e da Copa das Confederações em 1992, Batigol chegou como um dos principais nomes à Copa do Mundo de 1994. Jogador da Fiorentina na época, o atacante começou com tudo naquele mundial, marcando logo três gols na estreia, contra a Grécia. Mas, após seu companheiro Maradona ser banido da Copa, Batistuta também sentiu o golpe e não evitou a queda diante da Romênia, nas oitavas, quando ainda marcou um gol. Em 1998, na França, o camisa 9 começou bem mais uma vez, marcando o gol da vitória contra o Japão e mais três gols em um só jogo, contra a Jamaica. Nas quartas, fez outro no empate contra a Inglaterra e terminou como vice-artilheiro da competição. Em 2002, aos 33 anos, marcou ainda mais um gol, na estreia contra a Nigéria, chegando a dez gols em Copas e tornando-se o argentino com mais gols na história da competição.

GABRIEL OMAR BATISTUTA

Nascimento
1/2/1969
Nacionalidade
argentino
Posição
atacante

3 Copas
12 jogos | 10 gols

Partidas

1994 (4 J | 4 G)
Argentina 4 x 0 Grécia
Argentina 2 x 1 Nigéria
Argentina 0 x 2 Bulgária
Argentina 2 x 3 Romênia

1998 (5 J | 5 G)
Argentina 1 x 0 Japão
Argentina 5 x 0 Jamaica
Argentina 1 x 0 Croácia
Argentina 2 x 2 Inglaterra (4 x 3 nos pênaltis)
Argentina 1 x 2 Holanda

2002 (3 J | 1 G)
Argentina 1 x 0 Nigéria
Argentina 0 x 1 Inglaterra
Argentina 1 x 1 Suécia

O goleador Batistuta: muitos gols em Copas

O melhor goleiro holandês

Recordista de jogos disputados pela seleção holandesa (130 partidas), o goleiro Edwin van der Sar é considerado o melhor da posição na história da Laranja Mecânica. Ídolo do Ajax, onde jogou de 1990 a 1999, Van der Sar jogou ainda pela Juventus-ITA (1999 a 2001), Fulham-ING (2001 a 2005) e Manchester United-ING, onde também virou ídolo, entre 2005 e 2011, com seu estilo seguro, frio e técnico. Alto (1,97 m), o goleirão se tornou também referência nas disputas por pênaltis. Reserva de Ed de Goey na Copa do Mundo de 1994, Van der Sar ganhou sua primeira chance durante a Euro de 1996. Depois, em 1998, no mundial da França, foi um dos grandes destaques da seleção holandesa (principalmente na vitória sobre a Argentina por 2 x 1 nas quartas de final). Naquele ano, a Holanda chegou à semifinal e acabou eliminada pelo Brasil, nos pênaltis – curiosamente, nessa disputa Van der Sar não pegou uma cobrança. Ao lado de Taffarel, Barthez e Chilavert, o goleiro holandês foi então apontado como um dos melhores daquela Copa. Em 2006, Van der Sar chegou à Copa da Alemanha carregando o recorde de 1 013 minutos sem sofrer gol por sua seleção, que depois acabou sendo eliminada por Portugal nas quartas de final.

EDWIN VAN DER SAR

Nascimento
29/10/1970
Nacionalidade
holandês
Posição
goleiro

3 Copas
11 jogos | -9 gols

Partidas

1998 (7 J | -7 G)
Holanda 0 x 0 Bélgica
Holanda 5 x 0 Coreia do Sul
Holanda 2 x 2 México
Holanda 2 x 1 Iugoslávia
Holanda 2 x 1 Argentina
Holanda 1 x 1 Brasil (2 x 4 nos pênaltis)
Holanda 1 x 2 Croácia

2006 (4 J | -2 G)
Holanda 1 x 0 Sérvia e Montenegro
Holanda 2 x 1 Costa do Marfim
Holanda 0 x 0 Argentina
Holanda 0 x 1 Portugal

Van Der Sar: pegador de pênaltis

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

Marrento infernal

Stoitchkov sempre foi um problema – dentro e fora de campo. Nunca gostou de treinar e, por onde passou, fez desafetos entre colegas, técnicos, dirigentes e imprensa. Era o típico marrento, muitas vezes comparado a Romário, aqui no Brasil. Em campo, infernizava a vida dos juízes: é recordista em cartões por reclamação na Liga Espanhola e pegou três suspensões superiores a um mês. Vivia de cara feia em campo. Mas o pior mesmo ele reservava aos adversários.

Ídolo no Barcelona, o búlgaro exibia uma canhota poderosa, que se traduzia em dribles, lançamentos e muitos gols. A Bulgária chegou à Copa de 1994 sem nunca ter vencido uma partida de mundial nas cinco participações anteriores. Stoichkov mudou essa história. Artilheiro da competição com seis gols, levou os búlgaros ao quarto lugar. Em 1998, já em fim de carreira, não foi capaz de impedir que o país voltasse à velha sina: eliminação sem nenhuma vitória.

HRISTO STOICHKOV

Nascimento
8/2/1966
Nacionalidade
búlgaro
Posição
meia

2 Copas
10 jogos | 6 gols

Partidas

1994 (7 J | 6 G)
Bulgária 0 x 3 Nigéria
Bulgária 4 x 0 Grécia
Bulgária 0 x 2 Argentina
Bulgária 1 x 1 México
(3 x 1 nos pênaltis)
Bulgária 2 x 1 Alemanha
Bulgária 1 x 2 Itália
Bulgária 0 x 4 Suécia

1998 (3 J | 0 G)
Bulgária 0 x 0 Paraguai
Bulgária 0 x 1 Nigéria
Bulgária 1 x 6 Espanha

Stoichkov: um pouco mais marrento que Romário

O habilidoso inglês

Gary Lineker foi um atacante de exceção no futebol inglês. Tinha habilidade e era discreto, dentro e fora do campo. Símbolo de jogo limpo, nunca recebeu um cartão amarelo ou vermelho. Na Copa de 1986, no México, a Inglaterra começou mal e foi para um jogo de tudo ou nada contra a Polônia. Lineker resolveu o problema com três gols. Oitavas de final contra o Paraguai? Mais dois gols. Quartas de final contra a Argentina? Mais um, embora a "mão de Deus" de Maradona tenha decidido a partida. Restou a artilharia da Copa. Em 1990, Lineker novamente comandou o ataque do English Team, jogando bem e fazendo gols nas partidas decisivas. Depois de um na estreia contra a Irlanda, anotou dois nas quartas de final contra Camarões e mais um na semifinal contra a Alemanha. O título escapou mais uma vez, mas Lineker, o goleador caladão, colaborou muito para recolocar o futebol inglês novamente no pelotão de elite das Copas. Em dezembro de 2017, Lineker voltou aos holofote mundiais ao ser mestre de cerimônia do sorteio para a Copa da Rússia. Uma certa saia justa para a Fifa, já que o ex-craque inglês é crítico notório da entidade, especialmente pela escolha do Catar como sede da Copa do Mundo de 2022.

GARY LINEKER

Nascimento
30/11/1960
Nacionalidade
inglês
Posição
atacante

2 Copas
12 jogos | 10 gols

Partidas

1986 (5 J | 6 G)
Inglaterra 0 x 1 Portugal
Inglaterra 0 x 0 Marrocos
Inglaterra 3 x 0 Polônia
Inglaterra 3 x 0 Paraguai
Inglaterra 1 x 2 Argentina

1990 (7 J | 4 G)
Inglaterra 1 x 1 Irlanda
Inglaterra 0 x 0 Holanda
Inglaterra 1 x 0 Egito
Inglaterra 1 x 0 Bélgica
Inglaterra 3 x 2 Camarões
Inglaterra 1 x 1 Alemanha Ocidental (3 x 4 nos pênaltis)
Inglaterra 1 x 2 Itália

Lineker era um jogador diferenciado do estilo inglês

O craque da zebra

Sempre antes de começar uma Copa, os especialistas apontam as seleções que "podem surpreender". Na década de 90, a inexpressiva Romênia sempre fez parte das zebras em potencial graças a Hagi. O "Maradona dos Cárpatos" tinha uma perna esquerda infernal, capaz de dribles curtos e desconcertantes, lançamentos precisos e chutes indefensáveis. Foi o grande craque do Estrela Bucareste. Contratado pelo Real Madrid, após a Copa de 90, fracassou. Foi no Galatasaray, da Turquia, que alcançou o sucesso em um clube fora da Romênia. Brilhou na Copa de 1994, quando levou o time até as quartas de final. Hagi fez dois belíssimos gols: contra a Colômbia, num chute de 30 metros, e o da vitória nas oitavas de final contra a Argentina. Se os hermanos tinham perdido Maradona, suspenso por doping, os romenos contavam com o deles. O sucesso no mundial o levou novamente à Espanha, dessa vez ao Barcelona, onde mais uma vez não brilhou. Chegou a ser sondado para jogar aqui, pelo São Paulo, mas não rolou.

GHEORGHE HAGI

Nascimento
5/2/1965
Nacionalidade
romeno
Posição
meia

3 Copas
12 jogos | 3 gols

Partidas

1990 (3 J | 0 G)
Romênia 1 x 2 Camarões
Romênia 1 x 1 Argentina
Romênia 0 x 0 Irlanda

1994 (5 J | 3 G)
Romênia 3 x 1 Colômbia
Romênia 1 x 4 Suíça
Romênia 1 x 0 Estados Unidos
Romênia 3 x 2 Argentina
Romênia 2 x 2 Suécia (4 x 5 nos pênaltis)

1998 (4 J | 0 G)
Romênia 1 x 0 Colômbia
Romênia 2 x 1 Inglaterra
Romênia 1 x 1 Tunísia
Romênia 0 x 1 Croácia

Gheorghe Hagi: de um tempo em que a gente só descobria craques de alguns países em Copas

© NELSON COELHO

O careca voador

A calvície precoce chamava atenção, pela pinta de veterano, mas, quando começava a correr, impossível não reparar em Lato. Velocista competente, era capaz de correr 100 metros em 10,8 segundos. Ponteiro de dribles largos, gostava de entrar em diagonal e fazer gols, muitos gols. Foi o goleador da Polônia que ganhou a medalha de ouro na Olimpíada de 1972. Em 1973, em Wembley, fez o gol que tirou a Inglaterra da Copa. Em 1974, conquistou a artilharia da Copa da Alemanha, fazendo contra o Brasil o gol que garantiu o terceiro lugar aos polacos. Jogou outras duas Copas, sempre com velocidade, regularidade e gols. Despediu-se em 1982, com mais um terceiro lugar. Prejudicado pelo período da Guerra Fria, com as restrições de movimentação para o exterior, em seu país, não teve acesso a grandes clubes europeus. Acabou indo atuar em um modesto clube da Bélgica, para depois jogar no México. Virou político, tornou-se senador e foi presidente da federação de futebol de seu país, sendo um dos organizadores, junto com a Ucrânia, da Eurocopa 2012, realizada em conjunto pelos dois países.

Até parecia veterano, por causa da careca, mas voava em campo

© JOSÉ PINTO

GRZEGORZ LATO

Nascimento
8/4/1950
Nacionalidade
polonês
Posição
atacante

3 Copas
20 jogos | 10 gols

Partidas

1974 (7 J | 7 G)
Polônia 3 x 2 Argentina
Polônia 7 x 0 Haiti
Polônia 2 x 1 Itália
Polônia 1 x 0 Suécia
Polônia 2 x 1 Iugoslávia
Polônia 0 x 1 Alemanha Ocidental
Polônia 1 x 0 Brasil

1978 (6 J | 2 G)
Polônia 0 x 0 Alemanha Ocidental
Polônia 1 x 0 Tunísia
Polônia 3 x 1 México
Polônia 0 x 2 Argentina
Polônia 1 x 0 Peru
Polônia 1 x 3 Brasil

1982 (7 J | 1 G)
Polônia 0 x 0 Itália
Polônia 0 x 0 Camarões
Polônia 5 x 1 Peru
Polônia 3 x 0 Bélgica
Polônia 0 x 0 União Soviética
Polônia 0 x 2 Itália
Polônia 3 x 2 França

O herói da final de 86

Sim, o craque da Copa do Mundo do México, em 1986, foi Maradona. Mas o autor do gol da decisão contra a Alemanha Ocidental, a 6 minutos do fim, foi o atacante Burruchaga. Após uma linda enfiada de bola de Dieguito, Burru ganhou na corrida de Briegel e tocou entre as pernas do goleiro Schumacher. Jogador rápido e de muita técnica, que atuava também como meia, o então camisa 7 da Argentina em 1986 já havia mostrado dois anos antes que era pé-quente em decisões. Na final da Copa Libertadores de 1984, calou o Olímpico ao marcar o gol da vitória sobre o Grêmio que deu o título sul-americano ao Independiente-ARG. Na Copa de 1986, Burruchaga, titular em todos os jogos, marcou ainda outro gol, contra a Bulgária, na primeira fase. Quatro anos depois, na Copa de 1990, na Itália, o atacante foi peça fundamental na campanha do time argentino que chegou à outra final. Autor de um gol (no jogo nervoso contra a União Soviética, na primeira fase), Burruchaga foi importante também nas decisões por pênaltis contra Iugoslávia e Itália.

JORGE LUIS BURRUCHAGA

Nascimento
9/10/1962
Nacionalidade
argentino
Posição
meia

2 Copas
1 título (1986) ★
14 jogos | 3 gols

Partidas

1986 (7 J | 2 G)
Argentina 3 x 1 Coreia do Sul
Argentina 1 x 1 Itália
Argentina 2 x 0 Bulgária
Argentina 1 x 0 Uruguai
Argentina 2 x 1 Inglaterra
Argentina 2 x 0 Bélgica
Argentina 3 x 2 Alemanha Ocidental

1990 (7 J | 1 G)
Argentina 0 x 1 Camarões
Argentina 2 x 0 União Soviética
Argentina 1 x 1 Romênia
Argentina 1 x 0 Brasil
Argentina 0 x 0 Iugoslávia (3 x 2 nos pênaltis)
Argentina 1 x 1 Itália (4 x 3 nos pênaltis)
Argentina 0 x 1 Alemanha Ocidental

Burruchaga foi decisivo para o título argentino em 1986

O anti-Carrossel

Rob Rensenbrink era um jogador técnico, com um pé esquerdo poderoso e condição física privilegiada. Apesar de tais características servirem como uma luva para o esquema tático de Rinus Michels, Rensenbrink não gostava do "Carrosel Holandês". Preferia jogar apenas pelo lado esquerdo e não por todo o campo. Era, no entanto, peça-chave do time, e a lesão que o tirou de campo no intervalo da final contra a Alemanha é apontada como uma das causas da perda do título em 1974. Fez uma jornada brilhante no futebol belga, onde é considerado um dos melhores de todos os tempos, atuando pelo Anderlecht. Com todos os holofotes voltados para Johan Cruyff, Resenbrink foi ofuscado, mas sua habilidade fez a Placar questionar, em 1978, se ele não seria um Garrincha holandês. Exageros à parte, em 1978, a Holanda se tornou um time convencional, sem aquela inspiração inovadora da Copa anterior. Rensenbrink, não. Fez quatro gols, um deles o milésimo da história das Copas, e, se a bola que chutou no último minuto da final contra a Argentina não tivesse batido no poste, poderia ter mudado a história das Copas.

Rensenbrink era tão bom que, mesmo sem encaixar no esquema, jogava

© MANOEL MOTTA

PIETER ROBERT RENSENBRINK

Nascimento
3/7/1947
Nacionalidade
holandês
Posição
atacante

2 Copas
13 jogos | 5 gols

Partidas

1974 (6 J | 1 G)
Holanda 2 x 0 Uruguai
Holanda 4 x 1 Bulgária
Holanda 4 x 0 Argentina
Holanda 2 x 0 Alemanha Oriental
Holanda 2 x 0 Brasil
Holanda 1 x 2 Alemanha Ocidental

1978 (7 J | 4 G)
Holanda 3 x 0 Irã
Holanda 0 x 0 Peru
Holanda 2 x 3 Escócia
Holanda 5 x 1 Áustria
Holanda 2 x 2 Alemanha Ocidental
Holanda 2 x 1 Itália
Holanda 1 x 3 Argentina

Do 71º ao 80º

Canhota infalível

Atacante de rara habilidade com a perna esquerda, o atacante holandês Arjen Robben ficou marcado pelo seu drible seco, do lado direito do campo, cortando para dentro. Apesar de manjada e repetida várias vezes durante as partidas, a jogada de Robben é quase sempre eficaz. Com uma carreira vitoriosa, principalmente após sua chegada ao Bayern Munique, em 2009, Robben também deixou sua marca em Copas do Mundo. Em sua primeira participação, na Alemanha, em 2006, aos 22 anos, fez o gol da vitória contra Sérvia e Montenegro, mas viu sua seleção cair diante de Portugal, de Felipão, nas quartas de final. Depois, na África do Sul, em 2010, foi um dos destaques ao levar a Holanda à final após 32 anos. Na campanha, marcou gols contra a Eslováquia e o Uruguai, o terceiro na vitória por 3 x 2. E poderia sair consagrado se não tivesse perdido um gol cara a cara com Casillas na final, aos 16 minutos do segundo tempo. No Brasil, em 2014, voltou a ser um dos principais nomes da Holanda, principalmente na estreia, no massacre sobre a campeã Espanha por 5 x 1, com dois belos gols, e acabou sendo eleito o terceiro melhor jogador do mundial, atrás de Messi e Thomas Müller. Em 2018, infelizmente, Robben estará fora da Copa da Rússia, uma vez que a Holanda não se classificou nas Eliminatórias europeias.

Muita habilidade – e aquele "quase" nos momentos decisivos, típico dos holandeses

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

ARJEN ROBBEN

Nascimento
23/1/1984
Nacionalidade
holandês
Posição
atacante

3 Copas
15 jogos | 6 gols

Partidas

2006 (3 J | 1 G)
Holanda 1 x 0 Sérvia e Montenegro
Holanda 2 x 1 Costa do Marfim
Holanda 0 x 1 Portugal

2010 (5 J | 2 G)
Holanda 2 x 1 Camarões
Holanda 2 x 1 Eslováquia
Holanda 2 x 1 Brasil
Holanda 3 x 2 Uruguai
Holanda 0 x 1 Espanha

2014 (7 J | 3 G)
Holanda 5 x 1 Espanha
Holanda 3 x 2 Austrália
Holanda 2 x 0 Chile
Holanda 2 x 1 México
Holanda 0 x 0 Costa Rica (4 x 3 nos pênaltis)
Holanda 0 x 0 Argentina (2 x 4 nos pênaltis)
Holanda 3 x 0 Brasil

72º CANIGGIA

Louro mau

Cláudio Caniggia era um atacante hábil, veloz, com grande explosão muscular e um estilo inconfundível, com seus longos e desgrenhados cabelos loiros. Ganhou destaque mundial na Copa de 90 por suas atuações e pelos gols decisivos contra o Brasil nas oitavas e contra a Itália na semifinal.

Suspenso por causa de cartões amarelos, foi a ausência mais lamentada pelos argentinos na decisão contra a Alemanha. Com a fama de mau consolidada pela mídia, chegou à Copa de 1994 logo depois de ficar 13 meses afastado do futebol por uso de cocaína. Jogou pouco,mas em 2002 fez pior: entrou em apenas uma partida e foi expulso. Ficou famoso também um beijo que tascou na boca de seu grande ídolo e companheiro Maradona, quando ambos, já veteranos, atuavam pelo Boca Juniors, em 1997. Num clássico contra o arquirrival River Plate, vencido pelo Boca por 4 x 0, com três gols de Caniggia, o "hijo del viento" não se conteve e deu um beijaço nada técnico em Dieguito.

O controverso: jogava muito, mas foi suspenso por uso de cocaína

© PEDRO MARTINELLI

CLÁUDIO PAUL CANIGGIA

Nascimento
9/1/1967
Nacionalidade
argentino
Posição
atacante

3 Copas
10 jogos | 4 gols

Partidas

1990 (6 J | 2 G)
Argentina 0 x 1 Camarões
Argentina 2 x 0 União Soviética
Argentina 1 x 1 Romênia
Argentina 1 x 0 Brasil
Argentina 0 x 0 Iugoslávia (3 x 3 nos pênaltis)
Argentina 1 x 1 Itália (4 x 3 nos pênaltis)

1994 (3 J | 2 G)
Argentina 4 x 0 Grécia
Argentina 2 x 1 Nigéria
Argentina 0 x 2 Bulgária

2002 (1 J | 0 G)
Argentina 1 x 1 Suécia

73º MALDINI

Zagueiro modelo

Pode um jogador de defesa ser o melhor do mundo? Se esse jogador for Paolo Maldini, pode sim. Atleta que mais vezes vestiu a camisa do Milan, time pelo qual conquistou seis títulos italianos, uma Copa da Itália, quatro Copas dos Campeões da Europa e dois Mundiais Interclubes, Maldini foi escolhido pela revista *World Soccer* como o melhor jogador do mundo em 1994. Nada mais justo. Trata-se de um dos jogadores mais populares do futebol europeu. Defensor de muita classe, habilidoso e marcador implacável, é líder também em jogos com a camisa da Itália. Elegante dentro e fora de campo, atuou como modelo para Giorgio Armani. A carreira brilhante do jogador que começou na lateral e depois foi jogar como líbero, no entanto, ficou sem títulos com a Azzurra. Maldini viu a chance de ser campeão mundial escapar por duas vezes nos pênaltis: em 1990, desclassificado pela Argentina na semifinal, e em 1994, batido pelo Brasil na final. Na Copa da Itália, a Azurra terminou em terceiro lugar, invicta. Capitão do time e peça-chave do esquema defensivo, voltou a desfilar nos mundiais da França e do Japão/Coreia do Sul.

O bonitão Maldini: além de craque, foi modelo da Armani

© SPORTING HEROES

PAOLO MALDINI

Nascimento
26/6/1968
Nacionalidade
italiano
Posição
zagueiro/lateral

4 Copas
23 jogos | 0 gol

Partidas

1990 (7 J | 0 G)
Itália 1 x 0 Áustria
Itália 1 x 0 Estados Unidos
Itália 2 x 0 Tchecoslováquia
Itália 2 x 0 Uruguai
Itália 1 x 0 Irlanda
Itália 1 x 1 Argentina (3 x 4 nos pênaltis)
Itália 2 x 1 Inglaterra

1994 (7 J | 0 G)
Itália 0 x 1 Irlanda
Itália 1 x 0 Noruega
Itália 1 x 1 México
Itália 2 x 1 Nigéria
Itália 2 x 1 Espanha
Itália 2 x 1 Bulgária
Itália 0 x 0 Brasil (2 x 3 nos pênaltis)

1998 (5 J | 0 G)
Itália 2 x 2 Chile
Itália 3 x 0 Camarões
Itália 2 x 1 Áustria
Itália 1 x 0 Noruega
Itália 0 x 0 França (4 x 5 nos pênaltis)

2002 (4 J | 0 G)
Itália 2 x 0 Equador
Itália 1 x 2 Croácia
Itália 1 x 1 México
Itália 1 x 2 Coreia do Sul

Peruano top

Teófilo Cubillas foi disparado o melhor jogador da história do futebol peruano. "El Nene", apelido que recebeu ao chegar ao Alianza de Lima, por sua cara de garoto, era jogador de extrema habilidade e um goleador nato, apesar da estatura mediana e dos poucos gols de cabeça. Profissional desde os 16 anos, disputou a primeira Copa do Mundo aos 20, em 1970, no México, e foi o maior destaque da seleção que chegou às quartas de final. Contra o Brasil, naquela Copa, Cubillas jogou muito bem: o Brasil ganhava por 3 x 1 e o craque fez o segundo do Peru, acendendo uma reação, mas matamos o jogo por 4 x 2. Eleito em 1972 o melhor jogador da América do Sul, Cubillas também recebeu o título de melhor jogador da Copa da Argentina, em 1978. Ele jura até hoje que os peruanos não entregaram o jogo que garantiu os donos da casa na final. Mas ninguém acredita, nem no Peru, nem o capitão daquela equipe, Chumpitaz, mas isso é outra história...

TEÓFILO CUBILLAS

Nascimento
8/3/1949
Nacionalidade
peruano
Posição
meia

3 Copas
13 jogos I 10 gols

Partidas

1970 (4 J | 5 G)
Peru 3 x 2 Bulgária
Peru 3 x 0 Marrocos
Peru 1 x 3 Alemanha Ocidental
Peru 2 x 4 Brasil

1978 (6 J | 5 G)
Peru 3 x 1 Escócia
Peru 0 x 0 Holanda
Peru 4 x 1 Irã
Peru 0 x 3 Brasil
Peru 0 x 1 Polônia
Peru 0 x 6 Argentina

1982 (3 J | 0 G)
Peru 0 x 0 Camarões
Peru 1 x 1 Itália
Peru 1 x 5 Polônia

Pela categoria, foi um dos que sobreviveram à vergonhosa entrega peruana na Copa de 78

© SEBASTIÃO MARINHO

75º SUKER

Figura nacional

Davor Suker é herói na Croácia. Começou no modesto time de sua cidade natal, o Ojisek, aos 16 anos. Aos 19, ao lado do meia Boban e do atacante Boksic, integrou o chamado "grupo do Chile", formado pelos jogadores croatas que, em 1987, venceram o Mundial sub-20 defendendo as cores da Iugoslávia. Na época, a Croácia era território iugoslavo. O título de campeão do Mundial de Juniores o levou em 1990 a ser convocado pela seleção principal, pela qual disputou duas partidas. Fez um gol e foi à Copa da Itália, só que ficou no banco de reservas.

No ano seguinte, a Croácia se tornou independente e em 1998 fazia sua verdadeira estreia em mundiais. E que estreia. O mundial da França foi também o mundial de Suker. Atacante habilidoso e com uma perna esquerda poderosa, o croata marcou contra Jamaica, Alemanha e França, fazendo os gols das vitórias contra Japão, Romênia e Holanda. Tornou-se o goleador da Copa com seis gols e um dos principais responsáveis pela campanha inesquecível da Croácia, terceiro lugar, eliminada apenas na semifinal pela França, que viria a ser a campeã. Foi reconhecido pela Fifa como o terceiro melhor jogador do mundo, atrás de Zidane e Ronaldo, em 1998.

DAVOR SUKER

Nascimento
1/1/1968
Nacionalidade
croata
Posição
atacante

3 Copas
8 jogos | 6 gols

Partidas
1990 (0 J | 0 G)

1998 (7 J | 6 G)
Croácia 3 x 1 Jamaica
Croácia 1 x 0 Japão
Croácia 0 x 1 Argentina
Croácia 1 x 0 Romênia
Croácia 3 x 0 Alemanha
Croácia 1 x 2 França
Croácia 2 x 1 Holanda

2002 (1 J | 0 G)
Croácia 0 x 1 México

Suker comemora o terceiro lugar na Copa da França, em 1998

Herói por acaso

Em 1990, até os 29 minutos do segundo tempo da partida de estreia dos donos da casa na Copa da Itália, praticamente ninguém sabia quem era Schillaci, modesto atacante da Juventus. O número de sua camiseta dava uma ideia de sua importância: era o 19 entre 22 inscritos. Mas os austríacos seguravam o 0 x 0 até que o técnico Azeglio Vicini colocou o centroatacante em campo no lugar de Carnevale. Quatro minutos depois, Schillaci fez o gol da vitória, não saiu mais do time e virou herói nacional. Atarracado, Totó não primava pela habilidade, mas era veloz, raçudo, bom cabeceador e tinha um poderoso chute com o pé esquerdo. Ainda na primeira fase, Schillaci marcou contra a Tchecoslováquia. Depois, nos mata-matas, fez gols contra Uruguai e Irlanda (sendo o da vitória) e o do empate contra a Argentina, na semifinal. Schillaci marcou ainda o gol da vitória sobre a Inglaterra na disputa do terceiro lugar, tornando-se assim artilheiro da Copa com seis gols. Depois disso, porém, nunca mais foi o mesmo. Passou ainda pela Internazionale até encerrar a carreira no Japão. Mas Totó Schillaci escreveu seu nome na história como o italiano que fez mais gols em uma única Copa.

SALVATORE SCHILLACI

Nascimento
1/12/1964
Nacionalidade
italiano
Posição
atacante

1 Copa
7 jogos | 6 gols

Partidas
1990 (7 J | 6 G)
Itália 1 x 0 Áustria
Itália 1 x 0 Estados Unidos
Itália 2 x 0 Tchecoslováquia
Itália 2 x 0 Uruguai
Itália 1 x 0 Irlanda
Itália 1 x 1 Argentina (4 x 5 nos pênaltis)
Itália 2 x 1 Inglaterra

Schillaci: de desconhecido a herói nacional

77º FORLÁN

Uruguaio recordista

Diego Forlán fez o possível com a seleção uruguaia em 12 anos de serviços prestados, entre 2002 e 2014. Nesse período, tornou-se o jogador com mais partidas disputas pela Celeste (112 jogos) e também o maior artilheiro, com 36 gols marcados. Além disso, conduziu o Uruguai ao título da Copa América em 2011, na Argentina, e foi brilhante na Copa do Mundo de 2010. No mundial da África do Sul, foi um dos artilheiros com cinco gols, ao lado de David Villa, Thomas Müller e Sneijder, e foi eleito pela Fifa como o melhor jogador da Copa. Isso porque levou a desacreditada Celeste à semifinal contra a Holanda. Além disso, o habilidoso e técnico atacante, responsável pelas bolas paradas da equipe, viu ainda seu gol feito contra a Alemanha, na disputa do terceiro lugar, ser eleito como o mais bonito do mundial de 2010. Dieguito marcou gols ainda contra a África do Sul (dois), Gana (nas quartas) e Holanda (na semifinal). Forlán, que brilhou pelo Atlético de Madri e depois teve uma rápida passagem pelo Internacional de Porto Alegre, disputou ainda mais duas Copas: em 2002, quando fez um gol, e em 2014, aos 35 anos, quando chegou lesionado e fez apenas dois jogos.

DIEGO FORLÁN CORAZZO

Nascimento
19/5/1979
Nacionalidade
uruguaio
Posição
atacante

3 Copas
10 jogos I 6 gols

Partidas

1966 (1 J I 1 G)
Brasil 1 x 3 Hungria

1970 (6 J I 2 G)

2002 (1 J I 1 G)
Uruguai 3 x 3 Senegal

2010 (7 J I 5 G)
Uruguai 0 x 0 França
Uruguai 3 x 0 África do Sul
Uruguai 1 x 0 México
Uruguai 2 x 1 Coreia do Sul
Uruguai 1 x 1 Gana (4 x 2 nos pênaltis)
Uruguai 2 x 3 Holanda
Uruguai 2 x 3 Alemanha

2014 (2 J I 0 G)
Uruguai 1 x 3 Costa Rica
Uruguai 0 x 2 Colômbia

Forlán: um cara de muitos gols

78º FIGO

Orgulho português

Atacante de técnica refinada, muita classe e ótima visão de jogo, Luís Figo era também um excelente finalizador. Batia como poucos com sua poderosa perna direita. Revelado pelo Sporting em 1989, ganhou destaque com a seleção portuguesa na conquista do Mundial de Juniores em 1991. Anos depois, em 1995, foi contratado pelo Barcelona, onde tornou-se um dos principais nomes do time na década. Foi titular na Copa do Mundo de 1998, na França. Comprado pelo Real Madrid em 2000 pela quantia recorde na época de 60 milhões de euros, Figo chegou ao auge de sua carreira em 2001, quando foi eleito pela Fifa como o melhor jogador do mundo. No ano seguinte, porém, na Copa do Japão e da Coreia do Sul, acabou decepcionando, assim como a seleção portuguesa, que caiu na primeira fase. Em 2004, na Euro de Portugal, Figo, já como capitão, foi vice-campeão com a equipe comandada por Felipão e depois chegou a anunciar sua aposentadoria da seleção. Voltou atrás da sua decisão e na Copa de 2006, na Alemanha, foi um dos destaques do mundial ao levar Portugal para a semifinal, sendo o protagonista da equipe. Após a Copa, encerrou sua participação na seleção com o recorde de 127 jogos, superado apenas em 2015 por Cristiano Ronaldo.

Figo foi o craque de uma geração de bons jogadores lusitanos

LUÍS FILIPE MADEIRA CAEIRO FIGO

Nascimento
4/11/1972
Nacionalidade
português
Posição
meia-atacante

2 Copas
10 jogos | 0 gol

Partidas

2002 (3 J | 0 G)
Portugal 2 x 3 Estados Unidos
Portugal 4 x 0 Polônia
Portugal 0 x 1 Coreia do Sul

2006 (7 J | 0 G)
Portugal 1 x 0 Angola
Portugal 2 x 0 Irã
Portugal 2 x 1 México
Portugal 1 x 0 Holanda
Portugal 0 x 0 Inglaterra (3 x 1 nos pênaltis)
Portugal 0 x 1 França
Portugal 1 x 3 Alemanha

O dono da área

Como jogador, Oliver Kahn tinha cara de mau... e às vezes realmente era. Obcecado pela perfeição, treinava freneticamente e era hipercompetitivo, colecionando vários problemas por discutir com colegas de time, especialmente em treinos. Como goleiro, no entanto, era amado. Presença dominante na área, tinha reflexos apurados, era especialista em saídas do gol – especialmente por baixo – e não dava rebote... quer dizer, só para o Ronaldo. Depois de duas Copas do Mundo na reserva (1994 e 1998), carregou o fraco time alemão à final em 2002, tendo sofrido apenas um gol até a final, para a Irlanda, na segunda partida. Kahn acabou escolhido pela Fifa, antes da final contra o Brasil, como melhor jogador do mundial, algo inédito até então e considerado injusto, especialmente pela mídia brasileira. Um troféu que juntou aos de melhor jogador da Alemanha (2000 e 2001) e melhor goleiro da Europa (2000 e 2001). Em 2006, o goleiro que defendeu o Bayern Munique de 1994 a 2008 foi novamente à Copa do Mundo, mas aos 37 anos acabou sendo reserva de Lehmann, jogando apenas uma partida, na disputa do terceiro lugar contra Portugal.

OLIVER KAHN

Nascimento
15/6/1969
Nacionalidade
alemão
Posição
goleiro

4 Copas
8 jogos | -4 gols

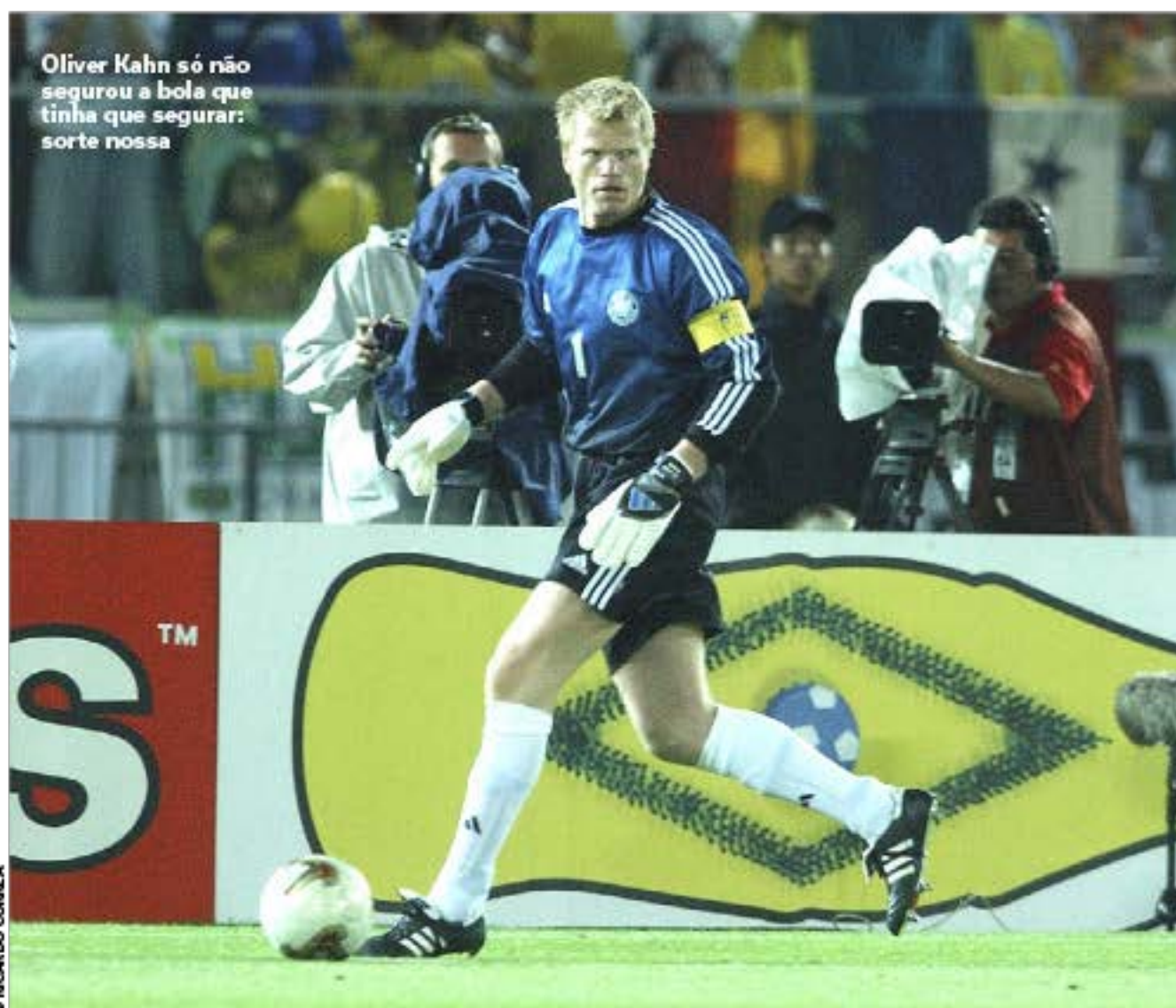
Partidas
1994 (0 J | 0 G)

1998 (0 J | 0 G)

2002 (7 J | -3 G)
Alemanha 8 x 0 Arábia Saudita
Alemanha 1 x 1 Irlanda
Alemanha 2 x 0 Camarões
Alemanha 1 x 0 Paraguai
Alemanha 1 x 0 Estados Unidos
Alemanha 1 x 0 Coreia do Sul
Alemanha 0 x 2 Brasil

2006 (1 J | -1 G)
Alemanha 3 x 1 Portugal

Oliver Kahn só não segurou a bola que tinha que segurar: sorte nossa

© RICARDO CORRÊA

80º SNEIJDER

Nosso carrasco de 2010

Baixinho de muita habilidade, o meia Sneijder fez história na Copa de 2010 ao ser o grande nome da seleção holandesa, vice-campeã mundial. Em ótima fase, e então jogador da Internazionale, que tinha vencido a Liga dos Campões da Europa, Sneijder foi um dos artilheiros da Copa de 2010, com cinco gols, ao lado de David Villa, Forlán e Thomas Müller. Eleito pela Fifa como o segundo melhor jogador do mundial da África do Sul, o meia holandês foi também o carrasco da seleção brasileira naquela Copa. Nas quartas de final, marcou os dois gols após o intervalo, na vitória de virada por 2 x 1. Autor de um sobre o Japão na primeira fase, Sneijder marcou também o segundo gol da Holanda na vitória sobre a Eslováquia por 2 x 1, nas oitavas de final, e outro contra o Uruguai, na semifinal. Titular em 2006 (quatro jogos), Sneijder foi também o titular na boa campanha da Holanda, semifinalista da Copa de 2014 no Brasil. Com 17 jogos, é o recordista de partidas pela seleção holandesa em Copas, ao lado de Van Persie. Na história, com 133 jogos, é o jogador com mais partidas pela Holanda.

WESLEY BENJAMIN SNEIJDER

Nascimento
9/6/1984
Nacionalidade
holandês
Posição
meia

3 Copas
17 jogos | 6 gols

Partidas

2006 (4 J | 0 G)
Holanda 1 x 0 Sérvia e Montenegro
Holanda 2 x 1 Costa do Marfim
Holanda 0 x 0 Argentina
Holanda 0 x 1 Portugal

2010 (7 J | 5 G)
Holanda 2 x 0 Dinamarca
Holanda 1 x 0 Japão
Holanda 2 x 1 Camarões
Holanda 2 x 1 Eslováquia
Holanda 2 x 1 Brasil
Holanda 3 x 2 Uruguai
Holanda 0 x 1 Espanha

2014 (6 J | 1 G)
Holanda 5 x 1 Espanha
Holanda 3 x 2 Austrália
Holanda 2 x 0 Chile
Holanda 2 x 1 México
Holanda 0 x 0 Costa Rica (4 x 3 nos pênaltis)
Holanda 0 x 0 Argentina (2 x 4 nos pênaltis)

Sneijder: ele matou a gente em 2010

Do 81° ao 90°

81º TONINHO CEREZO

Craque desengonçado

Magro, de passadas largas, muito fôlego, grande visão de jogo, mas um pouco desengonçado. Esse era o meia Toninho Cerezo, que dava a impressão de estar em mais de um lugar do campo ao mesmo tempo. Uma das maiores esperanças da Copa de 1978, quando era destaque do Atlético-MG, Cerezo não chegou a decepcionar, mas foi discreto no mundial da Argentina. Muito por causa de seu posicionamento, já que foi quase um segundo volante no time de Cláudio Coutinho. Amadurecido, foi o melhor jogador do Mundialito do Uruguai em 1981 – que reuniu todas as seleções campeãs do mundo – e era peça-chave do time de Telê Santana na Copa de 1982 no fantástico meio de campo formado com Falcão, Sócrates e Zico. Mas, embora tenha feito uma grande Copa na Espanha, o craque ficou muito lembrado por errar um passe que permitiu ao italiano Paolo Rossi anotar um dos três gols que eliminaram o Brasil daquela Copa no estádio Sarriá. Em 1985, o jogador chegou ainda a ser chamado por Telê Santana, mas acabou não entrando no grupo de convocados para a Copa do Mundo do México por causa de seguidas lesões.

ANTÔNIO CARLOS CEREZO

Nascimento
21/4/1955
Nacionalidade
brasileiro
Posição
meia

2 Copas
10 jogos | 0 gol

Partidas

1978 (6 J | 0 G)
Brasil 1 x 1 Suécia
Brasil 0 x 0 Espanha
Brasil 1 x 0 Áustria
Brasil 3 x 0 Peru
Brasil 3 x 1 Polônia
Brasil 2 x 1 Itália

1982 (4 J | 0 G)
Brasil 4 x 1 Escócia
Brasil 4 x 0 Nova Zelândia
Brasil 3 x 1 Argentina
Brasil 2 x 3 Itália

Cerezo, craque desengonçado e peça-chave de Telê Santana

© RONALDO KOTSCHO

82º TIGANA

O mosqueteiro africano

Imigrante africano, Tigana demorou a ter chances na seleção francesa. Quando conseguiu uma oportunidade, formou um meio de campo inesquecível com Fernandez, Giresse e Platini: "Os Três Mosqueteiros", que, assim como no clássico de Alexandre Dumas, eram quatro. Jogador elegante, ótimo marcador, preciso no passe e econômico nos dribles, Tigana foi um dos destaques da Copa do Mundo de 1982, quando ajudou a levar a França à semifinal do torneio após 24 anos. Pouco depois, o craque francês ficou em segundo lugar na eleição da Bola de Ouro da Europa de 1984, perdendo apenas para o colega Platini. Naquele ano, os dois levaram a França ao inédito título da Euro. Os mosqueteiros que encantaram o mundo voltaram a brilhar dois anos depois e levaram a França outra vez à semifinal de uma Copa do Mundo, em 1986. No México, aliás, fez seu primeiro e único gol em Copas, contra a Hungria, e seu bom desempenho no mundial garantiu sua escolha para a seleção dos melhores da competição, ao lado dos companheiros Amoros e Platini.

JEAN AMADOU TIGANA

Nascimento
23/6/1955
Nacionalidade
francês
Posição
meia

2 Copas
10 jogos | 1 gol

Partidas

1982 (4 J | 0 G)
França 1 x 3 Inglaterra
França 4 x 1 Irlanda do Norte
França 3 x 3 Alemanha Ocidental
(4 x 5 nos pênaltis)
França 2 x 3 Polônia

1986 (6 J | 1 G)
França 1 x 0 Canadá
França 1 x 1 União Soviética
França 3 x 0 Hungria
França 2 x 0 Itália
França 1 x 1 Brasil
(4 x 3 nos pênaltis)
França 0 x 2 Alemanha Ocidental

Tigana: no time francês, um dos três mosqueteiros – que eram quatro

© SERGIO SADE

83º CARECA

A ausência de 82

Centroavante habilidoso, de intensa movimentação e goleador nato, Careca despontou para o futebol brasileiro aos 17 anos, levando o pequeno Guarani ao título nacional, fazendo inclusive o gol do título sobre o Palmeiras em 1978. Homem certo para a Copa de 1982 (era o titular de Telê Santana), Careca acabou cortado pouco antes da competição devido a uma lesão no joelho. Muitos se perguntam se a sorte da seleção naquele mundial não teria sido outra se ele estivesse lá, no lugar do trombador Serginho Chulapa. Em 1986, em grande fase como companheiro de Maradona no Napoli, arrebentou pela seleção brasileira: fez cinco gols e se tornou a referência técnica da equipe de Telê, mas era uma estrela solitária em meio a veteranos como Zico e Sócrates. Em 1990, também jogou bem, mas errou muito, perdendo vários gols contra a Argentina, na partida que desclassificou o Brasil. Era o nome preferido do técnico Carlos Alberto Parreira para a Copa de 1994, mas, cansado, pediu dispensa um ano antes. Seu lugar estava reservado para Romário.

ANTÔNIO DE OLIVEIRA FILHO

Nascimento
5/10/1960
Nacionalidade
brasileiro
Posição
atacante

2 Copas
9 jogos | 7 gols

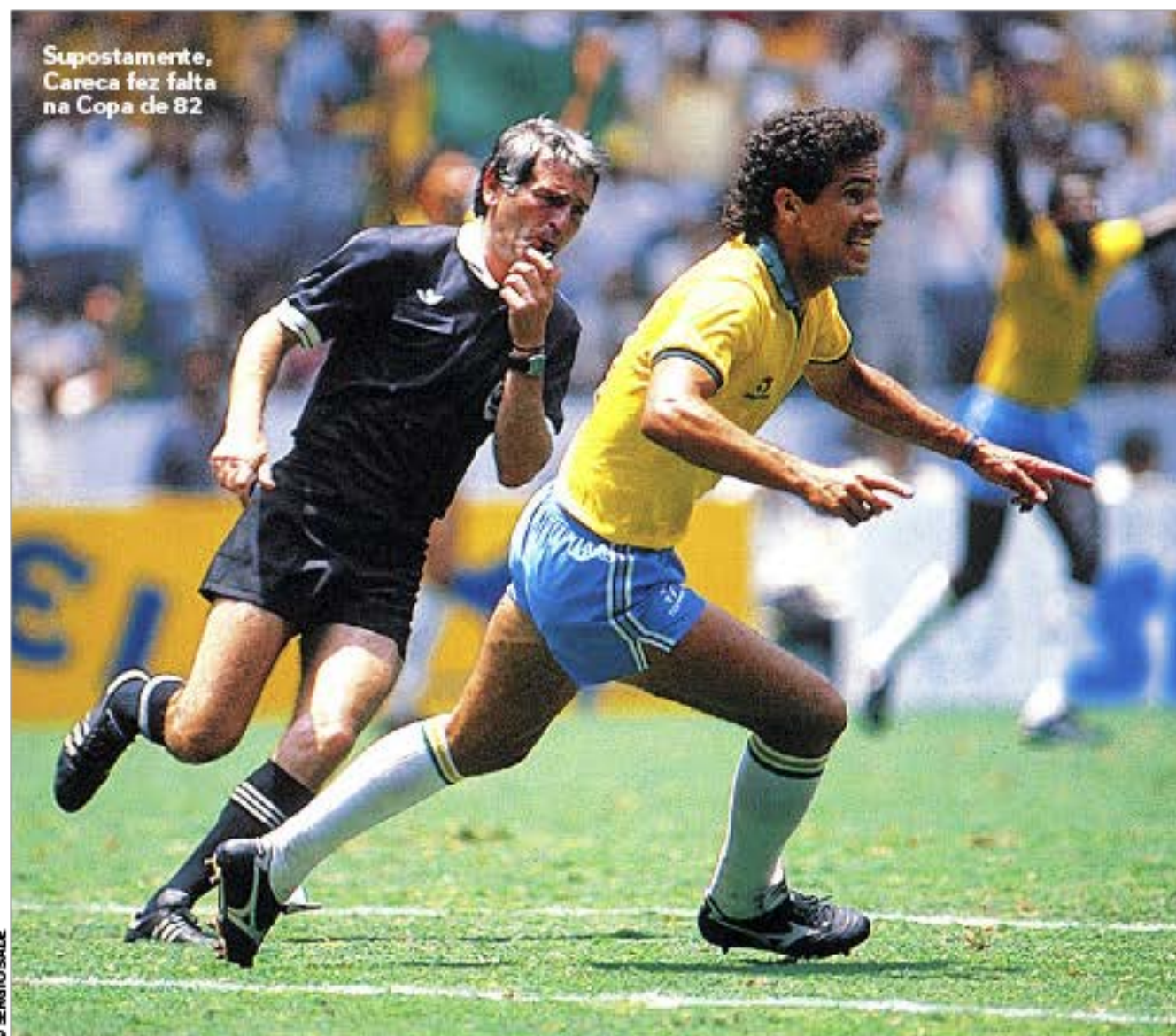
Partidas

1986 (5 J | 5 G)
Brasil 1 x 0 Espanha
Brasil 1 x 0 Argélia
Brasil 3 x 0 Irlanda do Norte
Brasil 4 x 0 Polônia
Brasil 1 x 1 França (3 x 4 nos pênaltis)

1990 (4 J | 2 G)
Brasil 2 x 1 Suécia
Brasil 1 x 0 Costa Rica
Brasil 1 x 0 Escócia
Brasil 0 x 1 Argentina

Supostamente, Careca fez falta na Copa de 82

© SERGIO SADE

84º OWEN

O inglês diferente

Michael Owen foi diferente em tudo no futebol inglês. Baixo para o tradicional jogo de "chuveirinho" (com 1,73 m), ele foi o mais hábil, mais ágil, mais veloz e o menos britânico que os inventores do futebol já revelaram. Depois de surgir como um cometa, marcando 30 gols pelo Liverpool em sua primeira temporada, com apenas 18 anos, Owen logo ganhou dimensão mundial. Aos 19, já estava na Copa da França e mostrou que era mesmo uma das maiores revelações do futebol da época: fez dois gols, um deles considerado um dos mais bonitos na história das Copas, na partida contra a Argentina, driblando a defesa adversária inteira e tocando na saída do goleiro Sergio Roa. Nas Eliminatórias para a Copa de 2002, fez três gols contra os alemães, na Alemanha, e voltou a brilhar em seu segundo mundial: foi destaque do time inglês e marcou duas vezes, uma delas ao demonstrar oportunismo na falha de Lúcio e quase mandando o Brasil para casa nas quartas de final. Owen foi o jogador mais jovem a completar 50 jogos na seleção inglesa (apesar de perder 12 jogos por lesão) e o mais jovem capitão (22 anos). Em 2006, como um "veterano em Copas", fez sua última aparição com apenas aos 26 anos, mas não conseguiu o mesmo brilho dos mundiais anteriores.

MICHAEL JAMES OWEN

Nascimento
14/12/1979
Nacionalidade
inglês
Posição
atacante

2 Copas
12 jogos | 4 gols

Partidas

1998 (4 J | 2 G)
Inglaterra 2 x 0 Tunísia
Inglaterra 1 x 2 Romênia
Inglaterra 2 x 0 Colômbia
Inglaterra 2 x 2 Argentina
(3 x 4 nos pênaltis)

2002 (5 J | 2 G)
Inglaterra 1 x 1 Suécia
Inglaterra 1 x 0 Argentina
Inglaterra 0 x 0 Nigéria
Inglaterra 3 x 0 Dinamarca
Inglaterra 1 x 2 Brasil

2006 (3 J | 0 G)
Inglaterra 1 x 0 Paraguai
Inglaterra 2 x 0 Trinidad e Tobago
Inglaterra 2 x 2 Suécia

Owen: craque com jeito brasileiro no sisudo futebol inglês

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

Cabeceador sensacional

Centroavante que defendeu com sucesso Fenerbahçe, Manchester United e principalmente o Arsenal, Robin van Persie fez bonito também pela seleção holandesa, onde é até hoje o maior artilheiro, com 50 gols marcados. Seis deles foram em Copas do Mundo, onde é também o jogador com mais partidas disputadas (17), ao lado do meia Sneijder. Titular em 2006, na Alemanha, quando foi candidato a goleador do mundial, Van Persie acabou decepcionando um pouco. Em quatro jogos, fez apenas um gol, contra Costa do Marfim. Em 2010, na África do Sul, fez também um gol apenas, contra Camarões, na primeira fase, mas foi um dos principais nomes da equipe que chegou à final e acabou derrotada pela Espanha. Quatro anos depois, o centroavante técnico protagonizou um lance espetacular na Copa no Brasil. Depois de receber um lançamento de Blind, que estava no meio de campo, Van Persie se antecipou aos espanhóis Sergio Ramos e Jordi Alba, projetou-se na entrada da área e deu um cabeceio certeiro para empatar o jogo aos 44 minutos do primeiro tempo. Ainda no Brasil, Van Persie marcou um gol contra a Espanha na goleada por 5 x 1, outro contra a Austrália e mais um, na seleção brasileira, na vitória por 3 x 0 na disputa do terceiro lugar.

ROBIN VAN PERSIE

Nascimento
6/8/1983
Nacionalidade
holandês
Posição
atacante

3 Copas
17 jogos | 6 gols

Partidas

2006 (4 J | 1 G)
Holanda 1 x 0 Sérvia e Montenegro
Holanda 2 x 1 Costa do Marfim
Holanda 0 x 0 Argentina
Holanda 0 x 1 Portugal

2010 (7 J | 1 G)
Holanda 2 x 0 Dinamarca
Holanda 1 x 0 Japão
Holanda 2 x 1 Camarões
Holanda 2 x 1 Eslováquia
Holanda 2 x 1 Brasil
Holanda 3 x 2 Uruguai
Holanda 0 x 1 Espanha

2014 (6 J | 4 G)
Holanda 5 x 1 Espanha
Holanda 3 x 2 Austrália
Holanda 2 x 0 Chile
Holanda 0 x 0 Costa Rica (4 x 3 nos pênaltis)
Holanda 0 x 0 Argentina (2 x 4 nos pênaltis)
Holanda 3 x 0 Brasil

Van Persie é recordista de gols pela seleção holandesa

© RICARDO CORRÊA

Gigante na lateral

O futebol de Júnior era tão grande que não cabia na lateral esquerda. Até porque ele era destro. Grande visão de jogo, habilidade, chute preciso, físico privilegiado, lançamentos e cruzamentos perfeitos, Júnior foi um dos ícones do grande time do Flamengo tricampeão brasileiro, da Libertadores e mundial no início dos anos 1980. Enfim, um jogador completo e querido pelo técnico Telê Santana. Lateral em 1982, Júnior conseguia se destacar num time que tinha Zico, Sócrates e Falcão. Fez uma Copa sensacional, com direito a gol contra a Argentina, no meio das pernas de Fillol. No jogo da desclassificação contra a Itália, porém, acabou sendo apontado como um dos vilões por tirar o impedimento do italiano Paolo Rossi no terceiro gol, o que mandou o Brasil para casa. Quatro anos mais tarde, atuou como armador no mundial do México. Não brilhou tanto como na Espanha, mas fez um boa Copa, atuando como titular em todos os jogos. Mas estava escrito que aquela geração de ouro não ganharia uma Copa. Outro legado de Júnior foi deixar para a história a música "Povo Feliz", mais conhecida como "Voa, Canarinho", que grudou no ouvido das pessoas em 1982, para embalar a seleção, que acabou em voo curto demais.

Júnior: craque na lateral e no meio e intérprete de "Voa, canarinho, voa"

© JB SCALCO

LEOVEGILDO LINS DA GAMA JÚNIOR

Nascimento
29/5/1954
Nacionalidade
brasileiro
Posição
lateral-esquerdo/volante

2 Copas
10 jogos | 2 gols

Partidas

1982 (5 J | 1 G)
Brasil 2 x 1 União Soviética
Brasil 4 x 1 Escócia
Brasil 4 x 0 Nova Zelândia
Brasil 3 x 1 Argentina
Brasil 2 x 3 Itália

1986 (5 J | 1 G)
Brasil 1 x 0 Espanha
Brasil 1 x 0 Argélia
Brasil 3 x 0 Irlanda do Norte
Brasil 4 x 0 Polônia
Brasil 1 x 1 França (3 x 4 nos pênaltis)

87º KROL

Zagueiro revolucionário

Tricampeão europeu com o Ajax entre 1971 e 1973, o zagueiro Ruud Krol se consagrou mundialmente após a ótima Copa do Mundo que fez na Alemanha Ocidental, em 1974. Um ótimo defensor no revolucionário Carrosel Holandês, Krol fez um dos mais belos gols daquele mundial, com um tiro violentíssimo de pé esquerdo a 40 metros da meta, na vitória sobre a Argentina por 4 x 0. O jogador, que chegou a executar outras funções na equipe, com volante e meia, se destacou também na vitória por 2 x 0 sobre o Brasil e acabou eleito um dos melhores defensores da Copa de 1974, ao lado de Beckenbauer, Breitner, Vogts e Figueroa. Mas a grande Copa do holandês foi a de 1978. Sem Cruyff e Neeskens, Krol assumiu as funções de cérebro, líbero e capitão do time. Sua liderança, o desarme limpo e a precisão nos passes curtos e longos foram decisivos para levar um time desacreditado ao vice-campeonato. Assim, novamente entrou na seleção da Copa após disputar outra final. Melhor jogador da Europa em 1979, aposentou-se da seleção em 1983, mas foi o recordista de jogos com a camisa laranja até 2000.

RUDOLF JOZEF KROL

Nascimento
23/3/1949
Nacionalidade
holandês
Posição
zagueiro

2 Copas
14 jogos | 1 gol

Partidas

1974 (7 J | 1 G)
Holanda 2 x 0 Uruguai
Holanda 0 x 0 Suécia
Holanda 4 x 1 Bulgária
Holanda 4 x 0 Argentina
Holanda 2 x 0 Alemanha Oriental
Holanda 2 x 0 Brasil
Holanda 1 x 2 Alemanha Ocidental

1978 (7 J | 0 G)
Holanda 3 x 0 Irã
Holanda 0 x 0 Peru
Holanda 2 x 3 Escócia
Holanda 5 x 1 Áustria
Holanda 2 x 2 Alemanha Ocidental
Holanda 2 x 1 Itália
Holanda 1 x 2 Argentina

Krol era o chamado jogador polivalente, em sua época

88º DIRCEU

O brasileiro discreto

Dirceu não figura na seleção brasileira de todos os tempos, tampouco ganhou uma Copa do Mundo. No entanto, faz parte da antologia dos craques inesquecíveis com a camisa amarela por ter, de maneira surpreendente, assumido a liderança técnica do Brasil na Copa de 1978. Dirceu simbolizou a modernidade nos anos 70. Tinha fôlego privilegiado e se multiplicava em campo, cobrindo espaços e aparecendo para jogar atrás e na frente. Hábil condutor de bola, tinha um chute preciso no pé esquerdo. Na Copa de 1974, estreou já na segunda fase e melhorou muito o atrapalhado time de Zagallo. Em 1978, foi o grande destaque brasileiro do mundial e ganhou da Fifa a Bola de Bronze de terceiro melhor jogador da competição. Dirceu também estava no time que estreou contra a União Soviética na Copa de 1982, mas a experiência de atuar pelo lado direito do campo não deu certo e ele acabou cedendo o lugar para Paulo Isidoro, o preferido do técnico Telê Santana. Ex-jogador de Coritiba, Botafogo, Fluminense e Vasco, ganhou destaque também no exterior, atuando pelo Atlético de Madri e clubes italianos.

Dirceu era um jogador símbolo da modernidade nos anos 70

© RODOLPHO MACHADO

DIRCEU JOSÉ GUIMARÃES

Nascimento
15/6/1952
Falecimento
15/9/1995
Nacionalidade
brasileiro
Posição
atacante

3 Copas
10 jogos | 3 gols

Partidas

1974 (3 J | 0 G)
Brasil 1 x 0 Alemanha Oriental
Brasil 2 x 1 Argentina
Brasil 0 x 2 Holanda
Brasil 0 x 1 Polônia

1978 (7 J | 3 G)
Brasil 1 x 1 Suécia
Brasil 0 x 0 Espanha
Brasil 1 x 0 Áustria
Brasil 3 x 0 Peru
Brasil 0 x 0 Argentina
Brasil 3 x 1 Polônia
Brasil 2 x 1 Argentina

1982 (1 J | 0 G)
Brasil 2 x 1 União Soviética

O gajo quer mais

Cinco vezes eleito o melhor jogador do mundo pela Fifa (2008, 2013, 2014, 2016 e 2017), Cristiano Ronaldo, assim como Messi, sempre foi cobrado pelo rendimento abaixo do esperado pela seleção nacional. O craque português, porém, pôs fim a essa escrita e ajudou sua modesta seleção a vencer a difícil Eurocopa, em 2016, sobre a França, em pleno solo francês. Maior artilheiro de Portugal, com 79 gols, CR7 é quem mais marcou gols por uma seleção entre os países mais tradicionais, superando inclusive Pelé, que fez 77. Em Copas do Mundo, porém, o ídolo do Real Madrid ainda carece de maior destaque. Nas três participações anteriores, brilhou somente em 2006, quando tinha apenas 21 anos e ajudou a seleção treinada por Luiz Felipe Scolari a chegar à semifinal. Ainda assim, fez apenas um gol em seis jogos, contra o Irã. Em 2010, frustrou as expectativas ao marcar apenas um gol também (na fraca seleção da Coreia do Norte, na goleada por 7 x 1). Já no Brasil, em 2014, ficou apagado na goleada sofrida para a Alemanha, na estreia (4 x 0). Depois, marcou um gol contra Gana, mas não conseguiu levar Portugal às oitavas de final. A esperança é que, na Rússia, em 2018, aos 33 anos, ela possa fazer a diferença e melhorar sua imagem em mundiais.

CR7 em ação na Copa de 2006. A aposta é fazer a diferença na Rússia

© GETTY IMAGES

CRISTIANO RONALDO DOS SANTOS AVEIRO

Nascimento
5/2/1985
Nacionalidade
português
Posição
atacante

3 Copas
13 jogos | 3 gols

Partidas

2006 (6 J | 1 G)
Portugal 1 x 0 Angola
Portugal 2 x 0 Irã
Portugal 1 x 0 Holanda
Portugal 0 x 0 Inglaterra (3 x 1 nos pênaltis)
Portugal 0 x 1 França
Portugal 1 x 3 Alemanha

2010 (4 J | 1 G)
Portugal 0 x 0 Costa do Marfim
Portugal 7 x 0 Coreia do Norte
Portugal 0 x 0 Brasil
Portugal 0 x 1 Espanha

2014 (3 J | 1 G)
Portugal 0 x 4 Alemanha
Portugal 2 x 2 Estados Unidos
Portugal 2 x 1 Gana

Gelado e mortal

Dennis Bergkamp era um atacante clássico, de excelente posicionamento, técnica apurada e uma espantosa frieza na conclusão das jogadas. Revelado pelo Ajax com apenas 17 anos, chegou à seleção logo aos 20 anos. Melhor jogador da Holanda em 1992 e 93, o "Homem de Gelo" foi considerado o terceiro melhor jogador do mundo pela Fifa em 1993 e 1997. No primeiro ano, já defendia a Internazionale de Milão. Na segunda vez, em 1997, atuava pelo Arsenal-ING, onde tornou-se ídolo após 11 anos de história. Pela Holanda, na Copa de 1994, foi a única estrela a brilhar num time despreparado para enfrentar o calor do verão americano. Em cinco jogos, marcou três gols – contra Marrocos, Irlanda e Brasil. Na França, em 1998, fez gols decisivos contra Iugoslávia e Argentina, num dos lances mais bonitos daquele mundial, quando dominou brilhantemente no alto uma bola lançada em profundidade e com muita rapidez driblou o zagueiro argentino e finalizou de biquinho. Bergkmap converteu ainda um pênalti na decisão da semifinal contra o Brasil. Com pânico de aviões, o atacante acabou deixando prematuramente a seleção holandesa em 2000.

DENNIS NICHOLAAS BERGKAMP

Nascimento
10/5/1969
Nacionalidade
holandês
Posição
atacante

2 Copas
13 jogos | 6 gols

Partidas

1994 (6 J | 3 G)
Holanda 2 x 1 Arábia Saudita
Holanda 0 x 1 Bélgica
Holanda 2 x 1 Marrocos
Holanda 2 x 0 Irlanda
Holanda 2 x 3 Brasil

1998 (7 J | 3 G)
Holanda 0 x 0 Bélgica
Holanda 5 x 0 Coreia do Sul
Holanda 2 x 2 México
Holanda 2 x 1 Iugoslávia
Holanda 2 x 1 Argentina
Holanda 1 x 1 Brasil (3 x 4 nos pênaltis)
Holanda 1 x 2 Croácia

Bergkamp era frio e calculista dentro da área. Com ele era tiro certo

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

Do 91º ao 100º

91º BUTRAGUEÑO

Toco e me voy

Era assim, em brincadeiras, que se definia o estilo do atacante Butragueño, de muita velocidade e explosão, mas também grande finalizador. Revelado pelo Real Madrid, onde se tornou um dos maiores ídolos do clube (e do qual hoje é diretor), El Buitre foi um dos ícones da equipe merengue nos anos 1980. Pela seleção espanhola, chegou a ser convocado para a Euro de 1984, mas, com apenas 19 anos, ficou no banco. Dois anos depois, na Copa do México, ganhou destaque mundial. Em grande fase, fez bons jogos contra Brasil e Irlanda do Norte, quando marcou um gol com 2 minutos. Mas foi contra a Dinamarca, nas oitavas de final, que o jogador se consagrou. Autor de quatro gols, despachou a seleção sensação daquele mundial, apelidada de Dinamáquina, na vitória por 5 x 1. Com cinco gols, ficou a apenas um do artilheiro Lineker. Com os quatro gols em um só jogo, El Buitre quebrou uma marca que já durava 20 anos – o último jogador a conseguir esse feito havia sido o português Eusébio, em 1966. Pouco depois, em 1994, o russo Salenko elevou o patamar, ao anotar cinco gols contra Camarões.

EMILIO BUTRAGUEÑO SANTOS

Nascimento
22/7/1963
Nacionalidade
espanhol
Posição
atacante

2 Copas
9 jogos | 5 gols

Partidas

1986 (5 J | 5 G)
Espanha 0 x 1 Brasil
Espanha 2 x 1 Irlanda do Norte
Espanha 3 x 0 Argélia
Espanha 5 x 1 Dinamarca
Espanha 1 x 1 Bélgica (4 x 5 nos pênaltis)

1990 (4 J | 0 G)
Espanha 0 x 0 Uruguai
Espanha 3 x 1 Coreia do Sul
Espanha 2 x 1 Bélgica
Espanha 2 x 1 Iugoslávia

Corre, Butragueño, corre: artilheiro nato

© PEDRO MARTINELLI

Furacão de 2014

Em 1970, o brasileiro Jairzinho, o Furacão da Copa, marcou gol em todas as seis partidas da competição, ajudando diretamente a seleção a ganhar o tri no México. Muito tempo depois, outro jogador fez algo parecido. No Brasil, em 2014, o colombiano James Rodríguez comeu a bola e marcou seis gols em cinco jogos, deixando sua marca em todas as partidas. Camisa 10 de ótimo passe e bons dribles, James se destacou no mundial também com suas finalizações. Além de marcar contra Grécia e Costa do Marfim, James fez um lindo gol contra o Japão, dando uma cavadinha, garantindo os 100% da Colômbia na primeira fase. Depois, nas oitavas de final, arrebentou com o Uruguai, marcando os dois gols da vitória, um deles uma pintura, dominando a bola no peito e batendo de primeira, de fora da área, no ângulo. O gol, aliás, foi eleito o mais bonito da Copa. Contra o Brasil, nas quartas, James fez o seu, mas apenas para descontar, quando seu time perdia por 2 x 0. Artilheiro da Copa com seis gols, o colombiano foi eleito para a seleção do mundial pela Fifa e depois, vendido ao Real Madrid pelo Monaco por 75 milhões de euros, mas não emplacou. Hoje no Bayern Munique, é uma das esperanças da Colômbia para o mundial da Rússia em 2018.

JAMES DAVID RODRÍGUEZ RUBIO

Nascimento
12/7/1991
Nacionalidade
colombiano
Posição
meia

1 Copa
5 jogos | 6 gols

Partidas
2014 (5 J | 6 G)
Colômbia 3 x 0 Grécia
Colômbia 2 x 1 Costa do Marfim
Colômbia 4 x 1 Japão
Colômbia 2 x 0 Uruguai
Colômbia 1 x 2 Brasil

O furacãozinho da Copa de 2014 não foi bem no Real Madrid, após o mundial

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

93º FIGUEROA

Don Elias

Tudo aconteceu cedo na vida de Elias Figueroa. Aos 16 anos de idade, estava casado com Marcela, a primeira namorada, e era titular do Santiago Wanderers. Aos 20 anos, disputou a primeira Copa do Mundo, já como capitão da equipe chilena, na Copa da Inglaterra, em 1966. Sua liderança e o estilo elegante de jogar logo lhe valeram o apelido de "Don Elias". Figueroa foi o único jogador a ser eleito três vezes consecutivamente como melhor jogador da América do Sul (1974/75/76). Em 1974, Figueroa já defendia o Internacional de Porto Alegre. Naquele ano, apesar da campanha ruim do Chile (perdeu para a Alemanha Ocidental e empatou contra a Oriental e a Austrália), o zagueirão recebeu o título de melhor zagueiro da Copa do Mundo. Em 1982, aos 35 anos, disputou ainda seu terceiro mundial. Em 1999, Don Elias ganhou um lugar na seleção sul-americana do século, em votação com jornalistas de todo o continente.

O clássico zagueiro Figueroa: lenda no Colorado e na América do Sul

© JB SCALCO

ELIAS RICARDO FIGUEROA BRANDER

Nascimento
25/10/1946
Nacionalidade
chileno
Posição
zagueiro

3 Copas
11 jogos | 0 gol

Partidas

1966 (3 J | 0 G)
Chile 0 x 2 Itália
Chile 1 x 1 Coreia do Norte
Chile 1 x 2 União Soviética

1974 (5 J | 0 G)
Chile 0 x 1 Alemanha Ocidental
Chile 1 x 1 Alemanha Oriental
Chile 0 x 0 Austrália

1982 (3 J | 0 G)
Chile 0 x 1 Áustria
Chile 1 x 4 Alemanha Ocidental
Chile 2 x 3 Argélia

Tesouro na zaga

Apontado por Pelé como um dos maiores defensores da história do futebol, Trésor ("tesouro", em francês) se consagrou como o maior líbero que o futebol francês já viu jogar. Primeiro defensor a ser eleito melhor jogador da França, em 1972, foi o capitão dos Bleus em duas Copas, em 1978 e 1982. Exímio no jogo aéreo, Trésor marcava de maneira implacável, mas também exibia habilidade para sair jogando. Costumava surpreender ao aparecer no ataque.

Foi dessa maneira que fez seu primeiro gol pela seleção francesa: um belo voleio no Maracanã, no empate de 2 x 2 contra o Brasil, em 1977. Marcou um gol quase igualmente belo no começo da prorrogação contra a Alemanha na Copa de 1982, num dos maiores jogos da história. Mas o gol não foi suficiente para dar a vitória aos franceses, que perderam a chance de, com um time cheio de craques e um futebol bonito, conquistar seu primeiro título mundial.

MARIUS TRÉSOR

Nascimento
15/01/1950
Nacionalidade
francês
Posição
zagueiro

2 Copas
10 jogos l 1 gol

Partidas

1978 (3 J | 0 G)
França 1 x 2 Itália
França 1 x 2 Argentina
França 3 x 1 Hungria

1982 (7 J | 1 G)
França 1 x 3 Inglaterra
França 4 x 1 Kuwait
França 1 x 1 Tchecoslováquia
França 1 x 0 Áustria
França 4 x 1 Irlanda do Norte
França 3 x 3 Alemanha (4 x 5 nos pênaltis)
França 2 x 3 Polônia

Pelé achava Tresor o melhor zagueiro que já viu jogar

© FFA

95º BLOKHIN

Estrela vermelha

Maior goleador e o jogador que mais vestiu a camisa da União Soviética, Blokhin foi o craque da história de um país que não existe mais e que reunia numa federação os países do bloco soviético oriental da Europa. Dotado de grande velocidade e de um chute fortíssimo, o atacante costumava jogar aberto para fazer fulminantes avanços diagonais rumo ao gol. A jogada era mortal: o ucraniano foi o maior artilheiro da história dos campeonatos soviéticos, com 211 gols. Consagrado no continente como melhor jogador da Europa de 1975, Blokhin brilhou na condição de estrela da União Soviética na Copa de 1982. O time vermelho fez ótimas partidas (deu um trabalhão para o Brasil na estreia), mas acabou eliminado pelo saldo de gols. Já em fim de carreira, aos 33 anos, Blokhin ainda marcou um gol na Copa de 1986 (contra o Canadá), seu segundo em mundiais – havia feito contra a Nova Zelândia, na Espanha. Em 2006, voltou à Copa do Mundo, mas como técnico da Ucrânia, que chegou às quartas de final – e foi eliminada pela campeã Itália.

OLEG VOLODYMYROVYCH BLOKHIN

Nascimento
5/11/1952
Nacionalidade
soviético
Posição
atacante

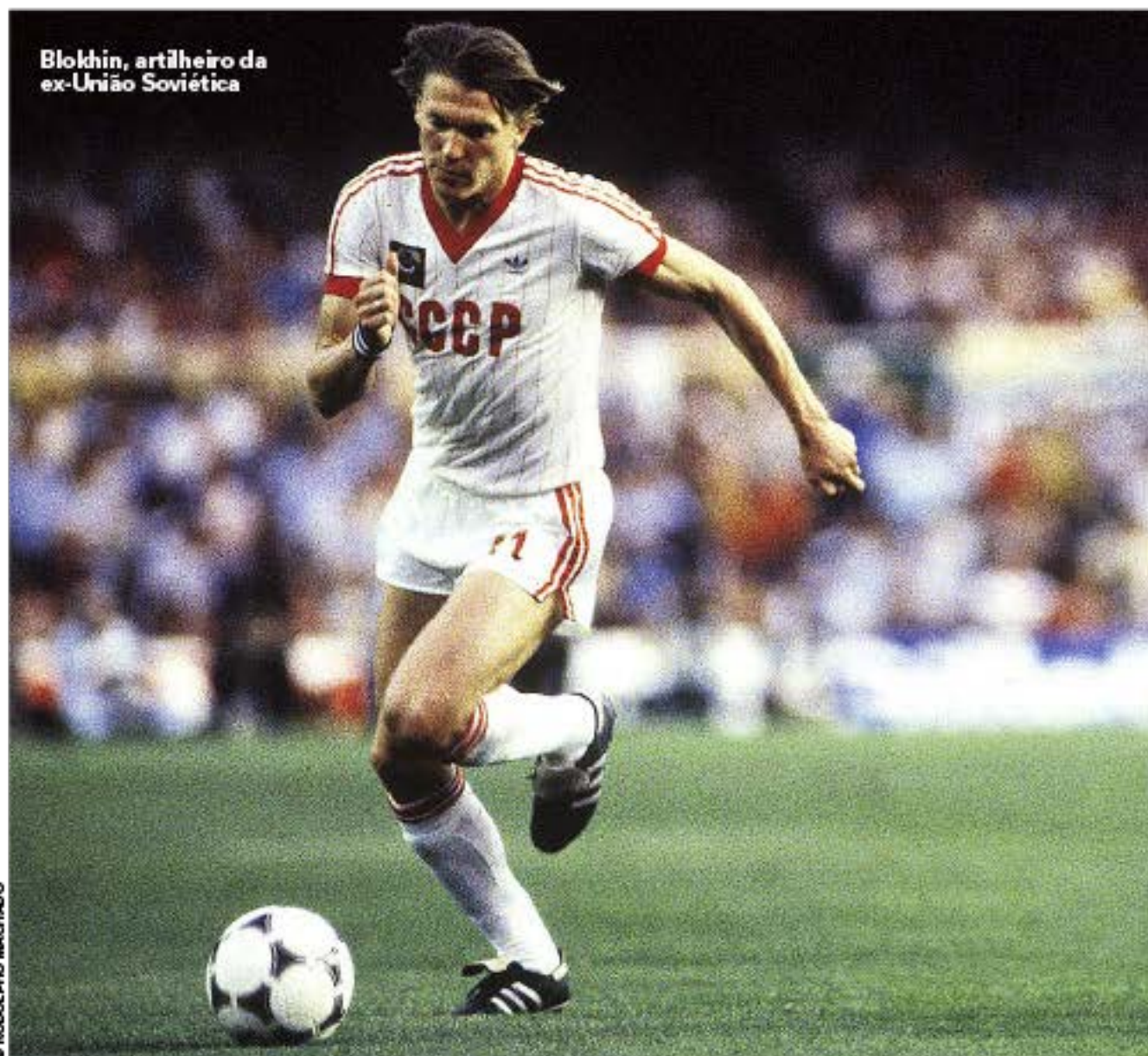
3 Copas
7 jogos | 2 gols

Partidas

1982 (5 J | 1 G)
União Soviética 1 x 2 Brasil
União Soviética 3 x 0 Nova Zelândia
União Soviética 2 x 2 Escócia
União Soviética 1 x 0 Bélgica
União Soviética 0 x 0 Polônia

1986 (2 J | 1 G)
União Soviética 1 x 1 França
União Soviética 2 x 0 Canadá

Blokhin, artilheiro da ex-União Soviética

© RODOLPHO MACHADO

96º GASCOIGNE

O beberrão sensível

O inglês Gascoigne aprontou tanto, mas tanto, que suas façanhas fora do campo quase encobrem o que ele fez nos gramados. Uma injustiça. Está certo que "Gazza", num arroubo de insanidade, jogou a bola no tocador de tuba durante a execução do hino da Suécia. Mas suas arrancadas para o gol à base de dribles e passes curtos, os chutes fortes de pé direito e a gana de vencer poderiam ter colocado o inglês entre os maiores da Inglaterra em todos os tempos. A bebida, no entanto, só permitiu que ele mostrasse seu talento na Copa de 90, quando foi eleito um dos melhores meias da competição ao lado de Maradona, Matthäus e Stojkovic. Gascoigne foi fundamental na campanha que levou os ingleses ao quarto lugar e ainda protagonizou uma das cenas mais famosas da competição. Na semifinal, contra a Alemanha Ocidental, recebeu um cartão amarelo do juiz brasileiro José Roberto Wright que lhe tirava a chance de jogar a final e começou a chorar convulsivamente. No fundo, Gazza era um bad boy sensível. Em 1994, com a desclassificação da Inglaterra nas Eliminatórias, acabou perdendo a chance de jogar seu segundo mundial.

PAUL JOHN GASCOIGNE

Nascimento
27/5/1967
Nacionalidade
inglês
Posição
meia

1 Copa
6 jogos | 0 gol

Partidas
1990 (6 J | 0 G)
Inglaterra 1 x 1 Irlanda
Inglaterra 0 x 0 Holanda
Inglaterra 1 x 0 Egito
Inglaterra 1 x 0 Bélgica
Inglaterra 3 x 2 Camarões
Inglaterra 1 x 1 Alemanha Ocidental
(3 x 4 nos pênaltis)

Paul Gascoigne: ele enchia a cara, mas fazia gols

© GIULIANO BEVILACQUA

97º GAMARRA

Zagueiro impecável

Gamarra encantou o mundo na Copa da França de 1998. Zagueiro de grande técnica, perito em antecipações e desarmes, jogou quatro partidas e uma prorrogação sem cometer uma única falta, completando 390 minutos sem infrações. Algo peculiar, que o colocou como uma espécie de ET entre os zagueiros, acostumados a parar as jogadas por bem ou por mal. "El Colorado" – apelido inspirado em seu cabelo ruivo, não pela exuberante passagem pelo Internacional de Porto Alegre – foi magistral no jogo contra os donos da casa, nas oitavas de final, ajudando a segurar o 0 x 0, ao lado do goleiro Chilavert, até os 8 minutos do segundo tempo da prorrogação. Perdeu a partida, mas ganhou o reconhecimento de melhor zagueiro da Copa pela Fifa, entrando na seleção dos 23 melhores da competição. Em 2002, voltou a desfilar sua categoria na Copa, mas os paraguaios voltaram a cair nas oitavas de final, dessa vez para a Alemanha.

Gamarra em ação: zagueiro limpo, sem faltas ou cartões

© RICARDO CORRÊA

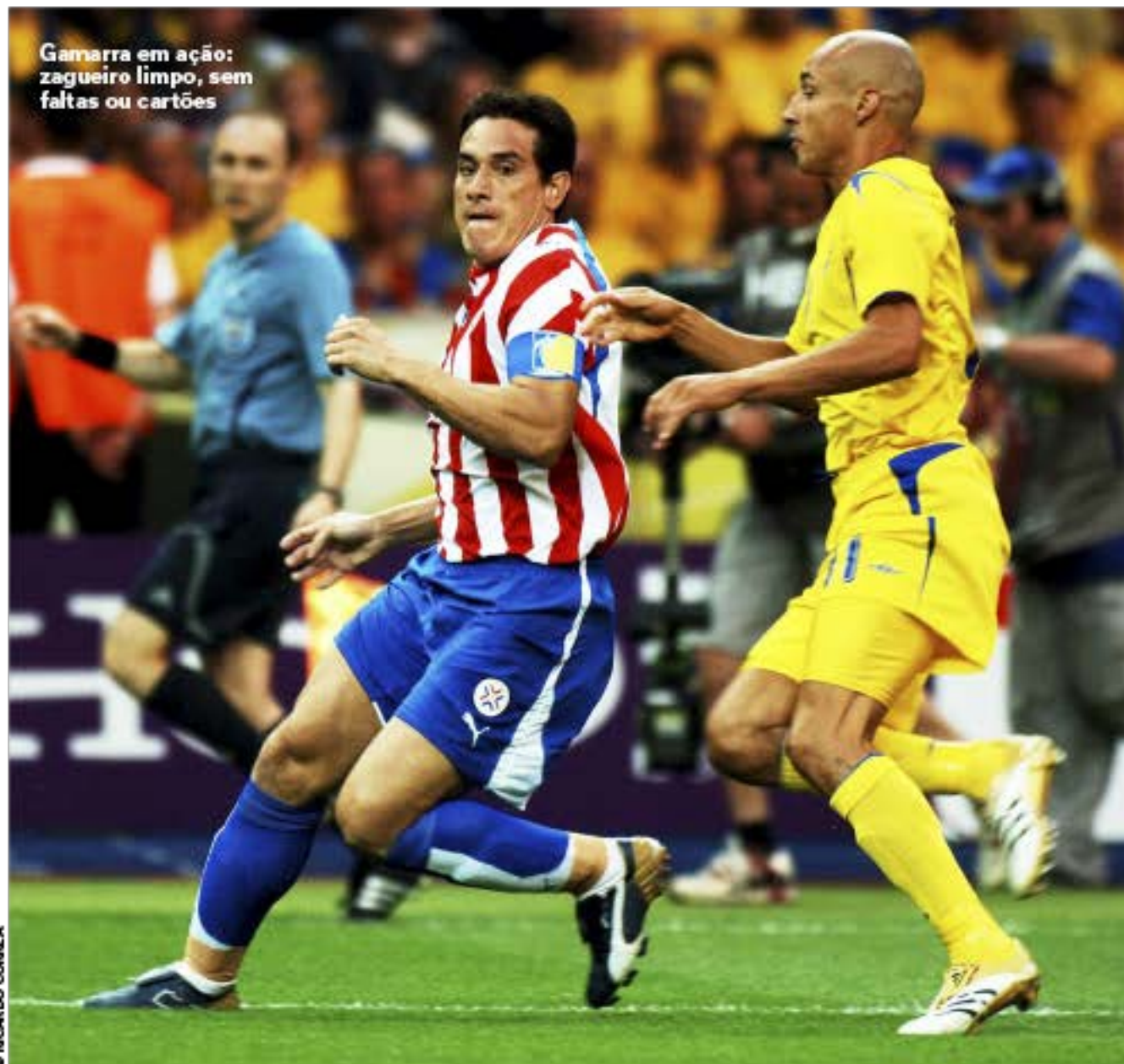
CARLOS ALBERTO GAMARRA PAVÓN

Nascimento
17/2/1971
Nacionalidade
paraguaio
Posição
zagueiro

2 Copas
8 jogos | 0 gol

Partidas

1998 (4 J | 0 G)
Paraguai 0 x 0 Bulgária
Paraguai 0 x 0 Espanha
Paraguai 3 x 1 Nigéria
Paraguai 0 x 1 França

2002 (4 J | 0 G)
Paraguai 2 x 2 África do Sul
Paraguai 1 x 3 Espanha
Paraguai 3 x 1 Eslovênia
Paraguai 0 x 1 Alemanha

La Brujita

Filho de Juan Ramón Verón, tricampeão da Libertadores pelo Estudiantes em 1970 e conhecido como La Bruja, Juan Sebastián Verón ficou conhecido depois como La Brujita. Volante de enorme técnica e grande visão de jogo, Verón foi um dos melhores na posição nos anos 1990 e 2000, tendo brilhado em clubes como Estudiantes, Sampdoria, Parma, Manchester United e Internazionale. Pela seleção argentina, Verón foi também um dos principais nomes de sua geração. Titular e um dos principais jogadores da Argentina na Copa de 1998, ao lado de Batistuta, Verón teve um bom desempenho na França. Melhor do que no mundial seguinte, em 2002, quando a Argentina foi eliminada na primeira fase. Seu desempenho ruim contra a Inglaterra, aliás, rende críticas até hoje (e valeu uma ferrenha discussão com um jornalista na época). Preterido pelo técnico José Pékerman em 2006 (que não quis levar alguns medalhões para a Alemanha), Verón voltou a jogar uma Copa em 2010, aos 35 anos. Não foi o mesmo de 12 anos antes, mas pôde participar de mais três jogos em mundiais. Depois disso, anunciou sua aposentadoria da seleção.

JUAN SEBASTIÁN VERÓN

Nascimento
9/3/1975
Nacionalidade
argentina
Posição
volante

3 Copas
11 jogos | 0 gol

Partidas

1998 (5 J | 0 G)
Argentina 1 x 0 Japão
Argentina 5 x 0 Jamaica
Argentina 1 x 0 Croácia
Argentina 2 x 2 Inglaterra (4 x 3 nos pênaltis)
Argentina 1 x 2 Holanda

2002 (3 J | 0 G)
Argentina 1 x 0 Nigéria
Argentina 0 x 1 Inglaterra
Argentina 1 x 1 Suécia

2010 (3 J | 0 G)
Argentina 1 x 0 Nigéria
Argentina 2 x 0 Grécia
Argentina 3 x 1 México

Verón em sua última Copa, em 2010

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

99º NAVAS

Homem de fé

Primeiro goleiro da Costa Rica a jogar no Real Madrid, Kelyor Navas, que desbancou Casillas para ser titular desde 2015, virou enredo de filme em seu país, intitulado *Hombre de fé*. Sua história, que já era espetacular, ganhou importância ainda maior após a Copa do Mundo de 2014, merecendo um espaço de destaque no seu filme. Com a pequena e desacreditada Costa Rica, Navas brilhou no Brasil. Na primeira fase, levou apenas um gol no grupo da morte, que tinha os ex-campeões Uruguai, Itália e Inglaterra, e ajudou os Ticos a passar na primeira colocação. Contra a Itália (1 x 0) e contra a Inglaterra (0 x 0), fechou o gol literalmente. Depois, nas oitavas de final, no empate por 1 x 1 com a Grécia, foi eleito o melhor em campo pela Fifa, assim como no jogo contra os ingleses. Mesmo não pegando uma cobrança nas penalidades, ajudou a seleção costa-riquenha a avançar para as quartas de final. Nela, contra a favorita Holanda, Navas novamente brilhou e segurou o 0 x 0 até o fim da prorrogação, sendo outra vez o melhor em campo. Nos pênaltis, não evitou a derrota da Costa Rica, mas saiu da Copa invicto, com apenas dois gols sofridos diante de fortíssimos adversários.

KEYLOR ANTONIO NAVAS GAMBOA

Nascimento
15/12/1986
Nacionalidade
costa-riquenho
Posição
goleiro

1 Copa
5 jogos | -2 gols

Partidas
2014 (5 J | -2 G)
Costa Rica 3 x 1 Uruguai
Costa Rica 1 x 0 Itália
Costa Rica 0 x 0 Inglaterra
Costa Rica 1 x 1 Grécia
(5 x 3 nos pênaltis)
Costa Rica 0 x 0 Holanda
(3 x 4 nos pênaltis)

Navas, uma espécie de super-homem na Costa Rica

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

O garçom alemão

Em 2007, o garoto Toni Kroos mostrou que tinha tudo para vir a ser um craque. Eleito o melhor jogador do Mundial Sub-17, foi também o mais jovem a entrar em campo pelo poderoso Bayern Munique. Talentoso, dono de um passe preciso e um ótimo domínio de bola, Kroos, porém, demorou um pouco para estourar de vez. Em 2010, foi para a Copa do Mundo da África do Sul, mas como reserva. Em 2012, na Euro, também não era ainda o titular absoluto. Na Copa de 2014, porém, o meia foi brilhante, chamando atenção pela excelente distribuição de jogo, quase sem erros. Na inesquecível vitória sobre o Brasil por 7 x 1 na semifinal, quando marcou dois gols em 2 minutos (aos 24 e 26 do primeiro tempo) e ainda deu uma assistência para Thomas Müller, Kroos foi eleito pela Fifa o melhor do jogo. Campeão, o jogador foi escolhido também para a seleção da Copa. Sua grande exibição no Brasil chamou a atenção do Real Madrid, que o levou para a Espanha logo após o mundial. Desde então, é peça fundamental na equipe que venceu duas Ligas dos Campeões, em 2016 e 2017. Pela seleção alemã, Kroos é também uma das principais atrações para a Copa do Mundo da Rússia em 2018.

TONI KROOS

Nascimento
4/1/1990
Nacionalidade
alemão
Posição
volante

2 Copas
1 título (2014) ★
11 jogos | 2 gols

Partidas

2010 (4 J | 0 G)
Alemanha 1 x 0 Gana
Alemanha 4 x 0 Argentina
Alemanha 0 x 1 Espanha
Alemanha 3 x 2 Uruguai

2014 (7 J | 2 G)
Alemanha 4 x 0 Portugal
Alemanha 2 x 2 Gana
Alemanha 1 x 0 Estados Unidos
Alemanha 2 x 1 Argélia
Alemanha 1 x 0 França
Alemanha 7 x 1 Brasil
Alemanha 1 x 0 Argentina

Kroos: não tem garçom melhor que ele

© ALEXANDRE BATTIBUGLI

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990)   **ROBERTO CIVITA (1936-2013)**

Conselho Editorial: Victor Civita Neto (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Alecsandra Zapparoli e Giancarlo Civita

Presidente do Grupo Abril: Arnaldo Figueiredo Tibyriçá

Diretora Editorial e Publisher da Abril: Alecsandra Zapparoli
Diretor de Operações: Fábio Petrossi Gallo
Diretor de Assinaturas: Ricardo Perez
Diretora da CASACOR: Lívia Pedreira
Diretora de Mercado: Isabel Amorim
Diretor de Planejamento, Controle e Operações: Edilson Soares
Diretora de Serviços de Marketing: Andrea Abelleira
Diretor de Tecnologia: Carlos Sangiorgio

Diretora Editorial - Estilo de Vida: Alecsandra Zapparoli

PLACAR

Colaboraram nesta edição:
Rodolfo Rodrigues (texto), L.E. Ratto (arte), Alexandre Battibugli e Ricardo Corrêa (foto) e Renato Bacci (revisão)
Controle Administrativo: Cristiane Pereira Atendimento ao Leitor: Sandra Hadich
CTI: André Luiz, Marcelo Tavares e Marisa Tomas
www.placar.com.br

PUBLICIDADE Cristiano Persona (Financeiro, Mobilidade, Imobiliário e Serviços Empresariais), Daniela Serafim (Tecnologia, Telecom, Saúde, Educação, Agro e Serviços), Júlio Tortorello (Beleza, Higiene, Varejo, Indústria, Pet, Mídia e Cultura), Renata Miolli (Alimentos, Bebidas e Turismo), Rafael Ferreira (Moda, Decoração e Construção), William Hagopian (Regionais), André Beck (Colaboração em Direção de Publicidade - Rio de Janeiro), Christiane Martinez (Agências de PR e Associações), George Fauci (Colaboração em Direção da Publicidade - Brasília) ASSINATURAS E VAREJO Daniela Vada (Atendimento e Operações), Ícaro Freitas (Varejo), Juliana Fidalgo (Gobox), Luci Silva (Relacionamento e Gestão Comercial), Patrícia Frangiosi (Comunicação), Rodrigo Chinaglia (Produtos), Wilson Paschoal (Canais de Vendas) ABRIL BRANDED CONTENT Sergio Gwercman MARKETING DE MARCAS Carolina Fioresi (Eventos), Cinthia Obrecht (Estilo de Vida e Femininas), Thaís Rocha (Veja e Vejinhas) ESTRATÉGIA DIGITAL Edson Ferrão, Thiago Barros (Relações com o Mercado) MERCADO/BI Rafael Gajardo SEO Isabela Sparandio PARCERIAS E TENDÊNCIAS Airton Lopes PRODUTO Leandro Castro e Pedro Moreno MARKETING CORPORATIVO Maurício Panfilo (Pesquisa de Mercado), Diego Macedo (Abril Big Data), Gloria Porteiro (Licenças), VÍDEO André Valsman (Colaboração em Direção de vídeo), Alexandre de Oliveira (Técnico e Editorial), Rudah Poran (Arte e Corporativo) e Silvio Navarro (Informação) DEDOC E ABRILPRESS Valter Sabino PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES Adriana Fávila, Adriana Kazan, Emiliene Pires e Renata Antunes RECURSOS HUMANOS Ana Kohl (Remuneração e Benefícios), Karina Victorio (Desenvolvimento Organizacional) e Patrícia Araujo (Consultoria Interna de RH) RELAÇÕES CORPORATIVAS Douglas Cantu (Gerente de Relações Públicas)

Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7.221, 20º andar, Pinheiros, São Paulo, SP, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000. Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: www.publiabril.com.br

---

PLACAR 1436 (EAN 7893614109862), ano 47, é uma publicação da Editora Abril. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. PLACAR não admite publicidade redacional.

Serviço ao Assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112 Demais localidades: 0800-775-2112
www.abrilsac.com

Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2145 Demais localidades: 0800-775-2145
www.assineabril.com.br

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO:
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens acesse: www.abrilstock.com.br

IMPRESSA NA GRÁFICA ABRIL
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP: 02909-900, São Paulo, SP

Presidente AbrilPar: Giancarlo Civita

Presidente do Grupo Abril: Arnaldo Figueiredo Tibyriçá

Diretor de Operações: Fábio Petrossi Gallo
Diretora Editorial e Publisher da Abril: Alecsandra Zapparoli
Diretor Superintendente da Gráfica: Eduardo Costa
Diretor Superintendente da Total Express: Bruno Tortorello
Diretor Comercial da Total Publicações: Osmar Lara
Diretora Jurídica: Mariana Macia
Diretora Corporativa de Recursos Humanos: Renata Valente

www.grupoabril.com.br